

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

LAÍS CRISTINA LINS BÊRBER CRESTANI

PRECARIZAÇÃO DO JORNALISMO

Brasília-DF

Julho/2016

LAÍS CRISTINA LINS BÊRBER CRESTANI

PRECARIZAÇÃO DO JORNALISMO

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, sob orientação do Professor Dr. David Renault.

Brasília-DF

Julho/2016

PRECARIZAÇÃO DO JORNALISMO

Laís Cristina Lins Bêrber Crestani

Orientador: Prof. Dr. David Renault da Silva

Brasília, julho de 2016

BANCA EXAMINADORA

Orientador Professor Dr. David Renault da Silva

Professor Dr. Carlos Eduardo Machado da Costa Esch

Professora Dr. Ana Caroline Kalume Maranhão

Suplente Prof. José Luis Silva

AGRADECIMENTOS

A todos os que sonham.

Em especial agradeço a orientação exemplar do professor David Renault e a todos os professores que fizeram parte da minha graduação. Agradeço aos meus amigos, à minha família, ao meu marido e ao meu filho. A Deus, porque sem ele nada é possível.

RESUMO

Este trabalho propõe discutir a precarização no mercado de trabalho jornalístico e da profissão de jornalista, buscando entender parte dos problemas e as consequências na vida dos profissionais. Nas últimas décadas o jornalismo vem passando por profundas transformações estruturais, decorrentes das inovações tecnológicas que obrigaram as empresas organizadas em torno dos veículos impressos a se adaptarem para concorrer com novos meios e plataformas noticiosas. O jornalista também precisou se adaptar a um mercado que exige de um mesmo profissional o exercício de múltiplas funções, muitas vezes, com uma carga excessiva de trabalho e baixos salários. São fatos que levam a precarização da profissão e instabilidade na carreira, obrigando o jornalista até mesmo a buscar outra alternativa profissional, como mostram depoimentos nesta monografia.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Precarização; Carreira jornalística; Diploma; Condições de trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. JUSTIFICATIVA.....	4
3. OBJETIVOS.....	6
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	6
4.1 Elaboração do tema.....	6
4.2 Proposta.....	6
4.3 Das entrevistas.....	8
4.4 Apuração.....	11
4.5 Realização das entrevistas.....	15
4.6 Redação.....	18
4.7 Cronograma.....	20
5. REFERÊNCIAS TEÓRICOS.....	21
5.1 Carreira.....	21
5.2 Carreira Jornalística.....	24
5.3 Para que diploma?	27
5.4 Precarização do Jornalismo.....	30
6. DEPOIMENTOS.....	39
7. CONCLUSÃO.....	52
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
APÊNDICE (consta em outro documento)	

1. INTRODUÇÃO

O mercado do jornalismo brasileiro vem sofrendo mudanças nos últimos anos, que acarretam na precarização da profissão jornalismo (MARCONDES FILHO, 2009; SANT'ANNA, 2006). Precarização aqui é entendida como um conjunto de fatores relativos às condições de trabalho que torna difícil o exercício pleno da prática profissional (DANTAS, 2014, p.17). São seis os tipos de precarização do trabalho, mapeados por (DRUCK, 2011, p. 37-55): 1) vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais; 2) intensificação do trabalho e terceirização; 3) insegurança e saúde no trabalho; 4) perda das identidades individual e coletiva; 5) fragilização da organização dos trabalhadores, implicando na pulverização dos sindicatos e 6) condenação e o descarte do Direito do Trabalho, retirando os encargos sociais elevados (direitos sociais e trabalhistas). Para este trabalho destacamos o segundo tipo, que tem levado a condições às vezes extremamente precárias, por meio da intensificação do trabalho, com a imposição de metas inalcançáveis, extensão da jornada de trabalho, com a exigência de que no exercício da profissão haja a capacidade de desenvolver múltiplas tarefas.

O ofício do jornalista é uma atividade que depende do trabalho manual, intelectual e da ética jornalística ensinada primordialmente na graduação: o jornalista captura o dado bruto, analisa, checa, interpreta e molda a informação para que ela seja entregue ao público. Entre a maioria dos profissionais, há consenso de que o fim da exigência do diploma para o exercício da profissão é mais um fator de precarização. Desde 2009, de acordo com decisão do Supremo Tribunal Federal, não há mais na legislação brasileira a exigência do diploma, estabelecida em 1969. O Supremo entendeu que o artigo 4º, inciso V, do Decreto-Lei 972/1969¹, baixado

¹ BRASIL. **Decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969**. Dispõe sobre exercício da profissão de jornalista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0972.htm>. Acesso em: 01 fev. 2016.

Art. 4º O exercício da profissão de jornalista requer prévio registro no órgão regional competente do Ministério do Trabalho e Previdência Social que se fará mediante a apresentação de:

V - diploma de curso superior de jornalismo, oficial ou reconhecido registrado no Ministério da Educação e Cultura ou em instituição por este credenciada, para as funções relacionadas de " a " a " g " no artigo 6º.

Art. 6º As funções desempenhadas pelos jornalistas profissionais, como empregados, serão assim classificadas:

a) Redator: aquele que além das incumbências de redação comum, tem o encargo de redigir editoriais, crônicas ou comentários;

b) Noticiarista: aquele que tem o encargo de redigir matéria de caráter informativo, desprovida de apreciação ou comentários;

durante o regime militar, não foi recepcionado pela Constituição Federal (CF) de 1988 e que as exigências nele contidas ferem a liberdade de imprensa e contrariam o direito à livre manifestação do pensamento inscrita no artigo 13² da Convenção Americana dos Direitos Humanos, também conhecida como Pacto de San Jose da Costa Rica.³

c) Repórter: aquele que cumpre a determinação de colher notícias ou informações, preparando-a para divulgação;

d) Repórter de Setor: aquele que tem o encargo de colher notícias ou informações sobre assuntos pré-determinados, preparando-as para divulgação;

e) Rádio Repórter: aquele a quem cabe a difusão oral de acontecimento ou entrevista pelo rádio ou pela televisão, no instante ou no local em que ocorram, assim como o comentário ou crônica, pelos mesmos veículos;

f) Arquivista-Pesquisador: aquele que tem a incumbência de organizar e conservar cultural e tecnicamente, o arquivo redatorial, procedendo à pesquisa dos respectivos dados para a elaboração de notícias;

g) Revisor: aquele que tem o encargo de rever as provas tipográficas de matéria jornalística;

² TRATADO INTERNACIONAL. **Convenção americana de Direitos Humanos** – Pacto de San José da Costa Rica. 1969. Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/sanjoose.htm>. Acesso em: 13 fev. 2016.

Artigo 13 - Liberdade de pensamento e de expressão

1. Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito inclui a liberdade de procurar, receber e difundir informações e ideias de qualquer natureza, sem considerações de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha.

2. O exercício do direito previsto no inciso precedente não pode estar sujeito à censura prévia, mas a responsabilidades ulteriores, que devem ser expressamente previstas em lei e que se façam necessárias para assegurar:

a) o respeito dos direitos e da reputação das demais pessoas;

b) a proteção da segurança nacional, da ordem pública, ou da saúde ou da moral públicas.

3. Não se pode restringir o direito de expressão por vias e meios indiretos, tais como o abuso de controles oficiais ou particulares de papel de imprensa, de frequências radioelétricas ou de equipamentos e aparelhos usados na difusão de informação, nem por quaisquer outros meios destinados a obstar a comunicação e a circulação de idéias e opiniões.

4. A lei pode submeter os espetáculos públicos a censura prévia, com o objetivo exclusivo de regular o acesso a eles, para proteção moral da infância e da adolescência, sem prejuízo do disposto no inciso 2.

5. A lei deve proibir toda propaganda a favor da guerra, bem como toda apologia ao ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitamento à discriminação, à hostilidade, ao crime ou à violência.

³ BRASIL. **Supremo Tribunal Federal**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

Embora atualmente não seja exigido o diploma, a ampla maioria dos jornalistas brasileiros defende a formação superior específica em jornalismo para o exercício da profissão, segundo a pesquisa da Federação Nacional dos Jornalistas⁴ (FENAJ) de 2012, *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país*. Essa não exigência de graduação para o exercício da profissão acentua a precarização, pois abre espaço para o trabalho de não graduados ou diplomados em outras áreas de atuação, que publicam matérias como se fossem jornalistas formados.

Baixos salários e carga horária excessiva são apontados na pesquisa da FENAJ como fatores para a precarização da profissão. Nada menos que 65,5% das mulheres e 50% dos homens possuem renda inferior a cinco salários mínimos, 40,3% dos entrevistados trabalham entre 8 e 12 horas por dia e 8% mais de 12 horas. A pesquisa aponta também que 25% dos jornalistas que atuam na mídia são *freelancers*, contratados como prestadores de serviços ou como pessoas jurídicas - fenômeno conhecido como “pejotização”. De acordo com artigo publicado no site Âmbito Jurídico, a pejotização é adotada por empregadores que contratam pessoas físicas como jurídicas a fim reduzir custos como, por exemplo, pagamento de INSS, depósito do FGTS e seguro-desemprego.

Esse cenário atual evidencia a precarização da jornada de trabalho do jornalista com cortes, reestruturações de equipes e produtos, jornadas excessivas, acúmulo de funções e baixos salários, dentre outros (DRUCK, 2011, p.37-55). A proposta deste trabalho é buscar entender parte do universo de precarização relacionada a carreira jornalística e suas consequências na vida do jornalista. Como parte do trabalho, há relatos de quatro pessoas que cursam ou cursaram Jornalismo em instituição de ensino superior, ilustrativos de como a precarização afeta suas carreiras. Nesses relatos, utilizados parcialmente também quando se discutem questões como a carreira, a exigência do diploma e o próprio mercado de trabalho, é possível verificar as expectativas dos entrevistados e as razões para não permanecerem atuantes no Jornalismo.

⁴ *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país*. Alexandre Bergamo, Jacques Mick (Coord.) e Samuel Lima. 2012. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSC, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ. Apoio Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPIJ. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBJor.

2. JUSTIFICATIVA

Um jovem de 17 ou 18 anos, quando vai decidir qual carreira seguirá, está provavelmente tomando, até esse momento, a decisão mais difícil de sua vida. Ainda mais com o aumento do número de cursos oferecidos, sem contar com a pressão familiar que pode contribuir ainda mais para a indecisão. A escolha da profissão, muitas vezes, está relacionada com a facilidade para determinadas matérias cursadas no ensino médio, o que pode ser um equívoco, pois o mercado de trabalho é muito diferente da vida de estudante.⁵ Por isso, é essencial que o jovem saiba com afinco sobre mercado de trabalho da profissão desejada e não se baseie apenas em relatos de pessoas próximas ou palestras organizadas pela escola.

Além disso, no mercado de trabalho jornalístico estão ocorrendo demissões em massa nos últimos anos, que, segundo a autora da matéria publicada em 2015 no site OPINIÃO & NOTÍCIA, Melissa Rocha “se tornaram uma realidade constante nas redações dos veículos de comunicação do país.”⁶ Esses cortes ocorrem independentemente da linha editorial, afetando jornais impressos, portais, emissoras de televisão e de rádio. “As demissões, muitas vezes, miram os jornalistas mais antigos, com mais experiência, que acabam substituídos por outros, mais novos e com salários mais baixos. Essa tendência corta uma corrente fundamental para o bom funcionamento das redações: a inovação dos jornalistas mais novos somada à experiência dos mais antigos”⁷. Uma das consequências é a perda da qualidade da informação jornalística.

Uma das formas de precarização da profissão é a contratação de pessoa física como jurídica, vista pelos sindicatos e Federação Nacional dos Jornalistas como uma clara tentativa de burlar a legislação trabalhista e que pode implicar em uma carga horária excessiva de trabalho, já que não há controle de ponto. A não exigência do diploma, por sua vez, abre portas para diplomados em áreas distintas do jornalismo e baixos salários. Se essa precarização é uma realidade, merece ser publicizada pelos orientadores de profissão para alunos de segundo grau,

⁵ UNIVERSITÁRIO VESTIBULARES. Disponível em: <<http://www.universitariovestibulares.com.br/Conteudo.aspx?IDConteudo=25>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

⁶ ROCHA, M. Demissões em massa: seria o fim do jornalismo? **Opinião e Notícia**, São Paulo, set, 2015. Disponível em: <<http://opinioenoticia.com.br/brasil/demissoes-em-massa-seria-o-fim-do-jornalismo/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

⁷ ROCHA, M. Demissões em massa: seria o fim do jornalismo? **Opinião e Notícia**, São Paulo, set, 2015. Disponível em: <<http://opinioenoticia.com.br/brasil/demissoes-em-massa-seria-o-fim-do-jornalismo/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

de forma a melhor informar aos que pensam em seguir o Jornalismo e pelos próprios jornalistas e sindicatos, a fim de entender corretamente todo o processo e de buscar maneiras de valorizar o trabalho jornalístico e a carreira.

A escolha do tema para conclusão do curso também está muito relacionada com a minha vida pessoal. No ensino médio, nunca soube direito o que gostaria de fazer na faculdade, mas sempre gostei muito da área da saúde. Assim, cursei Biomedicina no UniCEUB por um tempo. Na metade do curso, perdi o interesse e resolvi tentar Medicina. Durante três anos fiz curso pré-vestibular, não tive vida social e perdi muitos “amigos”. No último ano do cursinho, quando já estava no meu limite, decidi mudar de rumo. No vestibular 2/2012 da UnB passei em primeiro lugar para Comunicação Social (com nota para Medicina). De maneira nenhuma me arrependo.

A comunicação me faz muito feliz. Aprender técnicas de escrita, cortar palavras, saber como se comunicar, como abordar pessoas e todas as técnicas e aprendizado que o curso fornece me tornaram uma pessoa melhor. A graduação faz diferença na vida de um jornalista e sou grata à Comunicação neste ponto. Eu já pensava em qual tema escolher para o projeto final, mas nunca tive a real certeza, pois, afinal, não são todos que estão dispostos a escrever sobre realidade da precarização do jornalismo e os motivos que levam a mudança de profissão de vários profissionais.

Em uma aula da disciplina *Pré-projeto em Jornalismo*, no sétimo semestre do curso, o professor Fábio Pereira proferiu uma palestra fascinante sobre o mercado de trabalho jornalístico e comentou sobre pessoas que não atuavam na área de formação. Interessei-me muito, já que havia desistido do meu primeiro curso de graduação, Biomedicina. Nessa palestra, o professor falou sobre a precarização do jornalismo e o trabalho de pesquisa nessa linha que desenvolve na pós-graduação da Faculdade de Comunicação, o que foi muito interessante. Muitos alunos o questionaram o motivo daquela palestra não ter sido proferida no início do curso, já que o tema é relevante antes que o aluno esteja prestes a se formar. Posso arriscar que alguns colegas perderam a magia da profissão e o glamour das redações naquele instante. Esta consciência da realidade do mercado de trabalho ofertado ao jornalismo deveria ser mais clara, não só no início da faculdade, mas também, como já disse anteriormente, por orientadores vocacionais profissionais.

3. OBJETIVOS

Objetivo geral e específico

O objetivo geral deste trabalho é perceber a precarização no mercado de trabalho jornalístico e da profissão de jornalista.

O objetivo específico é, por meio de uma monografia, perceber parte do universo que envolve o jornalismo, a profissão e suas consequências na vida do jornalista. Para tanto, apresentamos também depoimentos de profissionais que atuaram no mercado de trabalho e decidiram mudar de profissão devido às precárias condições de trabalho.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS

A fim de elaborar a monografia, foi necessário dividir as etapas de produção e aprendizagem para obtenção de um resultado de forma mais clara. Assim, as fases para a construção da monografia foram:

4.1 ELABORAÇÃO DO TEMA

A elaboração do tema foi o resultado de questionamentos da autora sobre a precarização do mercado de trabalho jornalístico e suas consequências na vida dos profissionais, especialmente a mudança de profissão.

4.2 PROPOSTA

Inicialmente, a primeira ideia era discutir o problema da precarização e fazer alguns perfis de profissionais do jornalismo, perfis entendidos aqui como o esboço conciso de uma

vida, “por meio de anedota, incidente, entrevista e descrição” (Remnick, 2001: x, apud PANIAGO, 2008). A bibliografia disponível indica que a condução de narrativas para a composição de perfis ocorre por meio de personagens, aproximando, assim, o perfil da narrativa de cunho literário. Um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico — o ser humano em sua trajetória através da vida —, com destaque não para os eventos nos quais esse humano se envolve, mas para a visão de mundo que a pessoa certamente possui, chama-se perfil. Entre as características do gênero jornalístico perfil, existem os seguintes levantamentos: o ser humano deve ser tratado na sua complexidade de vida e não de modo distanciado, pois ele tem família, relações de amizade, trabalho e passado, por exemplo. O drama humano pode ser representado por pessoas comuns, o perfil não precisa ser apenas de pessoas famosas ou reconhecidas publicamente (PANIAGO, 2008:25).

Uma variante do conceito ocorre com a multiplicação de perspectivas de um mesmo evento, provocada por personagens diferentes, mas que de alguma forma estão ligados a ele pelas circunstâncias. Um perfil se diferencia da biografia por ser mais efêmero, assumindo a precariedade como elemento constitutivo. No perfil, não se deseja dar um retrato completo da pessoa tornando, assim, o momento do registro quase instantâneo. Desta maneira, o sujeito poderá ter outros perfis, porque a mudança é parte da dinâmica humana. Pessoas são surpreendentes, é impossível compreendê-las em sua totalidade (PANIAGO, 2008).

Partindo desse conceito, buscou-se somar esta definição de perfil ao conceito de depoimento, que, de acordo com texto publicado por Felipe Araújo no site Infoescola⁸, é um testemunho, uma narração real e circunstanciada que se faz em juízo. A opção deste trabalho foi utilizar a metodologia de entrevistas em profundidade, “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008, p. 62). Conforme Duarte (2008), essas entrevistas geralmente são individuais, mas não obrigatoriamente. Realizamos as sessões de entrevista com uma fonte por vez, no intuito de obter respostas espontâneas o tanto quanto possível. Esse tipo de entrevista permite a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever o fenômeno, no caso do projeto, da precarização e da mudança de profissão. Portanto, esse somatório foi utilizado a fim de dar mais leveza ao texto final,

⁸ARAÚJO, F. Gêneros Jornalísticos. **Infoescola, Navegando e Aprendendo** - <http://www.infoescola.com/jornalismo/generos-jornalisticos/> acesso em 11 de abril de 2016.

resultando em um depoimento menos rígido e mais leve, a partir da experiência e visão pessoal do entrevistado.

4.3 DAS ENTREVISTAS

Para levantar possíveis entrevistados que pudessem colaborar com a discussão sobre precarização, foi elaborado um questionário que foi publicado na rede social (Facebook). Também houve contato com amigos que pudessem conhecer pessoas que vivenciaram a precarização no jornalismo e decidiram mudar de profissão.

Inicialmente, o questionário foi postado nas seguintes Comunidades:

- ✓ Blogueiros e Jornalistas Blogueiros de Brasília;

<https://www.facebook.com/groups/blogueirosdebrasil/>

- ✓ Estudantes de jornalismo;

<https://www.facebook.com/groups/138320129685232/?fref=ts>

- ✓ Professores Jornalismo;

<https://www.facebook.com/groups/4877330137/?fref=ts>

- ✓ Jornalistas Concurseiros;

<https://www.facebook.com/groups/JornalistasConcurseiros/?fref=ts>

- ✓ Pós-Graduação em Comunicação – UNB;

<https://www.facebook.com/groups/157001247762988/?fref=ts>

- ✓ Jornalismo sem Fronteiras;

<https://www.facebook.com/groups/306574616091920/?fref=ts>

- ✓ Jornalistas e assessores;

<https://www.facebook.com/groups/jornalistaseassessores/?fref=ts>

- ✓ Comunicação UnB;

<https://www.facebook.com/groups/364069036941384/>

- ✓ Estudantes de Comunicação do Distrito Federal;

https://www.facebook.com/groups/130415840448442/?ref=br_rs

- ✓ Vagas para jornalistas.

https://www.facebook.com/groups/2100864413386163/?ref=br_rs

O levantamento se deu por perguntas semi-estruturadas com respostas semi-abertas.

As perguntas do questionário foram:

1. Nome? Idade?
2. Onde você estudava no ensino médio?
3. Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?
4. Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?
5. Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?
6. Por que Jornalismo?
7. O que significa jornalismo na minha vida?
8. Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?
9. Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?
10. Chegou a fazer estágio em jornalismo?
11. Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?
12. Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?
13. Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos) Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

14. Hoje, atua em outra profissão?
15. Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?
16. Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?
17. Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?
18. Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?
19. Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Inicialmente, o questionário teve poucas adesões; foi complicado achar pessoas que se dispusessem a falar e não colocassem respostas para desmoralizar o propósito deste projeto, com respostas do tipo “muito sexo”, “pouco sexo”. Alguns responderam e, chegando à pergunta sobre o abandono da profissão, abandonaram o questionário. Também houve a resposta de uma caloura de uma faculdade localizada em Brasília, que gostaria de conversar para sanar dúvidas sobre a experiência de ser jornalista. Fato curioso para ser colocado em um questionário sobre mudança de profissão. Outros calouros responderam indicando que possuíam muitas expectativas em relação ao mercado de trabalho da profissão. À medida do tempo, as postagens no Facebook foram atualizadas, pelo menos sete vezes, para atrair novas pessoas.

Laís Bérber Crestani
3 de outubro de 2015 · Brasília

Por que eu escolhi o Jornalismo? O que o jornalismo significa na minha vida? Por que não atuo na profissão?
Cada pessoa é diferente, tem escolhas e histórias diferentes e é isso que me motivou a escrever perfis como Trabalho de Conclusão de Curso. O meu objetivo é descobrir o porquê de uma realidade muito comum em todas as profissões: a mudança de profissão.
Gostaria de conhecer sua história, seus motivos, e como se sente. Obrigada por responder o questionário e me contar um pouco da sua história. 😊

O que significa Jornalismo na minha vida?
Olá, obrigada por me ajudar no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Eu gostaria de saber um pouco da sua história, não se prenda somente as perguntas, pode deixar fluir.
Meu objetivo é saber sobre uma realidade muito comum: a mudança de profissão. Gostaria de fazer um perfil e descobrir os motivos diversos que levou a decisão de atuar em outra área. Cada pessoa é diferente e única, tem dons, talentos e vontades distintos e isso é o que torna fantástica a ideia de construir perfis sobre essas histórias.
Mais uma vez, muito obrigada por colaborar com meu Trabalho de Conclusão de Curso. :)

* Required

Nome e idade? **

Onde você estudava no ensino médio?

O que significa Jornalismo na minha vida?
Olá, obrigada por me ajudar no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Eu gostaria de saber um pouco da sua história, não se prenda somente as perguntas, pode deixar fluir. Meu objetivo é saber sobre uma realidade muito...

DOCS.GOOGLE.COM

12 curtidas 4 comentários

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

4.4 APURAÇÃO

Nesta pesquisa exploratória, há um universo de 31 respostas ao questionário (disponíveis no anexo deste trabalho). Essas 31 respostas foram divididas em dois grupos: os que fizeram estágio em Jornalismo durante a graduação (Grupo I) e os que não fizeram estágio em Jornalismo durante a graduação (Grupo II). Detalhe importante é que para a graduação em Jornalismo, o estágio não é obrigatório durante o curso, de acordo com a legislação anterior, podendo, assim, existir pessoas formadas que nunca vivenciaram o mercado de trabalho jornalístico. As novas Diretrizes Curriculares para os cursos de Jornalismo, já em vigor, tornaram o estágio supervisionado obrigatório.

No grupo daqueles que já fizeram estágio em jornalismo existem 24 pessoas (23 formadas na área e 1 terminando a graduação). Dentre elas há desempregadas, as que mudaram de profissão e não atuam mais no jornalismo, as que conciliam a profissão de formação com outra e as que atuam no mercado de trabalho jornalístico. Os dados da pesquisa estão apresentados abaixo.

Do universo 24 pessoas que fizeram estágio em jornalismo:

- 5 estavam desempregadas (20,833%);
- 2 pessoas atuam em outra área e conciliam com o jornalismo (8,333%);
- 13 pessoas não atuam na área jornalística, possuindo outro emprego (54,167%);
- 4 pessoas atuam no jornalismo (16,667%).



No grupo de pessoas que não fizeram estágio durante a graduação em Jornalismo, existem 7 pessoas, das quais seis não se formaram. Há casos de pessoas que não trabalham como jornalistas, que não sabem se vão seguir a profissão após a graduação, que não possuem opinião formada sobre continuar ou não na área e estão se graduando ainda e finalmente que atuam como jornalistas.

Os dados apresentados se revelam preocupantes, na medida em que mostram que do total de 31 entrevistados, 18 pessoas atuam em outra área que não o jornalismo, ou estão desempregadas, totalizando 58,06% das pessoas que responderam voluntariamente o questionário. Esse dado pode revelar que a rotina exigida ao profissional de jornalismo seja exaustiva, que haja muita demanda, pouca recompensa salarial e direitos trabalhistas não respeitados, como mostra a Pesquisa mais recente da FENAJ de 2012, já mencionada ao longo deste trabalho, principalmente na seção de *precarização*.

Como o objetivo é falar sobre a precarização, optou-se por selecionar pessoas do grupo I, ou seja, que já fizeram estágio em Jornalismo, para poder explicar sua visão pessoal sobre o mercado de trabalho da profissão. Assim, do universo de 24 respostas, apenas 15 foram consideradas para este trabalho, por se tratar de pessoas que mudaram de carreira ou decidiram prestar concursos públicos, possuindo outra profissão ou não desejando atuar no jornalismo na área privada. Os depoimentos dos entrevistados ajudam a entender os motivos do desencanto com a profissão e até que ponto a precarização da profissão é o principal. A fim de retratar as características singulares de cada entrevistado, foram selecionadas respostas de acordo com o que foi escrito no questionário, pessoas que escreveram maiores relatos de sua vida pessoal foram novamente selecionadas, resultando assim em 9 entrevistas feitas entre homens e mulheres. As experiências pessoais selecionadas “não simplesmente arrolam acontecimento após acontecimento na vida de uma pessoa, mas retiram dali algum tipo de compreensão” (PANIAGO, 2008). Compreensão aqui entendida como a busca da verossimilhança com a realidade do mercado de trabalho jornalístico e suas exigências.

As entrevistas foram todas gravadas e ocorreram principalmente durante os finais de semanas por meio de chamadas locais e interurbanas, entrevistas pessoais e uso do aplicativo Skype para chamadas internacionais (em locais como Londres). A percepção comum ao longo dos levantamentos e das entrevistas é um descontentamento geral com o salário *versus* entrega profissional, fatores esses que levaram a não realização profissional. A queixa se deve, basicamente, ao fato de o salário não ser condizente com a quantidade de tempo demandada

por dia para a profissão. Isso acarretou, no geral, em frustração e na vontade de mudar de profissão, mesmo em casos em que o entrevistado afirma que gostaria de continuar sendo jornalista.

As queixas remetem a afirmações, como: “Acho que ser jornalista é uma das carreiras mais sem futuro que existem.” ou que “o mercado é extremamente competitivo, pequeno e pouco recompensador, do ponto de vista material ou social.” É constante a reclamação de se trabalhar além do horário estabelecido de serviço, sem o devido recebimento de hora-extra. A “profissão de muita luta e pouco reconhecimento. Se tiver a veia para coisa, vá em frente, mas se pensa em mudar o mundo e ganhar grana, cai fora”. Reclama-se da própria formação - “a minha sensação era de que todos estariam preparados para entrar no mercado” e da questão do diploma: “Não faça isso. Não precisa estudar para ser jornalista. Você tem que amar e ser bom no que faz. Estude algo que possa ser um bom plano B.”

Esta pesquisa exploratória (GIL, 2010, p. 27), com o objetivo de proporcionar uma visão geral sobre a precarização do jornalismo, pretendeu verificar se aspectos apontados nos estudos de Graça Druck (2011) se comprovam, no que diz respeito à precarização da atividade jornalística, por meio da intensificação do trabalho e extensão da jornada de trabalho. Também destacamos, com base na mesma autora, nesse processo de precarização da profissão, o descarte do Direito do Trabalho (DRUCK, 2011, p.52-54), retirando os encargos sociais elevados (direitos sociais e trabalhistas), por meio da contratação de pessoas físicas como jurídicas, fenômeno considerado ilegal - quando há tentativa de burlar direitos trabalhistas - conhecido como “pejotização”.

O critério de seleção dos nove entrevistados adotado é fundamentado na experiência pessoal deles em estágios ou empregos na profissão Jornalismo e o porquê do seu abandono profissional. A questão do abandono é baseada apenas em fatos relacionados ao Jornalismo e não somente em questões externas não ligadas à área, como, por exemplo, a saúde do entrevistado, que acarretaria em seu afastamento da profissão.

Os depoimentos e contatos iniciais mostraram ser mais fácil aprofundar as entrevistas com as mulheres, e em função da disponibilidade em repetir os contatos. A escolha final de pessoas apenas do sexo feminino sustenta-se no fato de que o universo dos jornalistas brasileiros, segundo os dados da pesquisa realizada pela FENAJ (2012) sobre o perfil da categoria, é composto majoritariamente por mulheres, sendo que 65,5% delas possuem os menores salários.

Além disso, a autora seguiu a orientação de professores de graduação da Faculdade de Comunicação da UnB para buscar questões de gênero mais evidentes no sexo feminino, como o desejo de ser mãe ou tempo disponível para a família, que pudessem ser somadas à precarização da profissão.

Resultado da pesquisa da FENAJ (2012) - jornalistas mulheres por faixa etária:

- 18 a 22 anos: 11%
- 23 a 30 anos: 48%
- 31 a 40 anos: 21,9%
- 41 a 50 anos: 11,1%
- Acima de 51 anos: 8%

Assim, quatro depoimentos foram selecionados. Duas mulheres de Brasília, capital federal, local onde há boas oportunidades de emprego e um dos maiores salários, de acordo com o piso salarial divulgado no site da FENAJ⁹. E duas mulheres de São Paulo, o principal centro industrial, corporativo e financeiro da América do Sul. Mulheres que já fizeram estágios na área e que ao longo do processo foram se desmotivando com a profissão; ou após um currículo ‘generoso’, intercâmbios e pós-graduação, não obtiveram o reconhecimento equiparado ao esforço despendido na qualificação profissional.

As entrevistas finais selecionadas para este trabalho foram:

Anna Luiza Félix – nasceu em 27 de maio de 1993. Coursou Comunicação Social na Universidade de Brasília, habilitação jornalismo. Trabalhou na *Procuradoria Geral da Fazenda Nacional* e no *Correio Braziliense*.

Gabriela Petkovic – nasceu em 5 de setembro de 1984. Coursou Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo. Trabalhou na revista *Mooca em revista*, na UNESCO, para o site *Biotec AHG*, para o site *Bares SP* e na assessoria de imprensa *Texto & Imagem* e fez pós-graduação em Marketing e Comunicação Publicitária na *Cásper Líbero*.

Isabelle Gertrudes – nasceu em 28 de fevereiro de 1983. Coursou Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo. Trabalhou na *Cátedra Celso Daniel*, fez intercâmbio no

⁹ FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Piso salarial.** Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php>> Acesso em: 3 fev 2016.

Canadá e na França. Na França, fez uma pós-graduação na especialidade de impressos, trabalhando em dois jornais franceses. Fez também intercâmbio na China. No Brasil, trabalhou na *Agência France Presse*, fez diversos freelances, trabalhou em uma ONG criada pelo jornalista Gilberto Dimenstein, chamada *Associação Cidade Escola Aprendiz*, e no *Diário do Grande ABC*.

Mariana Pizarro - nasceu em 27 de fevereiro de 1991. Kursou Comunicação Social na Universidade de Brasília. Trabalhou na *Secretaria de Comunicação da UnB*, na *Câmara dos Deputados*, no *Correio Braziliense* e no *Banco do Brasil*.

Destaque-se que, por uma decisão metodológica, parte dos depoimentos colhidos com as entrevistadas foram utilizados para ilustrar, com suas opiniões, trechos deste trabalho que discutem assuntos fundamentais para a profissão de jornalista, como a obrigatoriedade do diploma, carga horária de trabalho, o estágio e o abandono do jornalismo.

4.5 REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Após essa primeira seleção na apuração, foram realizadas outras entrevistas com as pessoas selecionadas. A entrevista é “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa” (MEDINA, 1986 apud JORGE, 2008). Segundo Thaís Jorge, no livro *Manual do Foca* (2008), no capítulo “A entrevista”, entrevistas dependem do momento e podem ser de três tipos:

- Ocasional: “qualquer pessoa pode ser colhida por uma indagação e muitas vezes não sabe que está sendo entrevistada, como não é acertada previamente, é a urgência ou a necessidade que leva a esse tipo de entrevista, em que você pode colher a pessoa de surpresa.”
- Temática: “você tem um tema que está perseguindo e procura especialistas para ajudá-lo.”

- Entrevista em profundidade: “você deve tentar se aprofundar nos assuntos, procurar conhecer os entrevistados com antecedência, a fim de apreender todos os sentidos do diálogo.”

Entre os tipos de entrevistas citados pela autora estão:

- A entrevista-rito: “frases respondidas pelos jogadores de futebol e de outros esportes, pelas misses, pelos atores-ganhadores de Oscar, etc. Em geral, para as perguntas há sempre uma resposta padrão.”
- Entrevista anedótica: “típica dos *talk shows* – as entrevistas de TV – faz piada com as respostas dos entrevistados. Tem um tom jocoso e o entrevistador busca sempre a anedota picante. Jô Soares, com seu programa de televisão, é um exemplo típico de quem procura valorizar os aspectos engraçados ou pitorescos dos convidados.”
- Entrevista diálogo: “é a entrevista verdadeira, com contribuições de ambas as partes. Diversas vezes, é preciso *tricotar* um pouco com o entrevistado, para fazê-lo relaxar; de outras, um elogio surte efeito e você consegue deixá-lo à vontade. Ou você fala de si e ele resolve se abrir. Ele pode começar, por exemplo, contando a própria trajetória.”
- Confissões: “é o depoimento ou a entrevista testemunhal, na qual o entrevistador se apaga para deixar falar o outro, muitas vezes num desabafo emocionado. Todo o depoimento vem entre aspas, com uma breve abertura para introduzir o assunto.”

Para Luiz Amaral, no livro *Jornalismo, matéria de primeira página* (1997, p.126-127), existem três tipos de entrevista: noticiosa, opinativa e de atualidade.

- Noticiosa: “é quando o entrevistado tem informação importante a dar e é interrogado exclusivamente sobre ela. Exemplo: entrevista com o ministro sobre nova portaria ou com presidente da CBD sobre a convocação do selecionado brasileiro.”
- Opinativa: “é geralmente solicitada a especialistas sobre um tema em debate. Exemplo: entrevista com um economista famoso sobre as últimas medidas financeiras do governo.”
- Atualidade: é aquela em que o entrevistado se dispõe a abrir um pouco sua alma e a exteriorizar seus gostos, anseios, preferências e opiniões. Exemplo: entrevista

com uma vedete do esporte, da política ou da literatura, sobre sua especialidade ou assuntos gerais e destinada a mostrar algo de sua personalidade. A entrevista deve ter sempre uma ligação com a atualidade.”

O embasamento adotado no trabalho foi utilizar a entrevista em profundidade, a fim de conhecer melhor o entrevistado, somado a questão da confissão, pois a ideia principal é relatar/testemunhar a experiência vivida pelas entrevistadas sobre a precarização da profissão jornalismo. Sendo o tipo da entrevista relacionada ao critério de Luiz Amaral - atualidade - pois exteriorizando a opinião das entrevistadas sobre o tema desta monografia. A metodologia utilizada foi a entrevista em profundidade, que, segundo Jorge Duarte, serve para que se recolham respostas a partir da experiência de uma fonte, representando uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008, p. 62). Conforme já mencionado ao longo desta monografia, de acordo com Duarte (2008), essas entrevistas geralmente são individuais, mas não obrigatoriamente. Realizamos as sessões de entrevista com uma fonte por vez, no intuito de obter respostas espontâneas o tanto quanto possível. Esse tipo de entrevista permite a identificação de diferentes maneiras de perceber e descrever o fenômeno, no caso do projeto, da precarização e da mudança de profissão.

Para o Jorge Duarte, pesquisas qualitativas podem ter questões não estruturadas ou semiestruturadas; a entrevista pode ser semiaberta ou aberta, podendo existir uma questão central ou um roteiro. Deste modo, durante a abordagem as respostas são indeterminadas. Já em pesquisas quantitativas, a entrevista é fechada e baseada em questões estruturadas com abordagem linear, seguindo o modelo de questionário, assim as respostas já são previstas anteriormente. Assim, as entrevistas eram gravadas e as questões possuíam o roteiro semiestruturado do questionário já apresentado, como suporte.

Porém, para não correr o risco de esgotá-las, a lista de questões-chave pôde ser alterada ao longo da entrevista, de acordo com as respostas dos entrevistados. Fato bastante natural nesta técnica de entrevista em profundidade, a fim de tratar com mais amplitude o tema proposto neste projeto. A escolha da entrevista em profundidade foi proposta para recolher respostas voluntárias sem serem forçadas, a partir da experiência dos perfilados (DUARTE, 2008).

Diversas entrevistas com cada pessoa foram realizadas durante encontros, por meio de Skype ou ligações interurbanas, de forma a obter o melhor conteúdo possível para este trabalho.

Por isso, o resultado da construção dos depoimentos se deu a partir da visão do entrevistado sobre ele mesmo e sobre suas experiências no mercado de trabalho jornalístico.

4.6 REDAÇÃO

A fim de não ter um depoimento linear da vida dos entrevistados desde a data de nascimento até os fatos mais importantes, seguindo literalmente a ordem cronológica dos acontecimentos, com nome, data de nascimento, onde estudou no ensino médio, onde estudou no ensino superior e o que aconteceu naquele momento (essa primeira versão dos depoimentos encontra-se no apêndice deste trabalho), foram utilizados critérios de construção de perfis somado ao depoimento exclusivamente pessoal de cada fonte, buscando um relato mais leve e dinâmico. Escrever exige muita transpiração e dedicação, pois de acordo com o escritor Mário de Andrade (1893-1945) “A inspiração não é de todos os instantes. Só os loucos têm inspiração permanente”.

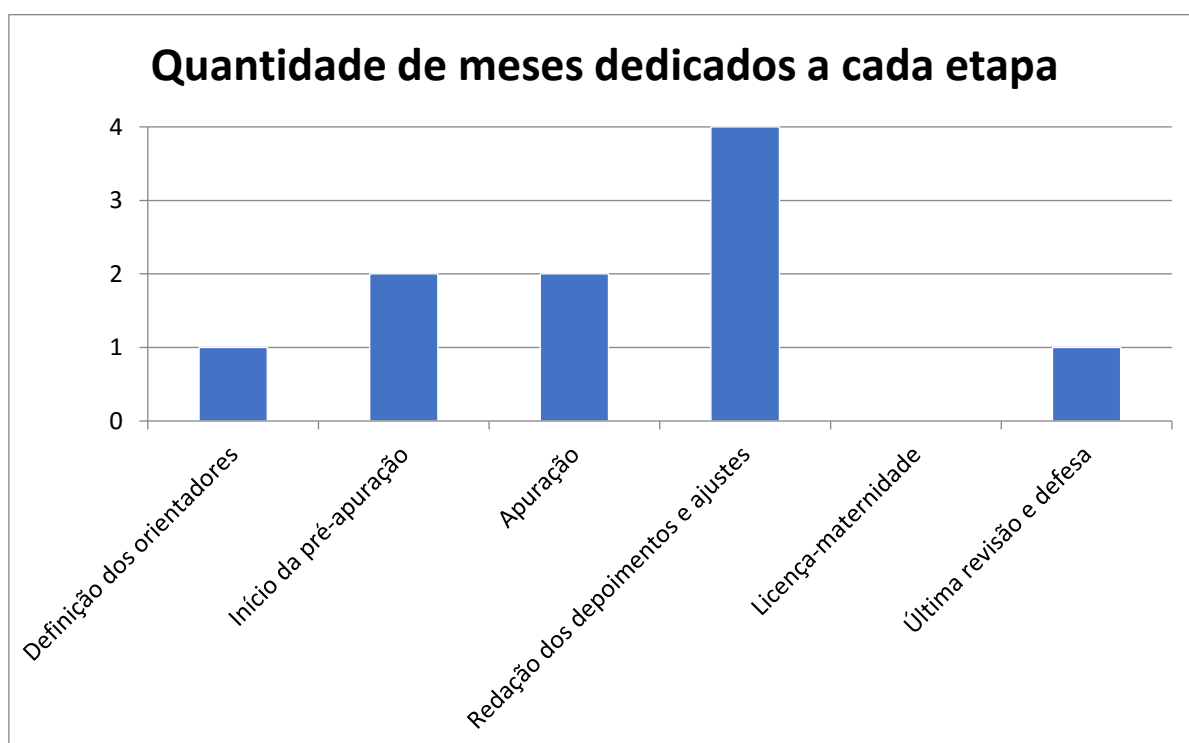
A busca por uma linguagem clara, informações precisas e um estilo atraente (SQUARISI, 2013; SALVADOR; 2013), para assim relatar um depoimento com mais leveza e não tão linear, distinto do biográfico, sem perder as características da realidade é um aprendizado constante, pois o narrador jornalístico tem sempre uma série de impedimentos: “deve se ater à vida real, não tem liberdade para ‘criar’, ou seja, para usar ficção. Além disso, limita-se a depoimentos de pessoas, com todos os filtros possíveis, o da fonte; o do próprio repórter, ao organizar o texto, por meio de seleção” (PANIAGO, 2008, p.33). Nesse contexto, o depoimento é aproximado do perfil, sendo um recorte, um momento e quase um registro instantâneo.

Os depoimentos utilizados deverão, posteriormente, não como parte essencial do trabalho, ser disponibilizados em portais voltados para o público jovem que ainda não decidiu qual será sua graduação. Sites que possuam o enfoque em vestibulares e em explicações sobre carreiras profissionais como, por exemplo, ‘Mundo Vestibular’ (disponível em <http://www.mundovestibular.com.br/>), ‘Eu, estudante’ (disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/>) e blogs (como o Blog do Enem, disponível em <http://blogdoenem.com.br/>). O objetivo é relatar como foram as experiências dos profissionais no mercado de trabalho jornalístico e demonstrar parte da realidade desse mercado àqueles que estão buscando informações da profissão.

O cenário *cibercultural* tem como referência as “gerações Y e Z”. A geração “Y” representa pessoas nascidas desde a década de 80 até meados dos anos 90, já a geração “Z” representa os que nasceram da segunda metade da década de 90 até os dias atuais (ARRUDA, 2015). De acordo com Nilton Marlúcio de Arruda (2015), essas duas gerações verdadeiramente globais, são novos atores do convívio social, cujo modelo de “consumo” de informações mudou radicalmente, elas são conhecidas como nativos digitais e necessitam da urgência e da instantaneidade em suas relações. Por isso, tais características impõem às instituições – independente de sua área de atuação na sociedade – uma nova forma de relacionamento: mais dinâmico; preferencialmente proativo e, principalmente, em harmonia com o pensamento e as expectativas destes jovens. Gerações que ditam um novo ritmo nas relações de informação e obrigam pessoas e periódicos – especialmente os eletrônicos – a se repensarem (ARRUDA, 2015).

Partindo desse contexto, os depoimentos foram escritos para se revelar o essencial dos entrevistados de acordo com o objetivo desta monografia – a precarização e a mudança de profissão. Na tentativa de se adaptar melhor ao objetivo secundário da produção dos depoimentos: sua publicação em sites. Tentou-se adaptá-los à realidade virtual, e aos sites propostos e esses novos leitores cibernéticos ávidos por matérias rápidas. Assim, houve a busca por captar a visão do entrevistado sobre ele mesmo e sobre suas experiências no mercado de trabalho jornalístico e traduzir essa visão nos depoimentos apresentados.

4.7 CRONOGRAMA



- ✓ **Setembro 2015** – definição dos orientadores;
- ✓ **Outubro/novembro 2015** – início da pré-apuração;
- ✓ **Novembro/dezembro 2015** – apuração;
- ✓ **Dezembro 2015/março 2016** – redação dos depoimentos e ajustes;
- ✓ **Abril/Maio 2016** – licença maternidade;
- ✓ **Junho 2016** – última revisão e defesa.

*O cronograma para a conclusão desta monografia foi adaptado para que a aluna conseguisse trabalhar em período integral e ter licença-maternidade (durante esse período de dedicação exclusiva ao bebê, não houve andamento ao trabalho, por isso no gráfico não há barra).

5. REFERENCIAIS TEÓRICOS

A monografia é, em essência, um trabalho delimitado, estruturado e desenvolvido em torno de um único tema ou problema. (TACHIZAWA, T.; MENDES, G; 2006, p. 16). De acordo com a *Resolução do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação, nºXX/2015*, buscou-se o conhecimento a partir de “um procedimento sistemático investigação, pesquisa e reflexão”. Assim, selecionando teorias e métodos, buscando entender o tema aqui proposto para validar este trabalho. Neste contexto, a proposta é sistematizar conceitos e referências relacionados ao dia-a-dia profissional e seus impactos na vida do jornalista.

Inicialmente, vamos buscar compreender o conceito de carreira profissional, sua definição e os possíveis fatores que influenciam na decisão de escolher a profissão a ser seguida. Ao longo desta seção serão abordadas mudanças que ocorreram a partir da década de 80 e como elas influenciaram na formação universitária. Ademais, as principais atividades da carreira jornalística, suas práticas e a questão do diploma para o exercício profissional também serão abordados. A discussão sobre a precarização da profissão será enriquecida por meio de depoimentos das entrevistadas Anna Luiza Félix, Gabriela Petkovic, Isabelle Gertrudes e Mariana Pizarro.

5.1 CARREIRA

O objetivo desta seção é discutir o que é uma carreira profissional e os possíveis fatores que influenciam na decisão do estudante ao escolher a carreira a ser seguida. Serão abordadas as mudanças na relação de trabalho a partir da década de 80, com o objetivo de entender o papel da formação universitária em jornalismo como requisito para acesso ao mercado de trabalho.

Um dos desafios impostos pela sociedade moderna é a carreira profissional, pois o sucesso da profissão está intimamente ligado à escolha dela¹⁰. Essas podem ser definidas como uma sequência típica de status, funções e remunerações na qual uma profissão é cronologicamente

¹⁰ PORTAL EDUCAÇÃO. O que é uma Carreira Profissional?, **Portal da Educação – Conhecimento para mudar sua vida**, Campo Grande, dez, 2012. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/iniciacao-profissional/artigos/24195/o-que-e-uma-carreira-profissional#ixzz3owUXfWHy>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

definida. “In general terms a career can be defined as a typical sequence of statuses, roles and remunerations by which a profession is chronologically defined.”¹¹ (PEREIRA, 2013, p. 130).

As carreiras podem ser descritas como uma sequência típica de estatutos, papéis e honrarias na qual uma profissão não é cronologicamente definida (TRÉATON, 1960, apud PEREIRA, 2012, p. 83). Elas comportam dimensões individuais, pois descrevem os avanços que os atores fazem com o objetivo de conseguir uma posição de maior prestígio no mercado de trabalho.

Luciana Oliveira (2011) menciona a divisão do sucesso da carreira em subjetivo e objetivo. No sentido subjetivo pode ser entendido como a interpretação que a própria pessoa faz de sua carreira, enquanto a carreira objetiva representa a visão da sociedade e suas instituições (BARLEY, 1989, apud OLIVEIRA, 2011, p. 6-8). Dessa forma, o sucesso objetivo é tipicamente investigado a partir de indicadores tais como salário, crescimento salarial, promoções alcançadas e posição hierárquica (HELSIN, 2005; HALL & CHANDLER, 2005, apud OLIVEIRA, 2011: p. 6-8). Em relação às medidas subjetivas, é possível destacar a satisfação com o trabalho e a satisfação com a carreira.

De acordo com Fábio Pereira, a escolha de uma carreira específica pode basear-se na busca por benefícios e materiais simbólicos associados à profissão, tais como a estabilidade e a possibilidade de ascensão. Outras razões podem estar envolvidas na escolha, que pode estar associada à experiência de vida do indivíduo, como pressões familiares, afinidade pessoal com a profissão, busca de um melhor padrão de vida, vocação e assim por diante (PEREIRA, 2013).

Antigamente o problema da escolha profissional praticamente não existia (OLIVEIRA, 2011, p. 5). O modelo que predominava era o da “herança ocupacional”, em que os filhos tipicamente seguiam o campo de trabalho de seus familiares. Também era comum que os pais decidissem a ocupação de seus filhos. A partir do início do século XX, porém, começa a predominar a crença de que os jovens deveriam fazer suas próprias escolhas, tendência que coincide com os movimentos de urbanização e industrialização, que implicaram no crescimento do emprego em detrimento dos negócios familiares (SAVICKAS, 2007, apud OLIVEIRA, 2011, p.5).

¹¹ Tradução livre: Em termos gerais, uma carreira pode ser definida como uma sequência típica de status, funções e remunerações pela qual uma profissão é cronologicamente definida.

Com a crise do capitalismo da década de 1970, trabalhadores com formação universitária e quadros gerenciais começaram a ser afetados por volta da década de 1980 devido à popularização das práticas de *downsizing* – demissão em grande quantidade de trabalhadores de uma empresa. Assim, muitos estudos organizacionais internacionais e nacionais foram conduzidos a fim de compreender a perspectiva tanto de trabalhadores desligados como a de sobreviventes (THOMAS & DUNKERLEY, 1999; BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2005 apud OLIVEIRA, 2011: p. 4). As relações de trabalho passaram por grandes transformações nesse período e como consequência deste processo de reestruturação produtiva e organizacional, chegou-se a um ponto em que o diploma de nível superior não mais oferece a garantia de um emprego estável e seguro.

Se há algumas décadas o diploma universitário era garantia para emprego bem remunerado (...), hoje a realidade é diferente. Há uma nítida redução no número de empregos oferecidos e inovações tecnológicas transformaram profundamente o campo das ocupações profissionais. (TEIXEIRA E GOMES, 2004: 48 apud OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Nesse contexto, a atuação objetiva (visão da sociedade e suas instituições) e subjetiva (interpretação que a própria pessoa faz sobre a carreira) mais distanciada das organizações forçou uma mudança na forma como o trabalhador deve gerenciar sua carreira (OLIVEIRA, 2011, p. 1-28). Por isso, há a necessidade de atualização ou aprimoramento constante dos profissionais. A busca pela qualificação parece ser uma exigência imposta a um grande número de profissionais, podendo estar associada à “rapidez com que tecnologias e hábitos evoluem e à crescente competição, que exige de cada um a busca pela superação” (idem). Se no passado a gestão era praticamente deixada a cargo da empresa, hoje o trabalhador precisa se preocupar com sua trajetória profissional, que não mais ocorre no âmbito de uma ou poucas organizações ao longo da vida (ARTHUR & ROUSSEAU, 1996; HALL, 2004, apud OLIVEIRA, 2011, p.2). Assim, na carreira profissional, o indivíduo atua de forma autônoma, dependendo primeiramente de sua reputação e de suas habilidades, possuindo foco nos projetos de que participa e não mais nas empresas que o empregam. (KANTER, 1997 apud OLIVEIRA, 2011, p.2).

5.2 CARREIRA JORNALÍSTICA

Esta seção se dedica a entender quais são as principais atividades que um jornalista pode exercer e ao final discorrer sobre a prática jornalística.

O trabalho jornalístico tem as fases de coleta, seleção e apresentação de notícias (WOLF, 2008, apud RENAULT, 2013, p. 471). O jornalismo “é a atividade profissional que se dedica a coletar, tratar e publicar informações em forma periódica, de maneira compreensível, ética, imparcial e objetiva, contribuindo para o livre fluxo das ideias, dos pensamentos e da comunicação nas sociedades democráticas” (JORGE, 2007, p. 21, apud RENAULT, 2013, p. 472).

O jornalista Alberto Dines diz que:

O jornalista se relaciona com o leitor como um psicanalista com seu paciente, um marido com sua mulher, o pai com seu filho. São espelhos um do outro, reflexos, continuações, interações, parte, enfim, de um mesmo processo. Jornalista é o intermediário da sociedade, tem dito o sociólogo americano Paul Lazarsfeld. (DINES, 1986, p. 118)

O jornalismo é uma atividade principalmente intelectual, pressupondo em seu exercício uma série de valores éticos e morais. O processo de informar é um processo de formação, logo, o jornalista, em última análise, é um educador (DINES, 1986, p. 118). O jornalista é o profissional que indaga, questiona, é um permanente “buscador”, que acredita na notícia, a persegue e a encontra. No nível operacional, o jornalista é caracterizado pela permanente tomada de decisões. “Mesmo sem treinar rapidamente o *decision-making*, o profissional está permanentemente tomando decisões. Se fotógrafo, é o ângulo da fotografia que importa, portanto, uma decisão. Se repórter, o enfoque é a notícia, escolher o entrevistado e selecionar as perguntas. ” (IDEM).

Durante toda a sua atividade diária, que não se limita apenas ao expediente de trabalho, o jornalista seleciona e opta. Nessa contínua sucessão de decisões e alternativas, o profissional de comunicação precisa ter o senso de responsabilidade. “Há escritores imbatíveis na graça, leveza ou precisão de linguagem. Mas há um número imensamente maior de jornalistas cujo contato diário com pessoas, ideias, emoções ou fatos, os torna lúcidos pensadores e exemplares expositores. ” (DINES, 1986, p. 122). O profissional de jornalismo não pode se contentar com a primeira informação coletada, com a primeira impressão ou inferência, nem mesmo

acomodar-se ao primeiro obstáculo, pois, várias vezes, a não-notícia se torna uma excelente notícia.

Os jornalistas não são semideuses, mas todos perseguem uma melhoria da sua pessoa, porque esta é uma das poucas atividades em que o aperfeiçoamento subjetivo é meta profissional. Sob a pressão diária dos acontecimentos, isto é, da vida, eles procuram objetivos que a um tempo são formais e íntimos. (Idem, p. 123)

Pesquisa da FENAJ, já citada, foi feita com 2.731 jornalistas de todas as unidades da federação e do exterior, com participação espontânea, e dividiu as áreas de atuação do jornalista em três categorias: professor, mídia e fora da mídia. O professor é aquele que possui formação superior em jornalismo ou outras áreas de conhecimento, atuando em curso de habilitação de Comunicação Social – Jornalismo, ou em outras habilitações, como publicidade e audiovisual, ou até mesmo em outras áreas do conhecimento.

Profissionais que atuam na mídia trabalham em veículos de comunicação, produtoras de conteúdo - meios impressos, internet, tv, rádio, cinema, fotografia, reportagem, redação, produção de pautas, edição. Profissionais que atuam fora da mídia são aqueles que exercem a profissão em assessoria de imprensa e comunicação ou outras ações que utilizam conhecimento jornalístico, como redação, concepção de pauta, edição e reportagem.

De acordo com Fábio Pereira (2012), mesmo com essa divisão das áreas de atuação, existe um consenso sobre a dificuldade em compreender o jornalismo a partir de uma trajetória única, tendo em vista a diversidade de estatutos que integram essa ocupação. Um jornalista pode atuar em uma redação, em reportagem e edição, mas também em gêneros opinativos ou em funções mais administrativas. Pode também atuar majoritariamente como empreendedor ou *freelancer*. Pode ocupar cargos na área de comunicação corporativa e assessoria de imprensa ou atuar em universidades como professor de jornalismo (PEREIRA, 2012, p. 85).

Na carreira jornalística, para o profissional ser valorizado “pesa mais sua experiência profissional, especialização e outros complementos do que sua formação acadêmica em jornalismo. ” (ROCHA, 2005 apud PEREIRA, 2012 p.5). Portanto, de uma perspectiva bourdieusiana, é possível dizer que a ascensão no interior da carreira jornalística se dá mais pelo acúmulo de capital social e político, ocorrendo primordialmente na rede de relações com os pares e com as fontes de informação, ou seja, pelos contatos feitos profissionais durante sua

carreira, do que na aquisição de capital intelectual e cultural (PETRARCA, 2008; SANTOS SAINZ, 2006, RIEFFEL, 1984, apud PEREIRA, 2012, p. 85).

Nesse contexto, existe a ideia de que os mecanismos de ingresso e a ascensão na profissão aqui discutida parecem depender mais da competência e do talento do que da formação acadêmica, intelectual. Em razão da multiplicação no número de instituições de ensino e de egressos dos cursos superiores em Jornalismo, existiria uma cultura profissional relativamente estável, embasada em um discurso do jornalista como *self-made man*. (FRITH; MEECH, 2007, apud PEREIRA, 2012, p. 85). Os jornalistas começariam de baixo e construiriam sua carreira pelo reconhecimento de seu talento e de sua competência, o que o proporcionaria conquistar posições de prestígio (Elliot, 1977, apud PEREIRA, 2012, p. 85).

Por fim, segundo Fábio Pereira, a prática jornalística (da informação) depende de um grupo extenso de atores sociais, que vão das fontes de informação, aos leitores, passando por todas as interações que acontecem no interior (entre jornalistas e chefias) e no exterior (com publicitários, anunciantes gráficos, distribuidores de jornais, equipe de TI, etc.). A coordenação dessas atividades depende do domínio dessas convenções pelos participantes do mundo (algumas delas já institucionalizadas por meio de rotinas produtivas e valores-notícia, por exemplo) (PEREIRA, 2014, p. 61).

O bacharel em Jornalismo trabalha procurando e divulgando informações, atuando por meio de veículos de comunicação como jornais, rádio, revistas, TV e internet. Ele é o profissional da notícia, investiga e divulga informações e fatos de interesse coletivo, redige e edita reportagens, faz entrevistas e escreve artigos. Na profissão, o jornalista aprende a adaptar o tamanho, a abordagem e a linguagem dos textos ao veículo e ao público que se destinam. “Senso crítico, capacidade de expressão, domínio do português, de técnicas de redação e de softwares de edição de textos e de imagens são requisitos fundamentais¹².”

¹² GUIA DO ESTUDANTE. Jornalismo. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/comunicacao-informacao/jornalismo-686486.shtml>>. Acesso em: 12 nov 2015

5.3 PARA QUE DIPLOMA?

“A exigência do diploma específico jamais foi cogitada como um pré-requisito indispensável para o exercício do jornalismo”, afirma Afonso Albuquerque, na página 78, em seu artigo *Obrigatoriedade do diploma e a identidade jornalística do Brasil: um olhar pelas margens*. Essa importância do diploma específico para o exercício do jornalismo foi estabelecida por decreto, pela Junta Militar, em 1969, durante a ditadura militar instalada no País em 1964. De acordo com Albuquerque, a narrativa corrente da década de 50, um grupo pequeno de jornalistas sediado no Diário Carioca “importou”, dos Estados Unidos, um conjunto de técnicas e valores jornalísticos (a objetividade jornalística, o lead) e, dessa forma, deu origem ao jornalismo moderno brasileiro ao focar a ação desse grupo pioneiro na construção de um novo modelo de jornalismo no Brasil, caracterizando-se antes como um caráter mítico do que histórico. Essa narrativa corrente da década de 50 “diz muito pouco sobre as razões que permitiram ao novo modelo criar raízes e se difundir no país, além de tratar a transformação do jornalismo brasileiro nos termos de uma mera transferência de modelos de um país para outro.” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 80).

Essa transformação do jornalismo brasileiro também é descrita como um fenômeno de caráter moral, pois permitiu que jornalistas profissionais comprometidos com o interesse público em difundir a informação, substituíssem jornalistas “picaretas” e “boêmios” predominantes nas redações, segundo Albuquerque (2006). O decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, regulamentou a profissão de jornalista no Brasil em diferentes aspectos, exigindo o diploma em curso superior de jornalismo para o exercício da profissão e regulamentando as competências do sindicato dos jornalistas, incluindo as de denunciar às autoridades competentes as irregularidades cometidas no exercício da profissão. O decreto também tinha a intenção do governo de estabelecer um rígido controle sobre a atividade jornalística. “Uma das consequências do estabelecimento da obrigatoriedade legal do diploma para o exercício do jornalismo foi o aumento extraordinário do número de cursos superiores com habilitação em jornalismo.” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 83).

A explosão do número de cursos universitários no país levou a que, rapidamente, o número de jornalistas formados se tornasse muito superior ao de postos de trabalho disponíveis nas organizações jornalísticas. Deste modo, um grande número de jornalistas formados passou a exercer outros tipos de atividades ligadas ao campo da comunicação, tais como, por exemplo, serviços de assessoria de imprensa - o que motivou uma ácida disputa

corporativa dos jornalistas com os profissionais de relações públicas, que viram nisso uma invasão do seu próprio mercado de trabalho (cf. Lopes e Vieira, 2004). (Idem, p. 84).

Contudo, a obrigatoriedade do diploma é uma questão polêmica. Houve, por parte do Supremo Tribunal Federal, em 2009, declaração de inconstitucionalidade do decreto-lei 972. De acordo com Zélia Leal Adghirni (2012), os reflexos do fim da obrigatoriedade estão presentes: mais desemprego nas redações, substituição de pessoas físicas por jurídicas nas empresas de comunicação, pulverização do perfil do jornalista profissional em jornalista multimídia, fechamento dos cursos de jornalismo nas instituições privadas e queda de inscrições nos últimos vestibulares. (PEREIRA, 2012, p. 67).

A não exigência do diploma para o exercício da profissão não é consenso entre os jornalistas, mas, segundo a pesquisa FENAJ (2012), já mencionada, a ampla maioria dos entrevistados concorda com a exigência de formação superior. E desses entrevistados, nove em cada dez voluntariamente eram diplomados em jornalismo, majoritariamente em instituições de ensino privadas. Quatro em cada dez já tinham cursos de pós-graduação.

As entrevistadas cujos depoimentos foram selecionados para este trabalho falaram também *sobre a importância/necessidade do diploma para a profissão*:

Anna Luiza “Eu acho que ter o diploma é importante, mas não é essencial; porque as pessoas não são contratadas por causa dele.”

Gabriela Petkovic “Para você exercer a profissão, na época, você tinha que ter o registro profissional do jornalista que é o MTB. Era só ir ao sindicato, fazer o registro e pagar uma quantia mensal. Era obrigatório ser jornalista para você escrever em uma revista, por exemplo. O que muitas pessoas faziam, pegavam um jornalista X qualquer e ele ficava responsável pela matéria, mas quem escrevia efetivamente não eram os jornalistas. Então quando teve a discussão de tirar o diploma, óbvio que eu fiquei um pouco triste. Mas eu já era advogada na época. (...) Não acho que tenha mudado tanto, pois antigamente muitos lugares já colocavam várias pessoas que não eram jornalistas registrados para escrever e pagavam por fora mesmo.”

Isabelle Gertrudes “Acho péssima a ideia de não se ter diploma para trabalhar como jornalista, isso deteriora muito mais as condições de trabalho do jornalista formado, que já são muito difíceis. Isso porquê se não existe diploma, uma série de pessoas que podem ocupar essa profissão e que não se investiram para isso e aceitam condições inferiores de trabalho. Hoje em

dia está tão difícil conseguir emprego, que até mesmo pessoas formadas acabam aceitando condições inferiores, mesmo sabendo que não é certo. O jornalista ocupa uma função muito importante na sociedade, com uma responsabilidade muito grande e para isso ele precisa de uma faculdade. ”

Mariana Pizarro “Eu lembro que no semestre que caiu o diploma, no meu quinto semestre, em toda a aula os alunos perguntavam para a professora: e agora como vai ser o futuro do Jornalismo? Eu na época fiquei muito chocada achando que estava fazendo um curso inútil, mas a professora nos disse que era uma questão de facilitar a burocracia, pois a legislação nacional dizia que só quem pode escrever para jornal ou revista de notícia é quem possui diploma de jornalismo. E muitas vezes os jornais e revistas convidam pessoas especialistas para escrever. E isso, de acordo com a legislação, não poderia ocorrer. Na época quando a professora disse isso ficamos mais calmos. Eu nunca senti que a queda do diploma tivesse afetado, muitos colegas meus que formaram em jornalismo e seguiram carreira estão trabalhando hoje em dia.”

O jornalista cresce em sua carreira profissional, em geral, buscando cursos profissionalizantes em que os currículos foram determinados por princípio pedagógico ou acadêmico e também por necessidades percebidas de potenciais empregadores. (FRITH; MEECH, 2007, p. 143) Este desenvolvimento acadêmico é recebido com tanto ceticismo e ansiedade por jornalistas já estabelecidos, que argumentam que as universidades não estão adaptadas para preparar os novos operadores para as "realidades" do jornalismo como uma profissão. Porém, há evidência que um diploma de jornalismo é, de fato, uma preparação eficaz para uma carreira de jornalismo bem-sucedida (FRITH; MEECH, 2007, p. 143).

Em 2015, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 386/09, que restabelece a exigência do diploma de jornalismo para o exercício da profissão, voltou a ser pauta de debates na Câmara dos Deputados, depois de aprovada no Senado Federal.

5.4 PRECARIZAÇÃO DO JORNALISMO

Sustentamos (de acordo com Graça Druck (2011), Juliana Dantas (2014) e a pesquisa da FENAJ (2012)) a premissa de que a profissão de jornalista está passando por um processo de precarização, fato que será validado nos depoimentos levantados pelo trabalho (de Anna Luiza, Gabriela Petkovic, Isabelle Gertrudes e Mariana Pizarro). Precarização aqui é entendida como um conjunto de fatores relativos às condições de trabalho que torna difícil o exercício pleno da prática profissional (DANTAS, 2014, p.17).

O mundo do jornalismo, em todas as categorias, está mergulhado no individualismo extremamente caro à ideologia dominante, para quem o mundo social é uma área onde tem que estar em uma competição constante e generalizada, uma multidão de concorrentes lutando cada um por si. (ACCARDO, 2007, p. 294, apud SILVA, 2014, p. 61)

Segundo David Renault, os meios de comunicação brasileiros, desde 1990, iniciaram um processo de transformação irreversível que ainda está em andamento. Com os avanços tecnológicos, houve a permissão de uma ampla convergência das mídias e de que um mesmo grupo jornalístico ofereça produtos variados em diversas plataformas digitais. Transformações essas que afetaram de maneira profunda as rotinas das redações jornalísticas e seus profissionais, dos quais se espera mais agilidade com os serviços de informação em tempo real, a fim de atender às demandas desses novos tempos. (RENAULT, 2013, p. 464)

Há vários anos, os diários impressos buscam sobreviver em um novo contexto marcado pela proliferação da concorrência em diferentes mídias, pela redução da publicidade comercial e pela necessidade imperiosa de se trabalhar com novos modelos de negócios para fazer frente aos custos operacionais e assegurar a rentabilidade das empresas. (RENAULT, 2013, p. 466)

Para compreender mais a precarização atual da profissão é importante a identificação de quatro períodos da prática jornalística. Conforme David Renault (2013), os canadenses Brin, Charon e Bonville organizaram o livro *Natureza e Transformação do Jornalismo – Teorias e Pesquisas Empíricas* (2004), obra na qual procuram analisar as transformações do jornalismo e da prática jornalística, a partir da observação das origens da imprensa na América do Norte até o início do século XXI, e identificam quatro períodos principais da história de se conceber e praticar o jornalismo.

O primeiro desses períodos começa no início do século XVII e é identificado como *Jornalismo de transmissão*, em que os impressores funcionavam basicamente como elo entre

as fontes originais de informações e os leitores, difundindo em suas gazetas anúncios, correspondências, avisos entre outros. No século XIX, com o *Jornalismo de opinião* o dono do jornal, agora editor, coloca seu veículo sem pretensões comerciais a serviço de lutas políticas. Com o aumento da população, da alfabetização, da publicidade, das possibilidades de coleta de notícias por meios como a ferroviário e o telégrafo, com o crescimento dos negócios, o jornal começa a se tornar um negócio lucrativo. Foi assim, entre os anos de 1880 e 1910, que surgiu o *Jornalismo de informação*. E o quarto período se caracteriza pelo *Jornalismo de comunicação*, a partir de 1970, com a multiplicação das mídias e seus suportes e a entrada de investidores em um mercado que agora é diversificado e possui muita oferta de produtos diversos.

Mesmo que essas etapas do jornalismo possuam continuidades e descontinuidades existentes no interior de sua representação, é possível perceber que “essas mudanças estruturais, no jornalismo, provocaram uma transformação/reinvenção permanente.” (RENAULT, 2013, p. 469). O autor menciona, por exemplo, que além de cargos e funções que sobrevivem até hoje, como repórter, editor, secretário e chefe de redação, havia também nas redações o repórter auxiliar, de setor, noticiarista, o redator auxiliar, o pauteiro (pessoal cuja função era indicar o que seria apurado durante o dia), o tituleiro (especialista em fazer títulos em um tempo em que os jornais eram diagramados pelo diagramador). Os cálculos manuais para “fechar” os espaços de fotos e textos, paginados/montados eram feitos pelo paginador, em páginas no formato que seria encaminhado à seção de fotolito, antes de ir para a impressão. Também havia o revisor, que era responsável pela correção dos erros gramaticais e ortográficos (RENAULT, 2012, p. 104, apud RENAULT, 2013, p. 469).

O que se vê hoje é o profissional que exerce múltiplas funções, o jornalista multimídia, que enfrenta uma maior carga de trabalho e uma intensa pressão para cumprir os vários prazos de maneira a atender os serviços diferenciados para assinantes, atender os próprios sites dos jornais, além dos impressos no dia seguinte. Essa irreversibilidade da chamada convergência das mídias, ou seja, fusão dos mercados impressos, radiofônico, eletrônico e televisivo, exige atualmente que um mesmo profissional jornalístico deva “dominar a técnica de modo a produzir conteúdos para televisão, rádio, jornal e internet” (FONSECA e KUHN, 2009, p. 59, apud RENAULT, 2013, p. 470).

Nesse contexto, a profissão jornalismo passa por um processo de precarização. Graça Druck (2011) mapeou seis tipos de precarização do trabalho: 1) vulnerabilidade das formas de

inserção e desigualdades sociais; 2) intensificação do trabalho e terceirização; 3) insegurança e saúde no trabalho; 4) perda das identidades individual e coletiva; 5) fragilização da organização dos trabalhadores, implicando na pulverização dos sindicatos e 6) condenação e o descarte do Direito do Trabalho, retirando os encargos sociais elevados (direitos sociais e trabalhistas). Desses fatores, destacamos na profissão jornalismo o segundo tipo de precarização, que tem levado a condições extremamente graves, através da intensificação do trabalho (imposição de metas inalcançáveis, extensão da jornada de trabalho, polivalência, etc.) (DRUCK, 2011, p. 48). A consequência desse processo é uma carga horária excessiva, longas e intensas jornadas de trabalho. A pesquisa da FENAJ (2012) revela que 40,3% dos entrevistados trabalham entre 8 e 12 horas e 4,8% trabalham mais de 12 horas.

Sobre a carga horária da profissão as entrevistadas deste trabalho afirmam:

Anna Luiza - “Se eu não me engano, o jornalista não pode exceder cinco horas diárias¹³. E eu perguntei para uma colega já formada e contratada pelo Correio (Braziliense) quantas horas ela trabalhava e ela me disse que sete horas, ganhando duas horas extras e que isso era estabelecido no contrato. A regra era trabalhar sete horas e isso não era a exceção. O pessoal lá trabalha sete horas, sei que isso não é contra a lei, mas é regra da hora extra. Existiam dias que ninguém lá trabalhava apenas sete horas. Nós estagiários mesmo, tínhamos que ficar 6 horas e a gente ficava no mínimo meia hora a mais, o que era comum! Além disso, tinham dias que a gente trabalhava 8 horas. ”

Gabriela Petkovic - “Acredito que depende da área no jornalismo que você segue, eu gostava de revista, por isso. Às vezes, eu não tinha final de semana, mas era bem pontual (...). Quando tinha alguma coisa da prefeitura, eu tinha que ir, não importava o horário ou o dia. No caso do jornalista de rádio que trabalha durante a semana, ele não vai precisar trabalhar final de semana, porque vai ter alguém em seu lugar. Mas se for um jornal diário ou semanal, dependendo do evento você tem que ir. Já quem trabalha na Globo, por exemplo, tem que trabalhar e se for seu aniversário você comemora na redação. ”

Isabelle Gertrudes. “Quanto mais eu trabalhava, mais eu era elogiada e mais eu recebia oportunidades dentro da ONG. E cada vez mais eu era reconhecida por essa obsessão (...). Então

¹³ Disponível em <http://www.soleis.com.br/ebooks/TRABALHISTA-65.htm> acesso em novembro de 2015. “Art. 303 – A duração normal do trabalho dos empregados compreendidos nesta Seção não deverá exceder de 5 (cinco) horas, tanto de dia como à noite.”

eu precisava ser assim, e eu comecei a me tornar um modelo para os outros jornalistas que trabalhavam comigo, o que é pior. O jornalismo é viciante, dentro do jornalismo a pessoa que larga tudo para trabalhar é muito reconhecida. Aquele que tenta conciliar outras coisas com o trabalho e faz o que tem que ser feito apenas, não tem chances. (...). Parece que existe uma convenção de que jornalista bom é jornalista que dorme na redação. ”

Mariana Pizarro “Acho um absurdo a carga horária cobrada na maioria dos jornais. E o mais absurdo ainda é que não tem como não aceitar, porque se não for você, é o próximo da fila, que vai abaixar a cabeça e fazer as horas, mesmo achando muito. O ideal seria que os jornais, revistas, etc., contratassem o número certo de profissionais para ocuparem toda a jornada, sem pesar para nenhum deles. Mas isso significaria pagar mais férias, mais seguros de saúde, mais décimos terceiros, etc., e isso não é lucrativo, né? Sei que essa injustiça não é única da profissão de jornalista (o caso dos médicos, por exemplo), mas acredito que talvez jornalismo seja a profissão que menos consegue a empatia geral. Por exemplo, professores, médicos, motoristas de ônibus, etc., sempre que fazem greve eles têm uma cobertura (às vezes maior ou menor, positiva ou negativa) e isso gera algum tipo de sentimento da população, revolta na internet que seja, sabe? Mas nunca vi um Tweet pela injustiça de trabalho dos jornalistas.”

De fato, mudanças nas regras de consumo e produção de notícias, pressões econômicas, concorrência, desenvolvimento da publicidade comercial, novos desafios diante das tecnologias digitais, convergência tecnológica, blogosfera etc. provocaram transformações profundas no modo de fazer jornalístico (NEVEU, 2001; MULLER, 2012, apud PEREIRA, 2012; ADGHIRNI, 2012). A convergência de conteúdos de áudio, vídeo e texto para plataformas digitais descaracteriza o modo tradicional do fazer jornalístico e obrigam uma carga de trabalho ininterrupta aos jornalistas. Circunstância que as empresas vendem com orgulho, levando o jornalista a assumir o *slogan* de “jornalista 24h”. Mas “de nada adiantou as tentativas dos sindicatos, relatadas em inúmeros dossiês, para conscientizar os profissionais a reagir” (PEREIRA, 2012, p.75), pois com o receio do desemprego, a maioria assume esse discurso e prefere manter distância das reivindicações sindicais, mesmo para a demanda de “múltiplo salário” para jornalista multimídia.

Um fato, já mencionado ao longo deste trabalho, que contribui para a precarização da profissão jornalismo, é que desde 2009, de acordo com o Supremo Tribunal Federal, não há na legislação brasileira a exigência do diploma para o exercício da profissão. Por isso, o contexto atual que reforça a precarização abrindo espaço para o exercício da profissão por diplomados

em outra área de graduação e também por não graduados, que publicam matérias como se fossem jornalistas formados. Ademais, com o diploma dispensado, se fortalece a prática de realização de cursos de treinamento pelas próprias empresas, tradição que data dos últimos dez anos (PEREIRA, 2012, p.76). Empresas são livres para impregnar suas matrizes ideológicas nos jovens em formação. Esta é uma das principais críticas acadêmicas aos sistemas de cursinhos, porque é na universidade que os alunos expandem o pensamento crítico.

A coluna identitária do jornalista foi historicamente forjada entre a realidade e o mito: Super-homem (superpoderes para salvar a sociedade dos perigos) defensor da liberdade e da democracia (caso Watergate nos Estados Unidos, caso Collor no Brasil), espírito escoteiro (“sempre alerta”), profissional abnegado (sem horário fixo, jornadas intermináveis) a serviço do interesse público (rouba documentos se necessário para denunciar os corruptos etc.). (...) A roupa de Super-homem não serve mais no jornalista de hoje. Ele prefere vestir a fantasia da circunstância que lhe permite sobreviver profissionalmente, qualquer que seja o espaço de atuação, no setor público ou privado. (PEREIRA, 2012, p.77-78)

A necessidade de diminuir os custos globais implica em outro agravante no cenário atual da profissão, que é prática frequente de empresas em substituir jornalistas veteranos por outros mais jovens (PEREIRA, 2012, p.76). Esse fato gera instabilidade na profissão, principalmente para os mais antigos na profissão, pois o recém-formado é mais maleável e se adapta com mais facilidade às normas político-editoriais e aos salários mais baixos na escala profissional oferecidos. Assim, quando sai um repórter mais antigo, de salário elevado, muitas vezes se contrata um mais novo, ou até mesmo contratam-se dois com o mesmo vencimento do que saiu, esse processo aumenta a “juniorização” das redações (RENAULT, 2013, p. 479).

Sobre o emprego do estagiário e o emprego do jornalista formado afirmam as entrevistadas deste trabalho:

Anna Luiza “No jornalismo todo estagiário é profissional. Exemplo, estagiário de engenharia não assina projeto, de direito não assina processo. Já o estagiário de jornalismo, ele já entrega matéria no primeiro dia, ele não está lá para auxiliar. Estagiário de jornalismo é mão de obra barata, tira o lugar de jornalistas formados. ”

Gabriela Petkovic “Isso aconteceu comigo. Na época em que eu era estagiária acabei substituindo a minha chefe na revista. Quando ela saiu, fiquei no lugar dela, embora o cargo fosse uma atribuição de uma pessoa formada, ou seja, eu assumi o cargo de editora antes mesmo de me formar. ”

Isabelle Gertrudes “Quando eu fui editora do site Vila Mundo, eu tive estagiários comigo e infelizmente, não por uma questão de vontade própria, mas por uma questão de falta de estrutura dentro da equipe. Falta de condições de contratar jornalistas, os estagiários por vezes – não todos os dias – cumpriam sim, um papel de um jornalista. Eu tive estagiária que em alguns casos, não só cumpria o papel de repórter, como também executou tarefas de edição. Então eu acho que essa é uma prática comum no mercado de trabalho, não posso dizer por todos. Infelizmente, apesar da responsabilidade do estagiário ser grande nesse sentido, por executar tarefas que vão além do serviço que ele deveria fazer, ainda assim mesmo que ele faça um trabalho bem feito não há garantia que o estagiário vá ser contratado depois. (...). Essa é uma prática comum, o estagiário executa funções de um jornalista pleno, mas em condições de direitos e deveres de estagiário.”

Mariana Pizarro “Na época que eu estagiava como editora de vídeos no Correio Braziliense eu vi isso claramente. A maior parte dos repórteres que trabalhavam lá não eram repórteres, mas sim estagiários. Sem dúvida nenhuma isso é indicativo de corte de custos! Eu fiquei lá seis meses e presenciei duas vezes uma "demissão geral": eles demitiam editores que estavam lá há muito tempo e que já tinham um salário consideravelmente maior do que o dos outros editores ou jornalistas; isso tudo para colocar outros dois profissionais bem mais baratos no lugar. Ou no caso dos estagiários, poderiam contratar 4 para ficar no lugar do editor que saiu e ainda estariam pagando menos do que pagavam para o cara.”

Na década de 90, segundo David Renault (2013), quando os jornais começaram a exigir que seus profissionais fizessem colaborações para sites, passando de flashes de notícias, porém houve resistência. Jornalistas argumentavam que o novo modelo das empresas jornalísticas implicaria em mais trabalho sem acréscimo na remuneração. Com a realidade do mercado de trabalho, no qual existem muito mais profissionais do que vagas disponíveis, essa resistência foi vencida. As empresas fizeram aditamentos de contratos com os funcionários antigos, que começaram a ceder direitos autorais de seus trabalhos para a contratante usar com fins diversos. Os jornalistas que não aceitaram a nova realidade foram embora e há alguns anos esse assunto não é mais discutido. O futuro profissional sabe que deve fazer tudo o que lhe pedem para o jornal, site e outros serviços especializados, ou seja, ser um profissional capaz de exercer múltiplas funções. A rotina produtiva dos jornalistas mudou se comparada com a rotina produtiva dos jornalistas vigente há não mais de duas décadas. (RENAULT, 2013, p. 475). Esse

modelo de *repórter faz tudo*, ou seja, repórter multifuncional, foi implantado de forma pioneira na Radiobrás¹⁴ em 2003.

Outro fator considerável é que a prática da contratação de pessoas físicas como pessoas jurídicas, apesar de não ser nova, começou a ganhar mais força a partir de 1980, e ainda hoje continua sendo bastante empregada entre os principais veículos de comunicação no país, assessorias de imprensa e empresas de comunicação de grande e pequeno porte, inclusive órgãos públicos se renderam a esse tipo de contratação (SILVA, 2014, p. 62). Esse dado é mostrado na pesquisa da FENAJ de 2012, no qual 25% dos jornalistas são contratados como jornalistas freelancers, como pessoa jurídica ou como contrato de prestação de serviços. A contratação de pessoa física como pessoa jurídica, quando há tentativa de burlar a legislação trabalhista, é um fenômeno conhecido como “pejotização”.

De acordo com artigo publicado por Victor Pinaço no site *Âmbito Jurídico*¹⁵ esta prática é ilegal, mas ainda é adotada por empregadores para reduzir custos. O jornalista contratado como pessoa jurídica (PJ) abre mão de seus direitos trabalhistas, como o FGTS, férias, 13º salário, horas extras e verbas rescisórias e passa a assumir gastos para manter a PJ como a emissão de nota fiscal e administração contábil. Expressões como: “trabalhos de assessoria”, “consultoria especializada”, “cessão de criação e exploração de imagem e voz”, “cessão de direitos autorais” e “consultoria ligada à área de comunicação e congêneres” são comuns em contratos firmados entre os grandes veículos da mídia ou grandes empresas de comunicação com as “empresas” que os jornalistas criam (SILVA, 2014, p. 63).

Esta prática de contratar pessoas físicas como jurídicas está amparada em três leis (SILVA, 2014, p.64): A Lei do Direito Autoral (nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998), Novo Código Civil (Lei nº10.406, de 10 de janeiro de 2002) e a Lei do Bem (Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005). Segundo Cláudio Silva (2014), a Lei do Direito Autoral retira do jornalista toda a produção de texto, áudio, imagens ou vídeos, que agora são propriedade do veículo de comunicação contratante. O Novo Código Civil, no artigo 594 “Toda a espécie de serviço ou trabalho lícito, material ou imaterial, pode ser contratada mediante retribuição”, abre espaço para assegurar aos veículos de comunicação a propriedade do material produzido pelos

¹⁴ DOMINGOS, M. jul. 2007. Disponível em < <http://www.overmundo.com.br/overblog/os-problemas-do-jornalismo-multimidia-na-radiobras>> Acesso em 5 de julho de 2016.

¹⁵ PICANÇO, V. Pejotização do trabalhador: a ilegalidade da contratação de trabalhadores como pessoa jurídica. *Âmbito Jurídico*. Rio Grande, n. 111, abr, 2013. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12743>. Acesso em: 02 fev. 2016.

jornalistas contratados pela empresa. A Lei do Bem que trata da isenção fiscal para as empresas, não trouxe necessariamente um ganho para os jornalistas que se estabeleceram como pessoa jurídica. O objetivo da Lei do Bem é conceder incentivos fiscais às pessoas jurídicas que realizem pesquisa e desenvolvimento de inovação tecnológica, sendo sua proposta aproximar empresas de universidades e institutos de pesquisas; esse objetivo da Lei do Bem quando se trata da contratação de jornalistas como pessoa jurídica parece um “claro desvirtuamento do preceito legal com vistas a obtenção de benefícios fiscais e tributários.” (SILVA, 2014, p.64).

A precarização também diz respeito aos baixos salários do jornalista. A pesquisa já mencionada da FENAJ mostra que 65,5% de jornalistas do sexo feminino possuem renda inferior a 5 salários mínimos; enquanto 50% de jornalistas do sexo masculino possuem renda inferior a 5 salários mínimos. Conforme Fábio Pereira, nesse processo de precarização, na presença de jornadas produtivas que se estendem até 12 horas, da ausência de contratos estáveis com carteira assinada (as empresas optam por contratar pessoas jurídicas em vez de pessoas físicas), da redução dos salários, os jornalistas profissionais, desde os jovens recém-formados aos veteranos exaustos, uma solução é correr para as funções públicas (PEREIRA, 2012, p. 75).

Esse sentimento de insegurança em relação à carreira parece pertencer ao mundo do jornalismo, principalmente daqueles que trabalham em redação. (Menger, 2009, apud PEREIRA, 2014). “Enquanto tentam se reacomodar numa zona instável de turbulência paradigmática, os jornalistas brasileiros atravessam uma crise de identidade envolvendo perfis, práticas e relações contratuais de trabalho.” (PEREIRA, 2012, p. 68). Essa insegurança é reforçada pelo cenário atual brasileiro. Recentemente, um acontecimento conhecido como “passaralho”, que é “um jargão agressivo para as demissões em massa nos meios de comunicação, remetendo a pássaros, revoadas de algo que destrói tudo por onde passa.”¹⁶, atingiu os principais veículos de comunicação, dentre eles, o Estadão, o Valor Econômico e a Folha de S. Paulo.

Afirmam as entrevistadas deste trabalho sobre não trabalhar mais como jornalista.

¹⁶ RODRIGUES, C.; FONSECA, B.; BODENMULLER, L.; VIANA, N. Demissões em massa nas redações. **Revista Fórum**, 11 jun. 2013 Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/radar-da-midia/demissoes-em-massa-assolam-redacoes/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

Anna Luiza “Eu estou muito apaixonada pelo que eu estou fazendo. Eu sei que a média salarial de um professor é a ‘mesma’ média de um jornalista, a diferença é sobre o estilo de vida que eu vou ter, qualidade de vida. Não penso em voltar a ser jornalista.”

Gabriela Petkovic “Eu sempre falo para as pessoas que me perguntam sobre o jornalismo: o jornalismo é uma profissão linda, é demais! Mas se prepare para ganhar pouco (...). Foi por isso que eu saí do jornalismo. Eu não preciso ser rica, mas eu gostaria de ter o básico, para poder pagar uma faculdade e com o salário que eu tinha não dava para ter um filho. É nisso que eu me prendo, eu quero ter o mínimo e ser feliz no que eu faço.”

Mariana Pizarro “Eu percebi que isso de hardnews não é para mim mesmo! A partir do momento que você faz algo que não deseja fazer é ruim. (...) A priori, neste momento eu não quero trabalhar com jornalismo, não quero mesmo. Mas se surgir uma oportunidade boa e que eu me interesse, eu não vou dizer não, mas eu não me imagino trabalhando no Jornalismo.”

Isabelle Gertrudes “Eu via muita gente desmedida com o horário, que praticamente dormia na redação. Doentes fisicamente na redação, pessoas pálidas, com gripe o tempo inteiro. Fumando cigarro o tempo inteiro. Pessoas totalmente solitárias, sem família. E eu comecei a olhar para os jornalistas mais velhos, aqueles em que eu poderia me espelhar e isso ficou cada vez mais óbvio de que eu não queria aquele futuro para mim (...). Hoje sou professora de francês e me sinto realizada. ”

Portanto, a precarização do jornalismo é representada assim por carga horária trabalhista elevada, baixos salários, substituição de jornalistas formados por estagiários ou por pessoas não formadas na profissão, instabilidade no emprego, direitos trabalhistas - como décimo terceiro, férias e descanso semanal remunerado - que não são obedecidos por parte das agências de notícias, ausência da exigência do diploma, entre outros. Esse novo contexto da profissão exige dos jornalistas uma nova dinâmica, postura e ritmo de trabalho no decorrer de cada dia (RENAULT, 2013, p. 466).

6. DEPOIMENTOS

A metodologia utilizada foi a entrevista em profundidade, por isso houve a construção dos depoimentos a partir da visão do entrevistado sobre ele mesmo e sobre suas experiências no mercado de trabalho jornalístico.

Tem hora para tudo, e jornalista não entende.

Anna buscou no jornalismo uma forma de melhorar a sociedade, mas descobriu na educação a chave para um resultado mais efetivo e uma vida mais tranquila, com horários mais democráticos.



Desiludida com o jornalismo e quase uma pedagoga, Anna Luiza Felix tem como objetivo de vida participar ativamente da construção de um mundo melhor. Ela nasceu em 27 de maio de 1993, em Brasília, e desde o ensino médio, a sua escolha na hora de prestar o vestibular foi sempre comunicação. A princípio, ela imaginou que a profissão permitiria espaço para influenciar grande parte da população e auxiliar na construção de uma sociedade mais virtuosa e menos violenta, mas suas experiências no ramo, tanto com assessoria de imprensa quanto com redação de jornal, a fizeram perceber que na verdade ela não estava ajudando ninguém, nem ela mesma. Hoje ela acredita que a educação mudará a população.

Foi preciso um ano e meio de cursinho e quatro provas para conseguir uma vaga na Universidade de Brasília. A sua vontade não foi abalada nem pela falta de apoio por parte dos pais e nem pelo exemplo de profissional dentro da família: seu tio trabalhou durante 15 anos na rede *Globo*. “Anna não faz isso! Ele ganha mal e trabalha muito, inclusive aos finais de semana”, seus pais a alertaram. Mas ela sempre achou que seu tio se esforçou pouco e, por isso, ele ganhava pouco, e que ela poderia fazer diferente. Mas ela confessa que por muitas vezes se pegou questionando sobre sua decisão. “Eu pensei em marcar cursos mais

fáceis para entrar na UnB, mas um pouco antes de passar, decidi que era isso mesmo que eu queria.”

Anna começou o curso no segundo semestre de 2012, com 19 anos, mas a primeira vez que usou sua empoderada assinatura de ofício, “Luiza Félix”, ocorreu dois anos depois, quando foi a primeira estudante de jornalismo a ser contratada como estagiária na Coordenação de Dívida Ativa da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional. Apesar do título soar eminente, seu trabalho era bem simples: produzir e publicar na intranet matérias relacionadas ao seu setor, sem se preocupar realmente em compreender o que estava sendo abordado. “Foi aí que eu percebi que muitas vezes o jornalista publica matérias sem entender o assunto direito, e eu acho isso muito ruim”, conta.

Após seis meses de estágio na PGFN, ela foi para o *Correio Braziliense*, mais especificamente para a sessão da página do *Eu Estudante*, no site da empresa; do caderno infantil, o *Super*, publicado sempre aos sábados; e também do caderno de *Trabalho e Formação*, que sai aos domingos. Novamente, era intrigante a forma como funcionava a rotina de entrega rápida de matérias, sobre assuntos que os redatores ainda não possuíam conhecimento o bastante. A questão do prazo para a publicação das matérias aborrecia muito Anna, que não podia sequer estudar a fundo sobre o tema proposto para informar a sociedade. “Como eu ia informar alguém, se nem eu entendia direito sobre o que eu estava escrevendo em tão pouco tempo?” Ela relata também que, na hora de produzir as matérias do caderno infantil, por exemplo, as crianças tinham muita dificuldade de se expressar ou não sabiam falar direito na hora da entrevista, mas com o resultado final do texto, a impressão era de que a criança falava com autoridade e facilidade. “Isso acontecia não só comigo, mas com pessoas já formadas”, explica.

A sua sala de serviço apertava entre paredes e cabines uma editora, uma subeditora, uma *freelancer* e quatro estagiários, sem contar o diagramador e o assistente. A rotatividade no setor em que Anna trabalhava era muito grande e o serviço era praticamente todo realizado por estudantes. “Lá, o expediente era muito puxado, então quase toda semana tinha entrevista para vaga de estágio”, revela. A rotina também se mostrou bastante exaustiva, além de ser comum ficar, no mínimo, meia hora a mais no trabalho sem receber nada por isso: “já fiquei duas horas a mais no serviço, e eu tinha agonia de um estagiário fazer as mesmas coisas de um profissional e não receber nada a mais por isso, nem banco de horas.” “No jornalismo, você trabalha por

matéria e não por hora, se deu seu horário de ir embora e você não terminou sua matéria, você não pode ir embora”, completa.

“Mesmo saindo do trabalho, você não ‘desliga’ e continua pensando no que precisa fazer para o dia seguinte. Eu ia trabalhar chorando de estresse, tinha até dor de barriga”, explica. Fora da redação, seu contato com o jornalismo também não foi dos melhores: “eu dei entrevista para o SBT e para a Record esse ano. E as duas matérias saíram totalmente deturpadas! Isso me dava muita agonia.”

Depois de dois meses no novo estágio, Anna Luiza concluiu que não queria ser mais jornalista e pediu demissão: “foi pela minha experiência lá que eu bati o pé e não quis mais”. “o jornalismo é uma profissão desumana e não pensa na qualidade de vida do profissional e, mesmo que ser professor hoje em dia no Brasil dê muito trabalho, você lida com pessoas e cuida da educação das crianças e tem horários. Acabou minha aula, acabou! Eu vou poder ser uma boa profissional e uma boa mãe de família”, conclui. Anna sentiu na pele a realidade mostrada na pesquisa mais recente da FENAJ (2012), que mostra que apenas 11,6% dos entrevistados trabalham até 5 horas por dia e o restante possui jornada de trabalho que pode chegar até 12 horas diárias.

Ela decidiu sozinha que iria cursar pedagogia pela Cruzeiro do Sul Virtual, à distância, para não prejudicar o curso na UnB. Hoje, trabalha na casa Thomas Jefferson, sendo auxiliar de professores para alunos entre 3 anos e 7 anos, e tem o completo apoio dos pais. “Eu estou muito apaixonada pelo que eu estou fazendo. Eu sei que a média salarial de um professor é a ‘mesma’ média de um jornalista, a diferença é sobre o estilo de vida que eu vou ter, qualidade de vida.” O título de redator, “Luiza Felix”, foi abandonado talvez para sempre, e hoje ela só atende por Anna, Tia Anna.

A ilusão de Glamour versus o real poder aquisitivo.

A experiência de Gabriela Petkovic revela os altos e baixos da profissão de jornalista e apresenta uma comparação com o universo do profissional de Direito.



“Eu estou sendo sincera, vou falar tá? Antigamente, quando eu era jornalista, achava legal entrar nas festas de graça. Mas eu fiz Direito, porque hoje eu posso pagar para ir nessas festas.” Gabriela Petkovic, 31 anos, fala quatro línguas e nunca precisou estudar muito para atender às expectativas acadêmicas, mas decidiu, em cima da hora de fazer o vestibular, que iria contrariar seu pai. Ele sempre a orientou pelo Direito, mas ela marcou Jornalismo. A Universidade Metodista de São Paulo foi a escolhida e, apesar do excesso de trabalho na sua rotina, acompanhado de baixos salários, ela insistiu em uma pós-graduação em Marketing e Comunicação Publicitária.

Gabriela foi assessora, fotógrafa, editora, diagramadora e redatora. Acumulou a experiência de quatro estágios: a revista bairrista *Mooca em revista*, o site de biotecnologia *Biotec AHG*, o jornal *Água Rasa* e o site *Bares SP*, que divulgava baladas na capital paulista. Depois, ainda trabalhou formada nesse último e, com a pós-graduação, entrou para a assessoria *Texto e Imagem*, onde produzia textos para um site de cirurgia plástica. Mas quando viu que sua carteira assinada lhe rendia uma bagatela de R\$ 700, o mais alto que teve em sua carreira como jornalista, e que mal dava para se sustentar, não deu outra: ela começou o curso de Direito. “Como eu poderia ter um filho nessas condições?”, explica a advogada que pretende construir uma família em um futuro bem próximo.

“Desvalorizada (a profissão), eu tenho certeza que sim. Principalmente pelas minhas experiências. Digamos que 80% dos estágios que eu procurava não eram remunerados e isso não existe no Direito”, ela conta. Gabriela, logo cedo, mandou currículos para vários lugares, fazendo estágio em todos os anos da graduação de Jornalismo. Trabalhou várias vezes de graça e aprendeu muito com isso. “Eles não pagavam absolutamente nada, nem a pilha do meu gravador”, revela, mas como gostava do trabalho, se empenhava muito. Ela recebia convites para almoços, jantares e para cobrir eventos sem pagar nada; conheceu pessoas com prestígio como Geraldo Alckimin e o José Serra. E isso a fazia se sentir muito importante.

Apesar de não ter muita noção de qual profissão iria seguir, durante o ensino médio e escolher a carreira apenas por gostar de história, geografia e português, ela acabou gostando muito de trabalhar com jornalismo. O pagamento, no entanto, sempre foi um ponto negativo, que marcou toda a sua vida profissional: seu primeiro e único salário como estagiária foi de R\$ 300, apenas quando virou editora da *Mooca em Revista*. E quando decidiu sair, se comprometeu com a diagramação da edição seguinte da revista, mesmo sem receber. Depois, descobriu que retiraram dos exemplares, na hora da impressão, seu nome do expediente. Além disso, ainda a substituíram pelo filho, a filha e a irmã do dono, que era político e tinha acabado de assumir um cargo público.

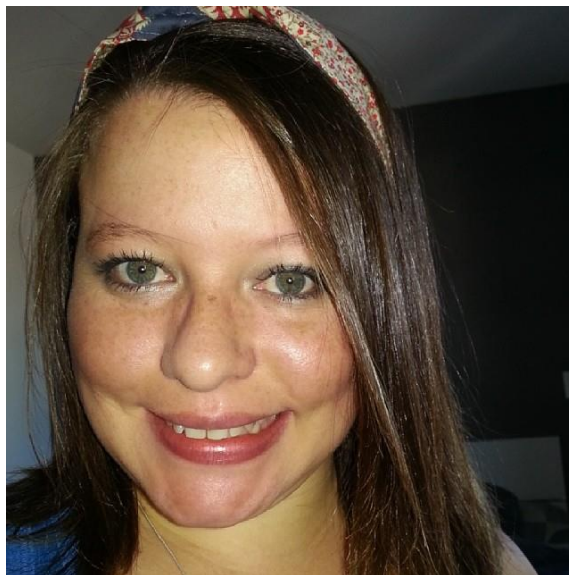
Ao final de sua graduação, sua situação financeira não evoluiu muito, trabalhou no site *Bares SP* por uma remuneração de R\$500, e mesmo formada “ficava chateada porque não escrevia matérias para o site. Quem escrevia era o estagiário, que era mais antigo. Eu ficava com a parte de cadastro de eventos”, comenta. Já durante o curso de Direito, pela Universidade São Judas Tadeu, com início em 2007, seu primeiro estágio pagava R\$ 500. “Ou seja, eu estava ganhando praticamente igual quando eu trabalhava em jornalismo, formada.” Essa realidade de baixos salários não ocorreu só com Gabriela e é mostrada na pesquisa mais recente da FENAJ (2012), na qual 65,5% das jornalistas brasileiras da pesquisa possuíam renda inferior a cinco salários mínimos. Em seu novo curso, Gabriela relatou que todos os seus estágios foram remunerados e ela tinha benefícios, como vale alimentação, que no jornalismo não existia.

Gabriela não vê muita expectativa de sucesso e qualidade de vida para aqueles que querem trabalhar na profissão de jornalista. O principal motivo é a disposição, que ela mesma teve durante o curso, para trabalhar sem ser devidamente valorizada, com a esperança de construir uma carreira. “Se chamassem para trabalhar na rede *Globo* de graça, por exemplo, as pessoas iriam. Óbvio! Eu acho que esse é o ponto preocupante do Jornalismo, porque você

está tirando o lugar de um profissional que poderia estar ganhando para isso. E se você não trabalhar de graça, alguém vai trabalhar no seu lugar.” Muito embora ela acredite que perdeu um pouco de tempo ao começar a segunda graduação depois de "velha", isso foi apenas motivo para se empenhar mais. Hoje ela já passou na OAB e faz pós-graduação em Direito Tributário, pela Fundação Getúlio Vargas.

Trabalhar demais, direito de menos.

Um relato da vida de Isabelle, sua rotina e suas vivências dentro de redações de jornal em São Paulo.



Quando o relógio marcava seis horas da tarde, sair no horário do seu fim de expediente, era motivo de vergonha para Isabelle Gertrudes. “Parece que existe uma convenção de que o jornalista bom é o jornalista que dorme na redação. Pessoas que vão embora no horário são mal vistas. ‘Nossa essa daí bate ponto, bate cartão.’ É como se você fosse um ser anormal por fazer isso.” A rotina de trabalho da ex-jornalista, que hoje tem 33 anos, era intensa: acordava 5:30 da manhã, trabalhava o dia inteiro e chegava em casa 22h para finalmente ter um tempo com o marido. Aos finais de semana sua dedicação ao trabalho prosseguia em casa ou fazendo plantão na redação.

Não foi surpresa quando Isabelle largou o emprego na sua área de formação para ser professora de séries iniciais no centro de línguas em que seu marido trabalha, a Aliança Francesa em São Paulo. “Eu via muita gente desmedida com o horário, que praticamente dormia na redação. Doentes, pessoas pálidas, com gripe o tempo inteiro, fumando cigarro. Pessoas totalmente solitárias, sem família. Eu comecei a olhar para os jornalistas mais velhos, aqueles em que eu poderia me espelhar e para mim isso ficou cada vez mais óbvio de que eu não queria aquele futuro para mim.”

Apesar da situação desagradável que ela passava todos os dias na redação do *Diário do Grande ABC*, foi preciso quatro meses de trabalho sem a carteira assinada e promessas

falsas de contratação para que ela largasse seu emprego. O jornal afirmava que ela trabalharia durante três meses como autônoma e depois seria contratada. Segundo Isabelle, esse era o prazo máximo que a lei permite a uma empresa emitir notas fiscais para pagamento de autônomos. “Nesses três meses eu recebia um valor muito abaixo do piso”, conta. Após esse tempo, queriam que ela ficasse no jornal, mas disseram que por estar em crise financeira, não poderiam assinar a sua carteira e pagariam seu salário “por fora”. Ao indagar quanto tempo ficaria na situação, a resposta foi a seguinte: “Não sabemos, isso depende da economia.” Esse foi o fim de sua vida em redações.

Antes da redação, seu emprego era em uma ONG criada pelo jornalista Gilberto Dimenstein, chamada *Associação Cidade Escola Aprendiz*, como editora de notícias do portal de bares chamado “*Vila Mundo*” da Vila Madalena. No início de seu contrato de emprego, Isabelle abriu um CNPJ, contratou um contador para controlar sua emissão de notas fiscais, pois foi acordado que pagariam seu “salário” para a pessoa jurídica, sendo assim ela não possuía direitos trabalhistas, nem direito a férias. Esse fenômeno de desvirtuamento do contrato de trabalho, que obriga uma Pessoa Física a constituir uma Pessoa Jurídica é conhecido como pejetização. Essa prática, quando tenta burlar os direitos trabalhistas, constitui crime contra a organização do trabalho, e está incurso no artigo 203 do Código Penal Brasileiro¹⁷. Contudo, essa realidade vivida por Isabelle é muito comum, como mostra a pesquisa mais recente da FENAJ (2012) na qual 25% dos jornalistas que atuam na mídia são contratados como *freelancers*, contratados como pessoa jurídica ou com contrato de prestação de serviços.

Isabelle deixa claro que “por ser site, não existe um horário para postar e não tem fim. Quanto mais você posta, melhor, mesmo de madrugada. Eu era a primeira a chegar na redação e a última a ir embora (...) e quando eu voltava para casa ainda trabalhava no site.” Ela acabou por desenvolver uma dedicação excessiva que não fazia parte de sua personalidade. Quanto mais trabalhava, mais elogios recebia e mais oportunidades conseguia, tanto que foi promovida e se tornou gestora de comunicação. Porém, a soma da correria do dia-a-dia, da pouca convivência com o marido e dos momentos escassos de lazer a fez engordar dez quilos

¹⁷ BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm .

Acesso em 1 fev. 2016.

Art. 203 - Frustrar, mediante fraude ou violência, direito assegurado pela legislação do trabalho:

Pena - detenção de um ano a dois anos, e multa, além da pena correspondente à violência. (Redação dada pela Lei nº 9.777, de 29.12.1998)

em dois anos de trabalho na ONG. “Uma vez, o que me chocou mais, foi quando a gente foi para praia. Eu, minha mãe e meu marido. E eu estava tão obcecada pelo trabalho, que deixei minha mãe e meu marido irem à praia sozinhos, para eu ficar dentro do apartamento do hotel, porque lá tinha internet e assim eu poderia continuar trabalhando”, revela.

Ela sempre gostou muito de escrever e ler jornal e, principalmente, revistas e foi esse o principal motivo por ter escolhido a profissão. Estudou jornalismo na faculdade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, mesmo sem o apoio da família. Durante o curso, fez estágio na Cátedra Celso Daniel por um ano, publicando matérias de um núcleo de estudo de assuntos políticos no site da faculdade. Depois de formada, acabou viajando o mundo: fez um intercâmbio de três meses no Canadá; pós-graduação na França, na especialidade de impressos; e uma viagem de 40 dias pela China, para terminar o curso com uma série de reportagens. Em agosto de 2009, voltou para o Brasil com a expectativa de que sua pós-graduação fosse muito valorizada. “Achei que essa especialização acrescentaria muito o meu currículo”, mas passou por diversas entrevistas e depois de quase um semestre em busca de emprego, decidiu atuar como *freelancer*.

“O jornalismo é viciante, a pessoa que larga tudo para trabalhar é muito reconhecida. Aquele que tenta conciliar outras coisas com o trabalho e faz o que tem que ser feito apenas, não tem chances.” Isabelle deixou de fazer muitas coisas, como cursos que gostava, se divertir e dançar, uma de suas paixões mais antigas: quando pequena, fez treze anos seguidos de ballet em sua cidade natal, São Caetano do Sul, São Paulo, e chegou a adiar o vestibular por um ano só para continuar dançando. Hoje, Isabelle não se preocupa com direitos trabalhistas e consegue ter horários flexíveis para aproveitar com o seu marido Mathieu Claudel, que conheceu na França, e seu filho Nathan; e se sente realizada com o retorno que seus alunos a dão quando aprendem francês.

Nunca diga nunca, mas provável que não.

Mariana Pizarro é a prova viva de como o primeiro contato com o mercado pode ser decisivo na hora de fazer escolhas profissionais.



A mãe de Mariana Pizarro ainda acha que ela vai ser o novo William Bonner e seu irmão, Luiz Roberto Júnior, que é formado em jornalismo e trabalhou durante 14 anos no Correio Braziliense, acredita que a profissão é a cara da irmã. “Fui conversando com o meu irmão, ele me falava muito sobre o jornalismo e me dizia que eu poderia mexer também com esses programas que eu gosto (Photoshop, Indesign, entre outros) no curso, além de aprender a mexer com texto”, explica. Foi nesse contexto que ela decidiu cursar Comunicação Social na UnB. Em três semestres, no entanto, ela já começava a mudar de ideia e, em 2015, concluiu sua dupla habilitação em audiovisual.

A brasiliense, de 25 anos, sempre estudou pela manhã e estagiou à tarde. Seu primeiro e único contato com Hard News foi na Secretaria de Comunicação da UnB (SECOM), cobrindo ciência, mas com pautas geralmente frias e que envolviam ler teses de mestrado em áreas em que Mariana não possuía o conhecimento. Sua experiência foi traumatizante e a partir de então ela decidiu que não iria mais trabalhar em redação. Seus outros estágios foram na área de assessoria ou diagramação, na Câmara dos Deputados, no Banco do Brasil e no Correio Braziliense.

Todas as manhãs, o editor chefe da SECOM mandava e-mail para cada jornalista sobre a pauta do dia e ela começou a ter pequenos ataques de pânico assim que acordava. “Então eu passava todas as aulas da UnB pela manhã pensando na pauta que eu teria que procurar. Pensando em quem eu teria que entrevistar para conseguir produzir a matéria à

tarde. Eu ficava muito nervosa e chegava no estágio já querendo chorar. E foi isso durante um semestre! Foi péssimo!”. O estágio em si não era rígido, quando ela pedia socorro a ajudavam. Porém, por ser Hard News, não havia como ser diferente. “Jornalismo é isso: cobranças, prazos, deadline e depender de fontes para concluir o trabalho”, ela descreve.

Apesar dessa experiência ter sido um marco na vida de Mariana, as decepções começaram logo cedo: Em 2008, ela passou pelo PAS para Comunicação Social na UnB e não gostou muito da grade horária. “Acredito que a UnB seja muito teórica e colegas de outras faculdades, como o Ceub, desde o primeiro semestre, já têm aulas práticas, já escrevem matérias”, explica. Muitas vezes também, ela se ‘apaixonava’ pelo nome das disciplinas, mas ao cursá-la se desestimulava, seja por causa do professor, seja pelo que foi ofertado. “Eu achava que, magicamente, eu teria interesse em tudo que eu nunca gostei antes de entrar na UnB, como economia, política, etc. Claramente foram expectativas frustradíssimas”, conta.

Durante sua graduação, a questão do diploma foi motivo de grande discussão em sala de aula. “Eu me lembro que no semestre em que caiu o diploma, meu quinto semestre, toda aula os alunos perguntavam para a professora: ‘professora, e agora como vai ser o futuro do Jornalismo?’ E eu, na época, fiquei muito chocada, achando que estava fazendo um curso inútil. Mas a própria Márcia (a professora) nos disse que era uma questão de facilitar a burocracia, pois na legislação nacional fala-se que só quem pode escrever para jornal ou revista de notícia é quem possui diploma de jornalismo. E muitas vezes, os jornais e revistas convidam pessoas especialistas para escrever. E isso não poderia ocorrer de acordo com a legislação e a queda do diploma facilitaria isso. Na época quando ela (a professora) nos disse isso ficamos mais calmos.” Mesmo com a queda do diploma, a pesquisa mais recente da FENAJ (2012) mostra que a ampla maioria dos jornalistas defendem, para o exercício da profissão, a diplomação específica em jornalismo, fato que vai contra o cenário atual.

Durante o estágio no Correio Braziliense, Mariana atuava como diretora de vídeos e ficou impressionada com a quantidade de pessoas que trabalhavam como repórteres e não eram formados, e sim estagiários. Nos seis meses em que ficou na empresa, presenciou duas demissões gerais: “eles demitiam editores que estavam lá há muito tempo e que já tinham um salário consideravelmente maior do que o dos outros editores ou jornalistas. Isso tudo para colocar outros dois profissionais bem mais baratos no lugar. Ou no caso dos estagiários, poderiam contratar quatro pra ficar no lugar do editor que saiu e ainda estariam pagando menos do que pagavam para o cara.” Mariana nunca soube lidar direito com a pressão do mercado de trabalho na profissão de jornalista e essa instabilidade que presenciou.

A carga horária da profissão também foi um motivo de descontentamento para Mariana. “Acho um absurdo a carga horária cobrada na maioria dos jornais. E o mais absurdo ainda é que não tem como não aceitar, porque se não for você, é o próximo da fila, que vai abaixar a cabeça e fazer as horas, mesmo achando muito. O ideal seria que os jornais, revistas, etc., contratassem o número certo de profissionais para ocuparem toda a jornada, sem pesar para nenhum deles. Mas isso significaria pagar mais férias, mais seguros de saúde, mais décimos terceiros, etc., e isso não é lucrativo, né? Sei que essa injustiça não é única da profissão de jornalista. O caso dos médicos, por exemplo. Mas acredito que talvez jornalismo seja a profissão que menos consegue a empatia geral. Por exemplo, professores, médicos, motoristas de ônibus, etc., sempre que fazem greve eles têm uma cobertura, às vezes maior ou menor, positiva ou negativa, e isso gera algum tipo de sentimento da população, revolta na internet que seja, sabe? Mas nunca vi um Tweet pela injustiça de trabalho dos jornalistas”, afirma.

No sétimo semestre, ela fez intercâmbio pela UnB para a Itália, através da Assessoria de Assuntos Internacionais - INT. Lá, ficou um ano na cidade de Florença e conheceu um sistema cultural chamado GAP YEAR, em que após o ensino médio o estudante possui um ano para trabalhar em restaurantes, bares, lojas, cafés para decidir o que fará pelo resto de sua vida, ou seja, qual será sua profissão. Fez estágio na parte de design e desenvolveu um aplicativo de celular: um jogo, para distrair pessoas que esperam em filas. Durante sua estadia, acabou conhecendo pessoas do audiovisual e percebeu que gostaria de trabalhar na área. “Nesse período da Itália, caiu a ficha que eu queria fazer dupla habilitação”, revela.

Chegando ao Brasil, ela atrasou um semestre sua graduação em Jornalismo e fez o máximo de matérias em audiovisual que conseguiu. Mariana hoje concluiu o curso de cinema e sonha em trabalhar com animação tradicional no Cartoon Network. Este ano, irá fazer uma pós-graduação no Canadá, estudará na Vancouver Film School. “Não sei como falar que a minha mãe está completamente iludida, mas eu nunca vou dizer nunca. Por enquanto, não penso em trabalhar em jornalismo”, conclui.

7. CONCLUSÃO

Não é incomum hoje em dia ver, nos veículos de comunicação impressos e digitais, notícias com erros de informações e até mesmo de português. Isso ocorre por vários fatores: pressa para colocar uma notícia no ar, carga de trabalho excessiva e falta de tempo para a edição e até a ausência do velho “revisor”, profissional responsável pela correção de erros em redações de outrora. Assim como o revisor, o pauteiro, o tituleiro, copidesque e outros foram praticamente extintos e agora o jornalista passa acumular todas essas funções, tornando-se um profissional multifuncional, multimídia, de quem se exige atender às plataformas digitais e impressas, ondem existem.

Com as inovações tecnológicas apropriadas pelos meios de comunicação, criou-se um novo hábito de produção e consumo de notícias, instantaneamente, levando a maioria das empresas a assumirem com orgulho o slogan “jornalista 24h”. E os jornalistas que se preparem para extensas jornadas de trabalho, que podem chegar até 12 horas – em alguns casos –, mas sem que o excesso, muitas vezes, venha acompanhado do pagamento de horas-extras. As organizações sindicais dos jornalistas acabam fragilizadas, pois não há mais a adesão esperada dos profissionais de comunicação a seus quadros, até mesmo por receio de que a atuação no sindicato possa prejudicar a carreira profissional.

O fim da exigência do diploma superior de Jornalismo para o exercício da profissão abriu espaço para a atuação de pessoas de outras áreas e a maciça utilização de estagiários (estudantes de jornalismo) em lugar de profissionais já formados. Tem sido comum a demissão de jornalistas experientes, de salários maiores, por outros com remunerações bem menores e os já citados estudantes. Os cortes nas folhas globais de salários das empresas jornalísticas tem sido uma das práticas nos últimos anos, especialmente em momentos de crises, quando caem as receitas publicitárias.

Nesse mesmo cenário, muitas empresas tentam burlar a legislação, contratando profissionais como pessoa jurídica, obrigando-os a abrir mão de direitos trabalhistas, como Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), férias, décimo terceiro, horas extras e outras verbas rescisórias. É a chamada *pejotização*, na qual o jornalista é obrigado a montar uma empresa, emitir nota fiscal para receber pelo trabalho e assumir os gastos de sua manutenção.

Todos esses fatores levam a precarização do trabalho jornalístico, além de uma crescente desilusão com a profissão de jornalista, como esta monografia procura mostrar, com base em

levantamentos, estudos e publicações disponíveis sobre o assunto, e entrevistas realizadas com profissionais afetados diretamente por essa precarização. Por fim, parece que o cenário da profissão jornalista não irá mudar, vejo com pessimismo a melhora nas condições de trabalho na profissão pelos próximos anos principalmente pela falta de engajamento dos jornalistas nessa causa e pela pouca adesão de jornalistas a sindicatos. O ser multifuncional, nos dias atuais, se confunde com inerência da profissão e com direitos trabalhistas (não possuindo direito a hora-extra, na maior parte das contratações, por exemplo). Assim, o jornalista deve estar preparado para aceitar essas condições que fortalecem a precarização da profissão durante sua vida profissional.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. A obrigatoriedade do diploma e a identidade jornalística no Brasil: um olhar pelas margens. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, RJ, v. 14, p. 73-92, 2006.

AMARAL, L. **Jornalismo, matéria de primeira página**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1997.

ARRUDA, N. M. Jornalismo Digital e Novos Leitores: agilidade e precisão num mundo de notícias. In: VIII WORLD CONGRESS ON COMMUNICATION AND ARTS, 2015, Salvador. **Book of Abstracts**, Salvador: Communication and Arts as Structuring Elements of Wellbeing and Social Justice, 2015. p. 237-241.

BRASIL. **Decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969**. Dispõe sobre exercício da profissão de jornalista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0972.htm>. Acesso em: 01 fev. 2016.

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Dispõe sobre o Código Penal Brasileiro. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 08 fev. 2016.

BRASIL. **Supremo Tribunal Federal**. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

DANTAS, J. B. A. **Perspectivas da prática profissional do jornalista assessor de imprensa: o ethos, a identidade e as reflexões deontológicas no contexto da atuação simultânea em redações e assessorias de imprensa de Natal-RN**. Natal: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, UFRGN, 2014. 123 f.

DINES, A. **O papel do jornal, uma releitura**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial. 1986.

DRUCK, G. **Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?** Caderno CRH, Salvador, v. 24, n.1, p. 37-57, 2011.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor.

Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf>. Acesso em: 21 Abr. 2016. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ. Apoio: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor. BERGAMO, A.. MICK, J. (Coord.), LIMA, S. (2012).

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Piso salarial**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php>> Acesso em: 03 fev. 2016.

FILHO, C. M. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

FRITH, S.; MEECH, P. Becoming a journalist: journalism education and journalism culture. **Journalism**. v. 8, n. 2, p. 140-143, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIA DO ESTUDANTE. **Jornalismo**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/comunicacao-informacao/jornalismo-686486.shtml>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

JORGE, T. M.; BARROS, B. R. C. Repórter-marginal: o Novo Jornalismo no Brasil e a produção de João Antônio na revista Realidade, entre 1966 e 1968. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava. **GT de História do Jornalismo**. p.1-15, 2011. ISSN 1580-1780.

JORGE, T. M. **Manual do Foca – guia de sobrevivência para jornalistas**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, L. B. Carreiras “Exóticas”: o que Administradores Podem Aprender com as Vivências de Artistas, Atletas e Outros Profissionais. **Revista de Carreiras e Pessoas**, São Paulo, SP, v. 01, n. 02, p. 1-28, 2011.

PANIAGO, P. R. A. **Um Retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. 456 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

PEREIRA, F. H. A study on Brazilian web journalists' professional careers. In: **Communication&Society/Comunicación y Sociedad**. v. 26, n. 4, p. 127-151, 2013.

PEREIRA, F. H.; M, D. O.; ADGHIRNI, Z. L. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: P, F. H.; M, D. O.; ADGHIRNI, Z. L. **Jornalismo e Sociedade. Teorias e Metodologias**. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2012.

PEREIRA, F. H. Três estatutos, uma identidade: comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília. In: R, D.; PEREIRA, F. H.; MARTINELLI, F.; BELISÁRIO, K. M.; GUAZINA, L. S.; QUIROGA, T. **Muito além dos meios - Comunicação Organizacional: desafios e interfaces**. 1. ed. Brasília: Editora UnB, v. 1, p. 61-77, 2014.

PORTAL EDUCAÇÃO. O que é uma Carreira Profissional?, **Portal da Educação – Conhecimento para mudar sua vida**, Campo Grande, dez, 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/iniciacao-profissional/artigos/24195/o-que-e-uma-carreira-profissional#ixzz3owUXfWHy>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PICANÇO, V. Pejotização do trabalhador: a ilegalidade da contratação de trabalhadores como pessoa jurídica. **Âmbito Jurídico**. Rio Grande, n. 111, abr, 2013. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12743>. Acesso em: 02 fev. 2016.

RENAULT, D. Atas do II Colóquio Internacional. **Mudanças Estruturais no Jornalismo**. v.1, p. 464-480, 2013.

RODRIGUES, C.; FONSECA, B.; BODENMULLER, L.; VIANA, N. Demissões em massa nas redações. **Revista Fórum**, 11 jun. 2013 Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/radar-da-midia/demissoes-em-massa-assolam-redacoes/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

ROCHA, M. Demissões em massa: seria o fim do jornalismo? **Opinião e Notícia**, São Paulo, set, 2015. Disponível em: <http://opinioenoticia.com.br/brasil/demissoes-em-massa-seria-o-fim-do-jornalismo/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

SANT'ANNA, F. Mídia das fontes: o difusor do jornalismo corporativo. Publicado em: **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - BOCC**. Brasília, DF, 31 p. 2006.

SILVA, C. M. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejotização**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. 215 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

SQUARISI, D.; SALVADOR, A. **A arte de escrever bem. Um guia para jornalistas e profissionais do texto**. 1. ed. São Paulo: Contexto. 2013.

TACHIZAWA, T.; MENDES, G. **Como fazer monografia na prática**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ver. Ampl. FGV, 2006.

TRATADO INTERNACIONAL. **Convenção americana de Direitos Humanos** – Pacto de San José da Costa Rica. 1969. Disponível em:

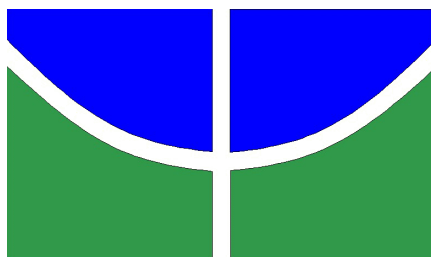
<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/sanjose.htm>.

Acesso em: 13 fev. 2016.

UNIVERSITÁRIO VESTIBULARES. **A escolha da profissão**. Disponível em:

<http://www.universitariovestibulares.com.br/Conteudo.aspx?IDConteudo=25>. Acesso em:

21 fev. 2016.



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

LAÍS CRISTINA LINS BÊRBER CRESTANI

PRECARIZAÇÃO DO JORNALISMO

APÊNDICE

Brasília-DF

Julho/2016

1. PRIMEIRA VERSÃO DOS DEPOIMENTOS

Anna Luiza Félix

Anna Luiza Félix nasceu em 27 de maio 1993. Em 2009 no segundo ano do ensino médio Anna decidiu ser jornalista. Na sua decisão, sua família não foi muito a favor, pois achavam que Anna iria seguir os passos do seu tio, que na época, trabalhava há 15 anos na rede Globo. “Então quando eu escolhi, todo mundo se baseou na vida do meu tio. E me disseram: A! Não faz isso não, seu tio escolheu isso e olha o que ele fez da vida dele. Ele ganha mal e trabalha muito, inclusive aos finais de semana.” Seu tio, até o momento dessa entrevista, mora com a avó de Anna e atualmente depois de 18 anos de Rede Globo foi demitido. No entanto, Anna retrucava sua família dizendo que faria diferente na profissão. “Eu dizia que meu tio não se esforçou o bastante.”

Seu primeiro estágio foi na Procuradoria Geral da Fazenda Nacional, devido à inauguração do setor de comunicação, Anna foi a primeira estudante de jornalismo a ser contratada. Seu trabalho era publicar na intranet sobre dívida ativa, FGTS e assuntos relacionados à PGFN, ela contou que a equipe de lá era composta por estagiários e sua chefe era formada em marketing. “Algo que eu percebia, é que muitas vezes o jornalista publica matérias sem entender o assunto direito. Às vezes você entendia muito pouco e publicava uma matéria inteira sobre o assunto. Eu achava isso muito ruim”. Anna, após seis meses de estágio na PGFN, foi para o Correio Braziliense.

No Correio, Anna trabalhou no caderno ‘trabalho e formação profissional/Gabarito e Super’, o mesmo questionamento da entrega rápida de matérias sobre assuntos que os redatores ainda não possuíam conhecimento o bastante a intrigava. “Como eu ia informar alguém, se nem eu entendia direito sobre o que eu estava escrevendo em tão pouco tempo?”. Na tentativa de explicar melhor sobre o seu ponto de vista Anna exemplificou. “Eu dei entrevista para o SBT e para a Record esse ano. E as duas matérias saíram totalmente deturpadas! Por exemplo, a matéria para a Record era sobre o dia dos namorados. E na entrevista eu e meu namorado contamos a nossa história. Quando a gente viu o resultado, estava tudo errado! Aquela história foi tão deturpada, que não era a nossa, não era verdade o que foi passado na televisão. E isso me dava muita agonia.” Ela relata que isso acontecia com ela também na redação, na hora de

produzir as matérias; muitas vezes crianças tinham muita dificuldade de se expressar ou não sabiam falar direito na hora da entrevista, mas como resultado final da matéria, a impressão que ela tinha é que a criança falava com autoridade e facilidade. “Isso acontecia não só comigo, mas com pessoas já formadas em jornalismo.”

No ‘Gabarito e Super’, havia uma editora, uma subeditora, uma jornalista contratada e uma freelance e variava de dois a quatro estagiários no setor. “Lá nessa editoria o tempo todo saíam estagiários, pois o trabalho era muito puxado, então quase toda semana tinha entrevista de estágio.” Fora que Anna ficava irritada, por nunca ter um horário fixo para sair, era comum ficar pelo menos meia hora a mais no expediente, havendo dias em que ficava duas horas a mais. Segundo Anna, o sindicato dos jornalistas estabelecia a jornada de trabalho de até 5 horas, mas ninguém na redação trabalhava apenas cinco horas, nem mesmo os jornalistas formados. Depois de dois meses de estágio no Correio Braziliense, Anna concluiu que não queria ser mais jornalista e pediu demissão. “Foi pela minha experiência lá que eu bati o pé e não queria mais. Mesmo saindo do trabalho, você não ‘desliga’ e continua pensando no que precisa fazer para o dia seguinte. Eu ia trabalhar chorando de estresse, tinha até dor de barriga.”

Já desiludida com o jornalismo. No primeiro semestre de 2014, estudando sobre a importância da educação para a construção de gerações mais virtuosas e menos violentas. E conversando com amigas, Anna chegou à conclusão de que seria a educação que iria “mudar o mundo”. E decidiu sozinha, sem influências, que iria cursar pedagogia à distância pela universidade Cruzeiro do Sul Virtual, pois assim não iria prejudicar o curso da UnB. Ao conversar com seus pais, após sua decisão, houve apoio. Hoje Anna trabalha na casa Thomas Jefferson estagiando em pedagogia e sendo auxiliar de professores para alunos entre 3 anos e 7 anos. “Eu estou muito apaixonada pelo que eu estou fazendo. Eu sei que a média salarial de um professor é a ‘mesma’ média de um jornalista, a diferença é sobre o estilo de vida que eu vou ter, qualidade de vida.”

Gabriela Petkovic

Gabriela Petkovic nasceu em 5 de setembro de 1984. Em 1999, entrou no ensino médio e lá Gabriela não tinha noção de qual profissão iria seguir, mas gostava muito de história, geografia e português. “Bom, eu sabia que a minha área era humanas”. Sua mãe Sônia Lima disse que Gabriela iria se identificar com Jornalismo e seu pai disse a ela para fazer Direito. Gabriela não chegou a pesquisar sobre a profissão jornalística, apenas seguiu a sugestão da mãe. Aos 17 anos, prestou vestibular para a Universidade Metodista, que estava classificada entre uma das quatro melhores para o curso em São Paulo, e cursou jornalismo no turno vespertino. “Eu gostava bastante, inclusive das pessoas, tenho amigas até hoje, gostava muito das matérias.” Gabriela conta que não precisava estudar muito na faculdade para passar, “era uma faculdade fácil.”

Logo que entrou na faculdade, começou a disparar currículos para vários lugares, fazendo estágio em todos os anos da faculdade, “e isso também ajudou para a minha frustração. Muitas vezes os estágios eram gratuitos.” Seu primeiro estágio foi não remunerado em uma revista bairrista a ‘Mooca em revista’, fazendo foto, edição de textos. “Eles não pagavam absolutamente nada, nem a pilha do meu gravador. Mas eu gostava muito da revista e me empenhava muito.” Como a revista era de um político e ele ganhou as eleições na época, sua chefe se tornou assessora de imprensa dele e Gabriela assumiu o posto de editora da revista, começou a receber salário e foi promovida mantendo o salário de editora. “Eu gostava muito! E como era uma revista política eu conheci muita gente. Conheci o Geraldo Alckmin, o José Serra, era muito empolgante. Eu almoçava de graça, jantava de graça em algumas ocasiões e me sentia importante.” Os trezentos reais de salário não a motivou por muito tempo, e no segundo ano da faculdade pediu para sair desse estágio. “No meu lugar nessa revista, o dono da revista colocou o filho dele, a filha, a tia para me substituir”.

Assim que saiu da revista Mooca, Gabriela ajudou a fazer a próxima edição após sua saída e mesmo diagramando a revista inteira e colocando seu nome nos créditos, descobriu que na hora da impressão eles retiraram seu nome o que a chateou. Então, se candidatou para um estágio pela faculdade na UNESCO, que também era não remunerado. Ao longo dos estágios fez artigos para o site ‘Biotec AHG’ de biotecnologia fazendo artigos, gratuitamente também e trabalhou no jornal ‘Água Rasa’ fazendo de tudo um pouco, como escrever e diagramar. Ao final de sua graduação fez estágio, remunerado no valor de quinhentos reais, no site ‘Bares SP’ sobre baladas em São Paulo. Após formada continuou a trabalhar para este site, “eu ficava

chateada porque eu, formada, não escrevia matérias para o site, quem escrevia era o estagiário, que era mais antigo. E eu ficava com a parte de cadastro de eventos.”

Gabriela fez pós-graduação em marketing e comunicação publicitária na Cásper Líbero, logo que acabou a faculdade de jornalismo em 2006 e concluiu. E quando estava terminando a pós-graduação, conheceu seu marido, Marcelo Arenzon. Após sua pós-graduação. Seu salário mais alto foi setecentos reais em um emprego com carteira assinada em uma assessoria de imprensa (Texto & Imagem) no qual fazia assessoria e textos jornalísticos para um site de cirurgia plástica. “Eu gostava muito, eu sempre gostei bastante de Jornalismo.” Por ter tido empregos assalariados e três salários na vida, um de 300, outro de 500 e outro de 700 reais, Gabriela ficou frustrada “porque eu tinha acabado uma pós-graduação e eu ganhava 700 reais e eu observava os jornalistas e eles não ganhavam bem. Meu salário não pagava direito nem a faculdade que eu fiz, então como é que eu vou ter um filho? Ter uma família com esse salário?”

Após o emprego na assessoria de imprensa, Gabriela decidiu cursar Direito a fim de ganhar mais, em sua decisão para mudar de curso, não houve influência de ninguém. “Meu currículo sempre foi muito bom, eu falo quatro línguas (francês, inglês, espanhol e italiano), sempre fui uma pessoa estudiosa e eu merecia mais.” Fez o curso na Universidade São Judas Tadeu, em 2007 e se dedicou bastante nos estudos, passou na OAB. Durante o curso de direito, em seu primeiro estágio, Gabriela ganhava quinhentos reais. “Ou seja, eu estava ganhando praticamente igual de quando eu trabalhava em jornalismo e lá eu era formada.” Nos estágios em direito, Gabriela relatou que todos os seus estágios foram remunerados e ela tinha benefícios, como vale alimentação, que no jornalismo ela não tinha. Muito embora tenha sido muito positivo começar a segunda graduação depois de “velha”, “às vezes acho que perdi um pouco de tempo. Mas o fato de fazer a segunda graduação depois me deu maturidade para estudar mais e me empenhar mais”.

Hoje Gabriela faz pós-graduação em Direito Tributário, pela Fundação Getúlio Vargas que começou em 2014. “Eu estou sendo sincera, vou falar ta? Antigamente quando eu era jornalista eu achava legal poder entrar nas festas de graça. E eu fiz Direito, porque eu poderia pagar para ir nessas festas.” Gabriela pensa em ter filhos em breve.

Isabelle Gertrudes

Isabelle Gertrudes nasceu em São Caetano do Sul - São Paulo, no ano em 28 de fevereiro de 1983. Durante o ensino médio, houve uma feira no colégio sobre profissões. “Mas não sei se por um acordo da escola, mas eles só trouxeram o lado positivo das profissões (...) e foi, um jornalista, se eu não me engano da Folha de São Paulo ou Estado de São Paulo. E eu lembro que eu conversei com esse jornalista”. Fez 13 anos seguidos fez ballet, devido a essa paixão pela dança, sua mãe Gertrudes Bertinet a deixou por um ano, após a conclusão do ensino médio, sob a condição de fazer cursinho pré-vestibular ao mesmo tempo para não ficar sem estudar. Por isso, Isabelle entrou na faculdade um pouco mais tarde com 19 para 20 anos, em 2001.

Como não sabia qual profissão iria seguir, mas “eu sempre gostei muito de escrever e sempre gostei muito de ler jornal, principalmente revistas e em função disso, de uma maneira bem ingênua e até ignorante, porque eu não me aprofundei em conhecer o mercado de trabalho do jornalista, eu acabei escolhendo o curso”. Na sua escolha não houve influência familiar, Isabelle não tem jornalistas na família; mas também não houve apoio, sua mãe não ficou animada com a sua escolha pela profissão e a alertou sobre os contras e os prós da escolha profissional. Mesmo assim, Isabelle insistiu e prestou vestibular na faculdade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, para o curso de Jornalismo.

Durante a graduação fez um estágio. Fez estágio, na Cátedra Celso Daniel, na própria faculdade por um ano apenas em um núcleo de estudo de assuntos políticos. Era responsável por alimentar o site da faculdade com matérias sobre o trabalho daquele grupo de estudos, relatava reuniões e seminários e fazia entrevistas. No último ano de sua graduação, Isabelle assistiu uma palestra de uma recrutadora de trainees da Folha de São Paulo, “essa palestra para mim foi um tapa na cara, porque eu estava no último ano e a gente discutia muito a questão do diploma. E essa pessoa disse para a gente que a Folha de São Paulo não se importa, na verdade, tanto com o diploma do jornalista. Que para eles é muito mais interessante eles pegarem alguém especialista no assunto, como economia ou finanças e formar essa pessoa com as técnicas jornalísticas com a formação deles. Do que pegar um estudante de jornalismo, que aprende as técnicas de jornalismo, mas não tem especialidade. Isso para mim na época foi um choque”.

Isabelle se formou em 2005 e decidiu em 2006 fazer um intercâmbio de três meses no Canadá a fim de melhorar seu inglês. Após esta experiência, foi direto para a França em 2007, para fazer uma pós-graduação na especialidade de impressos. Lá fez três estágios obrigatórios, o primeiro em um jornal local da cidade de Estrasburgo, o segundo estágio foi em um jornal de

outra cidade Colmar. Como o terceiro estágio deveria ser feito em outro país, aproveitou para voltar ao Brasil, fez na Agência France Presse, em São Paulo, agenciando notícias econômicas. Após a pós-graduação, os alunos precisam fazer uma viagem durante 40 dias para fazer uma série de reportagens sobre um assunto comum (o mesmo tem), e Isabelle foi para a China, em 2009 e o tema era um ano depois do terremoto de 2008 que atingiu uma província na China. “Foi uma experiência bem enriquecedora”.

Durante a pós-graduação, conheceu seu marido Mathieu Claudel e após um ano de namoro ele decidiu se mudar para o Brasil. Em agosto de 2009 Isabelle voltou para o Brasil com a expectativa de que sua pós-graduação fosse muito valorizada, “achei que essa especialização acrescentaria muito o meu currículo”, passou por diversas entrevistas. Durante quase um semestre em busca de emprego Isabelle fez diversos freelances e em fevereiro de 2010 começou a trabalhar em uma ONG criada pelo jornalista Gilberto Dimenstein. – chamada Associação Cidade Escola Aprendiz, como editora de notícias de um portal de bares chamado “Vila Mundo” da Vila Madalena.

“Por ser editora, eu me tornei totalmente obcecada pelo trabalho e por ser site, ele não tem horário e não tem fim. Então quanto mais você posta melhor, não importa a hora, mesmo de madrugada.” Isabelle devido a este comportamento recebia diversos elogios de seus chefes na redação o que a motivava ainda mais a continuar trabalhando mais. “Eu era a primeira a chegar e a última a ir embora (...) e quando eu voltava para casa eu ainda trabalhava no site.” Foi promovida no trabalho e se tornou gestora de comunicação e trabalhava na parte administrativa da organização. E em cerca de 2 anos que trabalhou na ONG, sua obsessão pelo trabalho a fez engordar 10 quilos, “eu não tinha tempo para quase mais nada e não tinha tempo para o meu marido. ” Isabelle conta que trabalhava o dia inteiro e via seu marido 22h quando já estava cansada e acordava no dia seguinte 5:30 da manhã para sair de casa 6h e aos finais de semana continuava trabalhando em casa ou ficava de plantão para o veículo. “Até uma vez, o que me chocou mais, foi quando a gente foi para praia. Eu, minha mãe e meu marido. E eu estava tão obcecada pelo trabalho. E eu deixei minha mãe e meu marido irem à praia sozinhos, para eu ficar dentro do apartamento do hotel, porque lá tinha internet e assim eu poderia continuar trabalhando. ”

Isabelle conta que deixou de fazer “muitas coisas”, deixou de fazer cursos que gostava, deixou de dançar e se divertir e explicou que se tornar obcecada pelo trabalho foi algo que não era da sua personalidade e sim se tornou algo natural. “Quanto mais eu trabalhava, mais eu era elogiada e mais eu recebia oportunidades dentro da ONG. E cada vez mais eu era reconhecida

por essa obsessão, (...). Então eu precisava ser assim, e eu comecei a me tornar um modelo para os outros jornalistas que trabalhavam comigo, o que é pior. O jornalismo é viciante, dentro do jornalismo a pessoa que larga tudo para trabalhar é muito reconhecida. Aquele que tenta conciliar outras coisas com o trabalho e faz o que tem que ser feito apenas, não tem chances. ”

Isabelle conta que nos dias em que terminava seu trabalho mais cedo e precisava sair mais cedo do trabalho se sentia envergonhada de sair da redação cedo. “Parece que existe uma convenção de que jornalista bom é jornalista que dorme na redação.” Então quando o relógio marcava seis horas da tarde, que normalmente é o horário que acaba o expediente de trabalho e as pessoas vão embora “elas são mal vistas. Nossa essa daí bate ponto, bate cartão, é como se você fosse um ser anormal por fazer isso.” Nessa ONG, Isabelle não possuía direitos trabalhistas, pois foi acordado que pagariam seu “salário” para a pessoa jurídica, o CNPJ, que ela teve que abrir e começar a emitir notas fiscais para receber tal pagamento, além do gasto com contador que quem possui CNPJ é importante ter.

Por passar cerca de 4 horas no trânsito se deslocando para o trabalho, por dia, ela resolveu mudar de emprego. Começou a trabalhar então em um jornal importante do ABC, Diário do Grande ABC. E se iludiu, “os meus horários ficaram ainda mais malucos”, ao achar que a quantidade de horas que ela teria que passar por dia trabalhando e se deslocando mudaria por estar perto de casa. Eram 5 minutos de carro. A promessa no jornal é de que ela trabalhasse durante três meses, segundo Isabelle esse era o prazo máximo que a lei permite a uma empresa emitir notas fiscais para pagamento de autônomos, e no quarto mês seria contratada. “Nesses três meses eu recebia um valor muito abaixo do piso.” Após esse tempo, queriam que ela ficasse no jornal, mas disseram que por estar em crise financeira não poderiam assinar a sua carteira e a pagariam seu salário “por fora”. Ela indagou quanto tempo teria que trabalhar nessa situação, até que regularizarem sua situação. A resposta que obtive foi “Não sabemos, isso depende da economia. Foi aí que eu decidi ir embora. ”

“Eu via muita gente desmedida com o horário, que praticamente dormiam na redação. Doentes fisicamente na redação, pessoas pálidas, com gripe o tempo inteiro. Fumando cigarro o tempo inteiro. Pessoas totalmente solitárias, sem família. E eu comecei a olhar para os jornalistas mais velhos, aqueles em que eu poderia me espelhar e para mim isso ficou cada vez mais obvio de que eu não queria aquele futuro para mim. ” Isabelle hoje é professora de séries iniciais da Aliança Francesa em São Paulo. Seu marido é diretor desse centro de línguas em que ela trabalha. Eles tiveram um filho e Isabelle consegue ter horários flexíveis para cuidar de Nathan e se sente realizada vendo o retorno que seus alunos a dão quando aprendem francês.

Mariana Pizarro

Mariana Pizarro nasceu em Brasília no dia 27 de fevereiro de 1991. No ensino médio, ela já tinha convicção de que sua área de atuação seria humanas. Seu irmão Luiz Roberto Júnior mais velho é formado em jornalismo pela UnB e trabalhou durante 14 anos no Correio Braziliense até os dias atuais, mas saiu da profissão para se tornar empresário. Mariana acredita que seu irmão foi uma grande influência para a sua escolha de curso e que seu irmão dizia a ela também que jornalismo tinha muito a ver com ela. “Fui conversando com o meu irmão, ele me falava muito sobre o jornalismo e me dizia que poderia mexer também com esses programas que eu gosto (Photoshop, Indesign, etc.) no curso de jornalismo, além de aprender a mexer com texto também.”

Em 2008, Mariana passou pelo PAS para Comunicação Social na UnB e no primeiro semestre de 2009, ela optou pela habilitação jornalismo. “No dia da matrícula, eu já havia falado para todo mundo que iria fazer jornalismo (pais, amigos, familiares).” Mas ao chegar no terceiro semestre do curso quando a grade curricular começa a se distinguir entre as três habilitações (audiovisual, publicidade e jornalismo), Mariana ficou na dúvida. “Acredito que a UnB seja muito teórica e colegas de outras faculdades, como o Ceub, desde o primeiro semestre já têm aulas práticas, já escrevem matérias.” Muitas vezes, ela se ‘apaixonava’ pelo nome das disciplinas, mas ao cursá-la se desestimulava, seja por causa do professor, seja pelo que foi ofertado. “Eu achava que, magicamente, eu teria interesse em tudo que eu nunca gostei antes de entrar na UnB, como economia, política, etc. Claramente foram expectativas frustradíssimas.” Mariana comparou a grade curricular de Jornalismo na UnB com Jornalismo na USP, “eu coloquei na minha cabeça que provavelmente o site da FAC estava desatualizado, porque não era possível que a gente não ia estudar latim pra uma faculdade de jornalismo(?) No fim das contas foi bom não ter que pegar Latim, mas poxa, custava colocar português na grade? Muitos amigos meus escrevem errado.”

Seu primeiro estágio foi na Secretaria de Comunicação da UnB, cobrindo ciência. Todas as manhãs o editor chefe mandava e-mail para cada jornalista sobre a pauta do dia. “E eu comecei a ter pequenos ataques de pânico assim que eu acordava, porque todas as manhãs eu olhava o meu e-mail e via o e-mail dele.” Mariana estudava pela manhã e estagiava à tarde, “Então eu passava todas as aulas da UnB pela manhã pensando na pauta que eu teria que procurar. Pensando em quem eu teria que entrevistar para conseguir produzir a matéria à tarde, então eu ficava muito nervosa e chegava ao estágio já querendo chorar. E foi isso durante um

semestre! Foi péssimo!” Por considerar esse estágio como uma experiência traumatizante, seus outros estágios foram na área de diagramação ou de assessoria. Fez estágio na Câmara dos Deputados, no Correio Braziliense e no Banco do Brasil.

Durante o estágio no Correio Braziliense, Mariana atuava como diretora de vídeos e ficou impressionada com a quantidade de pessoas que trabalhavam como repórteres e não eram formados, e sim estagiários. Nos seis meses que trabalhou na empresa, presenciou duas demissões gerais: “eles demitiam editores que estavam lá há muito tempo e que já tinham um salário consideravelmente maior do que o dos outros editores ou jornalistas; isso tudo para colocar outros dois profissionais bem mais baratos no lugar. Ou no caso dos estagiários, poderiam contratar quatro pra ficar no lugar do editor que saiu e ainda estariam pagando menos do que pagavam para o cara.” Mariana nunca soube lidar direito com a pressão e a insegurança da profissão e por isso, desde o quarto semestre se desestimulou com a profissão.

No sétimo semestre, Mariana fez intercâmbio pela UnB através do INT para a Itália, pois sabia falar italiano. Lá ficou um ano na cidade de Florença e estudou design de moda e por acabar conhecendo pessoas do audiovisual lá, percebeu que gostaria de trabalhar na área. “Nesse período da Itália, caiu a ficha que queria fazer dupla habilitação.” Voltou para o Brasil, e fez o máximo de optativas em audiovisual que conseguiu em um semestre. Se formou em jornalismo e começou a cursar audiovisual como dupla habilitação. Em 2º/2015 Mariana concluiu o curso de audiovisual e em 2016 irá fazer uma pós-graduação em animação tradicional no Canadá. Estudará na Vancouver Film School e hoje tem vontade de trabalhar no Cartoon Network.

2. RESPOSTAS OBTIDAS NO QUESTIONÁRIO PROPOSTO.

Legenda:

-- = não houve resposta ou foi omitido a fim de preservar a fonte.

- Nome? Idade?

Rodolfo S Filho, 36 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola particular, Salvador - BA

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Queria fazer jornalismo ou publicidade, com preferência para jornalismo.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

UFBA, vestibular

- Por que Jornalismo?

Basicamente, porque o jornalismo me permitiria seguir curiosidades e transformá-las em carreira sem o compromisso de longo prazo necessário a fazer ciência.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Algo que gosto muito e sou muito bom, mas deu errado financeiramente.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Eu esperava ter a oportunidade de fazer matérias longas sobre assuntos variados e escrever bastante. Acabou não sendo bem assim

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Muito variável. Mas muita gente me via como sério demais e arrogante.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Em jornal, na TV universitária e website. Escrevi para revistas durante a faculdade

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Eu quero escrever textos longos e ser razoavelmente bem remunerado (ter uma vida de classe média). Mas não existem muitas oportunidades para isso. E cada vez menos.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Não decidi. Mas estou tentando concursos por motivos diversos.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

As pessoas normalmente ficam tristes, mas entendem que tentar concursos é algo necessário.

- Hoje, atua em outra profissão?

Estou afastado por motivos de saúde.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Minhas escolhas profissionais foram o menor dos meus problemas.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Faça uma avaliação realista do mercado de trabalho e procure se informar se áreas próximas podem trazer satisfação pessoal, porque jornalismo não vai trazer muitas oportunidades financeiramente.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Passei por problemas crônicos de saúde que ainda não se solucionaram e, enquanto isso, o mercado de jornalismo se desintegrou.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não, houve resistência.

-
- Nome? Idade?

Gabriela Petkovic, 31 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Liceu Santa Cruz

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não. Não tinha a mais vaga ideia.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17 anos. Certamente era um pouco cedo para saber o que eu queria para a minha vida inteira.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Fiz Enem, fui bem (principalmente na redação), mas ele não me ajudou a entrar em nenhuma das faculdades. Passei na Metodista e entrei pelo vestibular mesmo.

- Por que Jornalismo?

Eu não sabia o que fazer. Havia estudado em um colégio "razoável", ou seja, não tinha uma boa base. Meu forte era humanas, sem dúvida. Então, como eu era extrovertida e gostava de falar, defini rapidamente que meu "negócio" era humanas. Aí conversei com minha mãe e ela disse que jornalismo era a minha cara. Já meu pai disse que eu deveria ser advogada. Pensei nessas duas opções e tive certeza que jornalismo tinha mais a ver comigo.

- O que significa jornalismo na minha vida?

O jornalismo é mágico. Você conhece pessoas, você tem a chance de fazer o bem e de ajudar o mundo. Para mim, o jornalismo foi uma fase da minha vida. Uma época muito bacana. No começo da minha carreira trabalhei em uma revista de bairro. era simplesmente o máximo. Conheci o José Serra, o Alckimin, o Kassab... Achava isso fantástico. Sem contar que eu estava sempre por dentro das novidades do bairro e, como sou da Mooca, sou bastante bairrista. Logo, meu trabalho era perfeito.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Meu objetivo era fazer a diferença. Poder fazer o que gosto e ganhar dinheiro para isso. Conhecer pessoas, escrever matérias... E isso acabou dando certo, de um certo modo. Entretanto, o salário dessa profissão fez com que eu desistisse. Acabei terminando a graduação e fiz uma pós. Meu salário mais alto até a pós foi de R\$ 500,00. Ao terminar a pós, comecei a ganhar R\$ 700,00. Claro que isso foi há bastante tempo (2006 foi quando terminei a pós na Cásper Líbero). Mas foi aí que eu vi que eu podia e merecia mais.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Tinha muitas amigas, amigas que falo até hoje. Gosto muito delas. Todas elas são muito legais muito queridas. Adorava os professores. Alguns tenho o Facebook... Sempre me dei bem com todos.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Fiz sim. Tivemos que fazer algumas matérias para a TV na própria faculdade. Na aula do grande mestre Cal, também mexemos com rádio. Tenho uma voz muito boa para rádio, gostava bastante. Mas minha paixão era a revista da Mooca. Então sempre procurava mais pelo impresso. Fiz estágio todos os anos da faculdade. E isso também ajudou para a minha frustração. Muitas vezes os estágios eram gratuitos. Comecei na revista da Mooca, depois fiz estágio na faculdade (trabalhei para a Unesco), fui chamada para fazer um jornal da Água Rasa (fazia tudo, inclusive a diagramação e nunca recebi nada para isso), depois trabalhei em um site de baladas (Bares SP). Passei por uma assessoria de imprensa (Texto & Imagem) e fiz o conteúdo de um site de cirurgia Plástica. Na faculdade também saíram algumas matérias no Jornal do Grande ABC.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Eu apenas esperava que eu pudesse viver disso. Porém, mesmo depois de pós graduada, algumas propostas era de fazer conteúdo de forma gratuita. A profissão é linda e acredito que por isso as pessoas não acham que devem pagar por ela (risos). Eu sou da época do diploma e, naquela época, a profissão já não era valorizada. Eu imagino agora que não precisa nem fazer faculdade alguma para ser chamado de jornalismo. Sinceramente, até concordo que não é necessário o diploma de jornalismo, mas acredito que pelo menos o diploma de alguma coisa a pessoa deveria ter para poder escrever, seja sobre o que for. Essa semana mesmo peguei uma matéria na internet de uma revista famosa com a palavra "excesso" escrita "ecesso". Essas coisas fazem com que eu me lembre por que larguei essa linda profissão. Hoje qualquer um escreve o que quer e do jeito que quer. Então faz sentido as pessoas não valorizarem isso como uma profissão. Isso me deixou bem triste. Foram tantas aulas de o quanto o jornalismo pode mexer com a vida das pessoas... Agora qualquer um pode estragar a vida de alguém, pois nem sabe do potencial de uma matéria. Acredito que a faculdade ajuda muito a ter uma visão global das coisas, como é o caso da "escola de base". É necessário um jornalismo responsável e as pessoas precisam, no mínimo, fazerem um curso para saberem do que são capazes ao escrever uma matéria. Outro exemplo é o caso das contas do Romário na Suíça. Pergunto: como alguém

publica uma coisa dessas sem prova alguma do que está falando? É muita irresponsabilidade. Assim, hoje não faltam oportunidades, com certeza. Mas são oportunidades para trabalhar de graça e sem qualidade e isso não é o que quero para mim.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Assim que acabei a pós-graduação. Estava ganhando R\$ 500,00 e passei a ganhar R\$ 700,00. Achei um absurdo, pois a faculdade custava quase isso por mês. Como eu poderia ter uma família assim?

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim, pois eles também achavam que eu merecia mais.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim, sou advogada.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Muito. Embora tenha sido muito positivo começar a segunda graduação depois de "velha", às vezes acho que perdi um pouco de tempo. Mas o fato de fazer a segunda graduação depois me deu maturidade para estudar mais e me empenhar mais. No jornalismo eu não precisava estudar. Sempre passava de ano. No direito não é assim. Se você não estudar e não levar a sério, não passa. E também se no final do curso não passar na OAB, é como se não fizesse o curso, pois não pode atuar como advogado! Logo, às vezes penso que seria legal se eu não tivesse "errado" na primeira tentativa. Mas também entendo que "ter errado" foi positivo, pois sou uma advogada melhor por causa do meu background em jornalismo.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Eu sempre deixo bem claro: é uma profissão linda, mas prepare-se para ganhar pouco. Acredito que temos que ser realistas, assim a pessoa sabe onde está se metendo.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

O jornalismo é capaz de mudar o mundo. Ele realmente é. É uma profissão linda e as pessoas que fazem jornalismo devem ter consciência disso. Eu tenho uma teoria que se a televisão falasse mais dos casos de polícia que foram resolvidos, ao invés de explorar os que não foram, certamente os crimes iriam diminuir. Hoje os bandidos não têm medo de serem pegos. Porém, notícias boas não vendem. Logo, estratégias como essas deveriam ser pensadas em conjunto. O sindicato dos jornalistas é muito fraco. Nisso a OAB não me decepciona. O sindicato poderia ajudar nessa desvalorização dos salários e nessa mudança gradativa do que publicar e do que não publicar. Não com a finalidade de censura, mas de mexer com a consciência das grandes mídias. Demonstrar o quanto é importante não ficar “mexendo na ferida” dos familiares que perderam parentes, por exemplo. Hoje existe uma sede de sangue que talvez pudesse ser mudada. Se houve um crime horrível, óbvio que a pessoa pode publicar, mas não precisa valorizar o criminoso e colocá-lo na capa da revista. Vamos valorizar o que há de bom. Vamos tornar as pessoas que contribuíram para a sociedade as pessoas famosas e não as que estragam nosso país.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Sim. Eu não sabia o que fazer e perguntei o que meus pais achavam.

-
- Nome? Idade?

Guilherme. 35

- Onde você estudava no ensino médio?

Leonardo da Vinci.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17. Ideal, mas não neste modelo de faculdade que pré-estabelece a sua carreira.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

UCB. Vestibular.

- Por que Jornalismo?

Porque não pude fazer artes cênicas ou cinema.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Meu ofício. Aquilo que aprendi a fazer e a gostar de fazer.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Nenhuma.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Entre altos e baixos. Muito debate sobre a importância daquilo tudo e a falta de interdisciplinaridade na universidade

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim. Rádio, jornal e agência de notícias. Foi o que me transformou em jornalista

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Minha expectativa era tornar-me editor de cultura. Tornei-me, mas não só a profissão é desvalorizada como o jornalismo cultura é. São pouquíssimas oportunidades e todas elas mal remuneradas (isso na tv, rádio, internet, jornal etc.)

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Em dois momentos: primeiro quando, em Brasília, não havia mais possibilidade de crescimento profissional e financeiro na área de jornalismo cultural. Resolvi criar minha própria publicação, mas fali. Em seguida entrei em uma redação que simplesmente fechou depois de dois anos. E agora me resta a carreira acadêmica.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim. A família ficou orgulhosa, talvez pelo glamour que a profissão ainda reluzia.

- Hoje, atua em outra profissão?

Dividido entre esta profissão e a vida acadêmica. Viver só de jornalismo ficou inviável. Se faz necessária complementação de renda.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Complexo. Sim e não. Não olho para trás pensando se mudaria ou não algo. O passado é imutável. Resta-me mudar o futuro

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Pergunte-se por que você quer cursar jornalismo? Se for para se tornar âncora de noticiário da Globo ou entrevistar celebridades, desista. Não ser que seja um sonho a perseguir. O jornalismo acontece mesmo nos bastidores, e você não ficará famoso

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Influência.

-
- Nome? Idade?

Mariana Rezensent Pizarro. 24 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Militar de Brasília.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Tinha certeza absoluta que seria na área de humanas, e já considerava Comunicação Social seriamente (porém na habilitação de publicidade)

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Entrei pelo PAS, ao terminar meu terceiro ano de ensino médio. Tinha 17 anos, mas na época da matrícula da UnB, já tinha 18. Hoje em dia, conhecendo vários amigos que estão em uma segunda graduação a procura da paixão que não encontraram na primeira, vejo que sim, ainda somos muito novos para decidirmos o caminho que vamos tomar pelo resto de nossas vidas. Mas com sinceridade, não consigo imaginar um outro método que pareça melhor.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Faculdade de Comunicação. PAS.

- Por que Jornalismo?

Ao fazer a terceira etapa do PAS eu tinha certeza sobre Comunicação Social, mas foi apenas no dia da matrícula, quando tive de escolher minha habilitação, que marquei Jornalismo. Até hoje não sei porque, mas imagino que tenha a ver com a influência da minha mãe, de falar que entre os três cursos, esse era o que tinha o futuro mais promissor (risos, né?)

- O que significa jornalismo na minha vida?

Antes de entrar na faculdade, era, com toda a sinceridade, uma área cheia de glamour onde eu beberia muito café do Starbucks escrevendo sobre milhares de coisas no computador. Depois que eu vi que a única parte que seria uma constante seria a do beber muito café (e nem do Starbucks seria), começou a significar uma área com altíssima concentração de pessoas com o ego imenso que nunca conseguiram chegar aonde queriam na vida, e, por isso, falam mal do Jornal Nacional. (Não estou defendendo o JN, mas depois de anos de professores e colegas odiando tudo que é jornalismo "das massas", começa a dar preguiça).

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Eu achava que, magicamente, eu teria interesse em tudo que eu nunca gostei antes de entrar na UnB, como economia, política, etc. Claramente foram expectativas frustradíssimas. Eu cometi o erro de comparar a grade curricular de Jornalismo na UnB com Jornalismo na USP e coloquei na minha cabeça que não, provavelmente o site da FAC estava desatualizado, porque não era possível que a gente não ia estudar latim pra uma faculdade de jornalismo (???). No fim das contas foi bom não ter que pegar Latim, mas poxa, custava colocar português na grade? Alguns dos meus colegas de semestre escreviam "agente" ao invés de "a gente", e usavam o "mim" com verbo no infinitivo ("pra mim fazer"). Dá vontade de chorar, né? Com ch, de preferência, e não com x. Outra coisa que me deixa muito desapontada com a FAC é a falta da obrigatoriedade em matérias como jornalismo em revista, ou mesmo a existência de uma optativa jornalismo esportivo, por exemplo. Ao invés disso temos Comunicação e Universidade. Terrível, cara.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Sempre foi muito bom. Tinha uma panelinha de garotas que eu nunca fui com a cara, umas que têm perfil pra Direito no CEUB, sabe? Mas nada dramático. Professores também, sempre tem aqueles que eu morro de preguiça, mas nunca guardei rancor de nenhum. Acho só que alguns

têm a necessidade de se acharem importantes demais, dando falta para quem chega 10 minutos atrasado, ou proibindo o uso do celular. É uma faculdade, cara, somos adultos, se achamos que nosso tempo é melhor gasto no Facebook e não estamos atrapalhando a aula, suck it up. Quem vai correr atrás de matéria e trabalho depois somos nós.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Vários. Meu primeiro estágio foi na secretaria de comunicação da UnB, cobrindo Ciência. Foi péssimo, pois seguia o estilo hard news de reportagem, mas com pautas geralmente frias e que envolviam ler teses de mestrado em áreas que eu não tinha o menor conhecimento. Fiquei cinco meses e desisti. Considerando agora, muito provavelmente esse foi meu trauma com jornalismo; depois de lá todos os estágios que eu procurava em jornal eram direcionados para diagramação, ou assessoria.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Foi com a Nélia que me apaixonei por rádio, e comecei a considerar um futuro na área. Mas então fiz um intercâmbio pelo INT na Itália, e lá me envolvi com vários projetos audiovisual. Voltei com a certeza de uma dupla habilitação, sabendo que não trabalharia como jornalista. Hoje estou terminando meu TCC EM áudio e já fui aceita para uma pós em concept art e animação no Canadá. Se tudo der certo, em alguns anos estarei trabalhando para o Cartoon Network! (Bem mais legal do que jornalismo, desculpe)

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Eu estava na metade do curso quando a obrigatoriedade do diploma de jornalismo caiu. Acho que é seguro afirmar que todos os meus colegas de curso ficaram muito desmotivados. Eu não pensei muito sobre o assunto, meu ponto final com relação ao jornalismo veio mesmo após meu intercâmbio. Mas desde sempre nunca achei a profissão valorizada; no menos pior dos casos, pelo menos dentro da FAC, jornal é a habilitação mais levada a sério, e a com mais opções de estágio; fora isso sempre soube que a vida nas redações é só stress e várias visitas ao banheiro para chorar.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sobre desistir? Minha mãe até hoje me pergunta se eu tenho certeza disso, e faz brincadeiras de como ainda vai me ver sendo âncora de um telejornal. Péssimo, não sei como falar que ela está completamente iludida.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim. Estou terminando minha dupla habilitação em audiovisual, também na UnB, e trabalho como designer para uma empresa de softwares. Ano que vem estudarei animação e concept art na Vancouver Film School, no Canadá. De lá, pretendo trabalhar apenas com animação tradicional, uma paixão que tenho desde muito pequena e que finalmente consegui tomar coragem para seguir.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Muito, não me arrependo de nada, nem mesmo de ter cursado jornalismo. Ao menos me ajudou a descobrir que eu não quero jornalismo para a minha vida, e que é possível seguir um caminho mais artístico no curso, seja diagramando ou fotografando.

Talvez, se eu tivesse conhecido o conceito de design e o curso de Desenho Industrial no meu ensino médio, eu teria escolhido o IDA à FAC. Mas não acho que isso seja algo que eu faria questão de mudar. Não sinto como se meus anos no jornalismo tivessem sido desperdiçados.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Procure pesquisar mais sobre o curso e, principalmente, sobre como será sua atuação nessa área de trabalho. Lidar com pessoas estressantes e com Deadline todos os dias não será um problema? Tem certeza? Então, cara, vai fundo. Mas se você estiver fazendo jornal só por gostar de escrever... Letras Português será mais interessante. Ou até Literatura.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Acho que já falei demais!

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Minha mãe sempre me desmotivou a seguir uma carreira mais artística, por assim dizer. Desde muito pequena eu demonstrava interesse em Artes Visuais, e, mais tarde, Desenho Industrial.

- Nome? Idade?

Isabelle Gertrudes Bertinet Claudel, 32 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

Em um colégio franco-brasileiro chamado Lycée Pasteur, em São Paulo.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não. Sempre adiei essa decisão. Achava que ao terminar o terceiro ano saberia naturalmente o que gostaria de fazer na faculdade. Nada aconteceu com naturalidade. Tive que me forçar a escolher um curso.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Eu fiz ballet por 13 anos seguidos. Mas como estudava em período integral na escola, não podia ensaiar e fazer aulas como gostaria. Ao terminar o colégio disse a minha mãe que não queria entrar direto na faculdade e que queria fazer um ano de dedicação integral ao ballet. Ela deixou sob a condição de fazer um cursinho ao mesmo tempo para não ficar sem estudar. Por isso, entrei na faculdade com 19 para 20 anos. Acho cedo sim e acho cruel termos que escolher um curso só. Sou a favor de um ensino generalista por área (humanas, exatas etc) nos dois primeiros anos da faculdade, com os dois últimos em especialização na profissão escolhida. Acho cedo e acho que a escola deveria ser responsável por apresentar nos seus últimos anos as diversas

possibilidades de profissões, promovendo encontros com profissionais que pudessem contar o dia a dia daquela profissão e suas diferentes possibilidades no mercado.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Estudei na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo. Entrei pelo vestibular. Em 2001.

- Por que Jornalismo?

Minha decisão foi baseada em uma teoria bastante simplista. Escolhi o jornalismo por gostar de ler e escrever. Mas em nenhum momento me perguntei sobre o que gostava de ler e escrever. Escrever para si mesma é diferente de escrever para os outros. Contar a sua história é muito diferente de contar a história dos outros. Aos poucos entendi que no jornalismo não se cria a história, mas sim o texto que a conta. Me decepcionei em um primeiro momento e me apaixonei por essa nova ótica na sequência.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Quando eu descobri que ser jornalista é estar sempre estudando e descobrindo coisas novas, me apaixonei pela profissão. Uma pauta é sempre uma descoberta. E isso sempre me motivou. Quando percebi também que aquela descoberta poderia ser compartilhada através do meu olhar e da minha escrita, também me encantei.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Eu sempre me identifiquei com a escrita e não me animei com as outras formas de fazer jornalismo. Me incomodou ter que fazer outras matérias de rádio e TV, por exemplo, durante os quatro anos de curso. Nos primeiros anos passou bem, pois entendia que essa experimentação era necessária para focar naquilo que mais nos encantava mais tarde. Mas o mais tarde chegou e, para mim, continuar me especializando naquilo que sabia que não usaria depois no mercado me entediou. Entendi como uma perda de tempo. Fiquei frustrada também por não ter tido aulas de língua portuguesa. Não como no colégio, mas língua portuguesa para uso em textos não fictícios.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Tinha um bom relacionamento com todos, mas fiz poucos amigos. A turma era muito grande, logo me juntei a um grupo de pessoas com quem tinha mais afinidade, mas apenas 3 ou 4 mantiveram a amizade depois de terminado o curso. Com os professores e orientadores, também tinha um bom relacionamento, mas distante. Os via como professores mesmo e não como futuros colegas de trabalho.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, fiz estágio na própria faculdade por um ano apenas em um núcleo de estudo de assuntos políticos. Era responsável por alimentar o site da faculdade com matérias sobre o trabalho daquele grupo de estudos.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Minhas expectativas eram numerosas. Não imaginava que o mercado seria tão exigente com profissionais recém-formados. A maioria das vagas pedia experiência e não de estágio. O primeiro emprego foi uma batalha longa e dolorosa. Encontrei em um primeiro momento pouquíssimas oportunidades adequadas ao meu perfil. Imaginei então que para ter mais chances, tinha que estudar um pouco mais. Fiz um intercâmbio para melhorar o inglês. Fiz uma pós-graduação na França para me especializar ainda mais no impresso e lá fiz diversos estágios. E ao retornar ao Brasil, achando que seria muito valorizada por isso, me decepcionei. Minha bagagem cultural e formação nunca foram valorizadas nas entrevistas que passei. Perdi vagas para outros profissionais que já tinham um pouco de experiência, apesar de um currículo muito mais pobre.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Foi então que consegui um emprego, naquele momento, dos sonhos. Tive o prazer de conseguir uma vaga em uma organização não governamental para trabalhar diretamente com um jornalista renomado, Gilberto Dimenstein, em um novo site e como editora. Fiquei por dois anos nessa instituição e recebi uma promoção para ser gestora da área de jornalismo da ONG. Em menos de 4 meses no novo cargo, decidi sair deste emprego. São vários os motivos: distância de casa, eram 1h30 para ir e 2h para voltar. Horários descontrolados: hora para entrar, mas sem hora para sair. 12h de trabalho por dia tronou-se algo normal e muitas vezes continuava trabalhando

de casa. Fins de semana perderam a identidade de descanso. Trabalhei muitos sábados e domingos. Contrato de trabalho complicado: tive que abrir empresa para emitir nota fiscal como pessoa jurídica todo mês. Mas apesar do não vínculo com a instituição tinha todas as obrigações de um CLT, mas não os direitos. Nesse período, engordei 10 quilos em dois anos. Comecei a fazer terapia por me sentir todos os dias muito ansiosa e parei todas as atividades esportivas e culturais da vida por falta de tempo. Como sou casada, via o meu marido de manhã antes de sair para o trabalho e de noite antes de dormir apenas. Consegui uma vaga então em um jornal importante do ABC, região onde moro, Diário do Grande ABC. Me iludi, achando que tudo mudaria por estar perto de casa. Eram 5 minutos de carro. Erro meu. Justamente por estar perto, comecei a sair cada vez mais tarde do jornal. Nos três primeiros meses recebia como autônoma e havia promessa de contratação a partir do quarto mês. No quarto mês, queriam que eu ficasse no jornal, mas disseram que por estar em crise financeira, o jornal precisaria de pelo menos um ano antes de poder regularizar o meu contrato. Foi então que tomei a minha decisão. Esta não era a vida que eu queria para mim. Eu amei a profissão em si e sou apaixonada pelo papel do jornalista. Mas a realidade do mercado é cruel. Pelo menos nas minhas experiências, não vi a possibilidade de conciliar uma vida saudável, ter uma família e boas finanças com o jornalismo. Os salários são baixos, mesmo quando você tem um excelente currículo, o trabalho é gigantesco, o seu tempo livre é escasso e há muito muito estresse envolvido.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Meu marido e minha mãe me apoiaram 100% em minha decisão de trocar de área.

- Hoje, atua em outra profissão?

Professora de series iniciais

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Totalmente. Saí da empresa onde atuava na administração, pois hoje a prioridade é cuidar do meu bebê que tem apenas 8 meses. Continuo atuando como professora de francês com poucas aulas. Trabalho a 5 minutos de casa, tenho um contrato de trabalho correto, um salário razoável

que poder aumentado caso eu pegue mais turmas, meu trabalho tem hora de início e fim, preparo as minhas aulas com prazer e o estresse de dar aula é positivo. Além disso tenho diversos intervalos durante o dia para poder resolver outras coisas da vida e ainda não precisei colocar o meu filho na escolinha pois quando vou dar aula, consigo sempre deixá-lo com alguém, já que a aula dura apenas 1h30. Além disso, ser professora é mágico. Dá muito prazer ver um aluno que chegou sem falar uma palavra de francês se comunicando bem na língua que você ensinou. É o tipo de profissão cujo resultado é palpável. No jornalismo infelizmente não sabemos de que forma o nosso texto atingiu quem o leu.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

O meu conselho é: antes de decidir busque conversar com profissionais que atuam na área e que poderão mostrar como se dá a rotina do jornalista. Visite redações e estude as vagas que estão no mercado para já entender como se dão os contratos, qual a média salarial etc.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não houve influência. Não tenho jornalistas na família. E não houve apoio não. Minha mãe não foi contra essa decisão, mas não me animou em relação a minha escolha e me alertou mais sobre os contras do que os prós. Insisti mesmo assim.

- Nome? Idade?

Juliana Oliveira

- Onde você estudava no ensino médio?

Instituto de educação governador Roberto silveira

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

19. Qualquer idade é ideal quando a pessoa tem maturidade o suficiente para concluir seus objetivos.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Unigranrio

- Por que Jornalismo?

Jornalismo é o poder da comunicação, é saber falar, redigir e estar com o publico em momentos mas precisos.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Jornalismo é minha forma de atuar pela sociedade.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Ótimas, com alguns tropeços de inicio. Mas nada que não pudesse me recuperar.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Professores ótimos, o problemas é com alguns alunos mesmos.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Ainda não.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Espero que seja fácil, e que me valorize.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Por enquanto nenhum.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Ótimo, total apoio.

- Hoje, atua em outra profissão?

Professora de series iniciais.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim, mudaria meu modo de agir.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Seja verdadeiro e mantenha o objetivo.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não

- Nome? Idade?

Julia Ghidetti- 32 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola particular

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Entrei com 21 anos. Acho a idade coerente para ingressar na faculdade.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Metodista. Entrei pelo vestibular.

- Por que Jornalismo?

Sempre gostei de escrever.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Hoje em dia não significa nada. Não me imagino na profissão.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Achava que seria incrível e com grande possibilidade de sucesso.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Excelente com todos.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Fiz em assessoria de imprensa (assessoria pequena de 9 hotéis europeus por 6 meses - não gostei do trabalho e da chefe. Fazia mais tradução de texto do que qualquer outra coisa). Programa de TV (por 2 anos - Noite Noir- no canal de São Paulo. Era muito divertido. fazia pautas, produções e entrevistas).

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Profissão não valorizada. Mais chance de sucesso em assessoria. Não gostaria de atuar em nenhuma área.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Quando sai do estágio na assessoria de imprensa surgiu a oportunidade de trabalhar no escritório do meu pai (corretora de seguros). Comecei e gostei. Estou aqui há 10 anos.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Apoio familiar. Acharam que eu me identificaria com o curso e teria sucesso.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim. Corretora de seguros.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Hoje em dia não. Estou cansada do trabalho. Comecei a estudar para concurso público. Busco estabilidade no momento. Pretendo ser funcionária pública.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Não faça isso. Não precisa estudar para ser jornalista. Você tem que amar e ser bom no que faz. Estude algo que possa ser um bom plano B.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não

- Nome? Idade?

Alan Banas - 36

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Porto Seguro / São Paulo, SP.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

não, nem passava pela cabeça.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Entrei na idade normal e não considero cedo. Porém, ao trancar uma e fazer outro curso, acabei me formando mais tarde.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Entrei pelo vestibular normal. Cursei a Universidade Metodista de SP.

- Por que Jornalismo?

Desde pequeno, frequentava os corredores da editora da família. Uma empresa com mais de 60 anos de tradição. Certamente aquilo me encantava e na minha decisão final isso ajudou bastante.

Eu passava sempre o dia após a escola na editora. Aquilo era um encanto e me divertia tentando entender como funcionava. No fim, acabei decidindo que não iria seguir o jornalismo e fui tentar minha primeira faculdade. Somente no curso, realmente tive a certeza que não era o que eu buscava. Mesmo no jornalismo, trabalhar com editora era a última opção. Minha primeira ideia era trabalhar com TV. Fiz estágios na área e depois sai para um intercâmbio. Na volta, por uma crise na empresa da família fui forçado a ajudar, pois no final, eu era o único jornalista da nova geração.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Significa conhecimento! Sou apaixonado por notícias de todos os tipos e de qualquer forma que venha ao meu alcance. Jornalismo é e sempre será minha primeira paixão.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Sinceridade? Não tinha grandes expectativas. Sempre achei que jornalismo mesmo eu ia aprender no dia a dia, dando a cara para bater, etc. No fim, aprendi bastante no curso! Tive a chance de conhecer as demais áreas que o curso oferece.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Vi muitos companheiros entrarem e saírem. Na própria faculdade era grande a rotatividade. Principalmente no primeiro ano. Mas dos que ficaram, muitos ainda mantenho contato e vejo e acompanho nos principais meios de comunicação. Dos orientadores e professores mantenho contato com alguns e já até pedi indicação de alunos para trabalhar comigo.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim! Fiz estágio durante muito tempo na allTV, uma tv interativa e que na época em que fiz era a top do momento. Foi uma grande escola, tanto que evolui muito por lá e conheci grandes profissionais. Muitos deles estão em grandes emissoras. Foi lá que desenvolvi muito meu trabalho frente as câmeras. Mas infelizmente, não segui nessa área do jornalismo.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

A profissão é bem desvalorizada. Muita procura para poucas vagas. Muitos profissionais são totalmente despreparados e as faculdades talvez não passam essa realidade. O setor passa por

uma grande crise, acompanhada da crise no País. Muitos jornais e revistas abrindo demissões e isso tem colocado profissionais no mercado de trabalho. Do outro lado também existe o lado bom, onde também conheci grandes profissionais. Gente realmente boa e comprometida!

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Na verdade fui obrigado! A vida e as oportunidades me levaram a não mais atuar como jornalista. Enquanto trabalhava na editora da família, na minha volta do intercâmbio, atuei em várias etapas. Fui jornalista primeiro, depois assumi a redação como editor chefe. Ali aprendi muito e conheci muito da profissão. Era obrigado a sair, criar pautas e matérias e a conhecer o mercado. Quando resolvi abrir minha própria editora tive que mudar completamente. No começo até conseguia acompanhar a revista, ler as matérias dos jornalistas, revisar, etc. Hoje, impossível! No começo era somente uma revista e com isso ficava fácil. Hoje, temos três próprias e várias customizadas. Isso impossibilita. Tenho um editor-chefe que realiza todo esse trabalho e entrega os produtos prontos. Minha função é outra: administrativa. Mal consigo revisar uma matéria. Uma pena, mas acontece. De alguns anos para cá, também assumi as vendas na área comercial, na qual deixou ainda mais minha vocação de jornalista parada no tempo.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Quando decidi ser jornalista tive talvez dois momentos: o bom e o ruim! O ruim veio pelo fato de abandonar uma faculdade que eu estava fazendo. Aquilo gerou um impacto. Mas logo depois veio o apoio e hoje eles tem certeza que a escolha foi correta.

- Hoje, atua em outra profissão?

Como explicado, atuo na área administrativa e comercial da empresa da editora.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim, eu me sinto um cara feliz. Amo o que faço! Mas muitas vezes penso no passado, naquele início de curso onde eu queria atuar em TV. Ai vem aquele pensamento: e se eu tivesse ido para a tv... Me sinto bem com minhas escolhas. Acredito que tive maturidade suficiente para poder

optar pelos caminhos. Mudar sempre queremos, mas acredito que é possível sempre ter outras chances de mudanças. Se houverem, pensarei se vale ou não.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Que siga sua vontade, que estude, que leia muito. Ler! Já dizia meu avô e meu pai quando falávamos de jornalismo que a leitura é o melhor caminho. Sempre estive rodeado de livros, revistas, etc. Todo jornalista deve e precisa ser curioso. Sempre considerei que o jornalista não pode ser o dono da verdade e ser obrigado a saber de tudo, mas ele deve sempre falar da verdade e saber um pouco de tudo. O básico para poder criar o início de suas reportagens.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Talvez indiretamente. Eu tinha jornalistas na família: avô e pai! Porém, resolvi seguir uma outra profissão, de desenhista industrial. Fiz a universidade, porém parei no início e corri atrás do jornalismo.

- Nome? Idade?

Valeuska de Vassimon Barroso, 32.

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Santo André, Jaboticabal, SP

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18. Acho muito, muito cedo.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Universidade Metodista de São Paulo. Entrei pelo vestibular apenas.

- Por que Jornalismo?

Porque desde pequena eu gostava de escrever. Na escola, ganhava concursos de redação, tinha meus textos publicados em agendas, informativos, recebia elogios de professores e notava que meus pais se encantavam com esse "dom". Na antiga 8ª série, cheguei a ficar em dúvida se faria Direito ou Jornalismo, mas acabei decidindo pela segunda por realmente acreditar ser a profissão certa para mim.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Hoje, é apenas uma palavra que menciono, vez ou outra, quando perguntam minha área de formação. Para mim, em sua maior parte, é sinônimo de antiética, interesses mercadológicos e desprestígio, embora haja algumas boas exceções.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Existia certo glamour entre os colegas do curso, por, teoricamente, significar que professores e alunos teriam bons conhecimentos gerais, boa cultura... Mas logo percebi que não era nada disso. Embora tivéssemos muitas aulas práticas, não havia aprofundamento de nenhum tema. A minha sensação era de que todos estariam preparados para entrar no mercado, mas sem nenhum conteúdo. Admiro pouquíssimos professores e colegas da época, por se dedicarem além da ementa do curso. Talvez minha maior expectativa fosse mais uma ilusão: de que o curso, por si só, me preparasse para a profissão lá fora.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Raso, a exceção de poucos. As salas tinham muitos alunos - conheci verdadeiramente poucos deles. Muitos estavam mais interessados em assinar a lista de presença e sair para beber no bar da esquina. A maioria dos professores tinha alguma vivência na área, mas não desenvolviam discussões interessantes, até pelo desinteresse da turma. Meu orientador era um homem bacana, mas ficou praticamente à margem de nosso projeto.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, fiz estágio no MAC-USP (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo), como jornalista do site por 1 ano. Foi uma boa experiência considerando o foco do projeto, mas eu não tinha praticamente nenhuma orientação de meus superiores. Eu mesma sugeria pautas, entrevistava e fotografava os artistas e redigia as matérias.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Eu achava que poderia ser uma jornalista que fizesse alguma diferença. Tinha o sonho de trabalhar em TV, mas depois fui gostando mais de rádio, embora soubesse que meu forte era a escrita. Acho a profissão um tanto desvalorizada, mas não posso dizer que não tive oportunidades, pois a vida me levou para outra área de atuação.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Logo depois que me formei, uma professora de rádio da faculdade me indicou para ser revisora de roteiros de dublagem em uma agência. Como o tema me pareceu interessante e sempre gostei de idiomas (fui professora de inglês por 7 anos), resolvi aceitar. A agência fechou após dois anos, e fui chamada pela própria produtora de dublagem para ser tradutora. Por seis meses, trabalhei como freelancer para eles até que me chamaram para ser tradutora de legendagem internamente.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Minha família nunca questionou minha "saída" da profissão, talvez porque a "nova" também tivesse seu glamour. Sinto que sempre que conto que trabalho com dublagem e legendagem para TV e cinema, a reação das pessoas é de surpresa, empolgação.

- Hoje, atua em outra profissão?

Depois de 6 anos como tradutora para a produtora de dublagem, fui chamada para ser coordenadora de conteúdo. Atualmente, traduzo menos séries e longas, muitas vezes como freelancer, já que o novo desafio abarca mais gestão de pessoas e contato com cliente e prestadores do que propriamente traduzir.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim e não. Sim, porque adoro meu trabalho, acho divertido ver um programa a cada dia, passar o dia assistindo TV. Não porque existe uma parte de mim que gostaria de conhecer outras áreas, por acreditar que meu lado comunicativo deveria ser explorado. Mas se eu pudesse voltar atrás, teria feito muita coisa diferente. Primeiro, não teria entrado na faculdade tão cedo. Teria juntado dinheiro e feito um mochilão pelo mundo, como vários europeus e americanos fazem. Segundo, não teria feito uma faculdade particular, pelo menos não a que eu fiz. Pode parecer preconceito, mas, agora, selecionando estagiários que tenham boa redação e conhecimentos gerais, é impressionante a diferença que há entre os candidatos que vêm de faculdades públicas, mais engajadas, e as particulares. Terceiro, talvez eu fizesse outro curso, Letras ou Audiovisual.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Conversar com gente da área, explorar as novas possibilidades do mercado, mas, acima de tudo, não acreditar que a faculdade o formará. Ela pode auxiliá-lo em muita coisa, mas os amigos, professores, projetos extracurriculares, engajamento e a sua postura que realmente fazem a diferença.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Acredito que não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Apoio de um tio-avô jornalista.

- Nome? Idade?

Helder. 35.

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Militar de Brasília.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17. Muito cedo. Deveríamos estudar no sistema americano, começando com um "Minor" em uma área generalista (ciências, humanidades, artes, etc) e fazendo um "major" em uma área mais específica.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

UnB. Vestibular.

- Por que Jornalismo?

Escolhi porque gostava de escrever, mais do que qualquer outra atividade. O jornalista escreve todo dia e aprende técnicas que podem ajudá-lo a escrever material não noticioso. Esta experiência, inclusive, tem me ajudado nas outras atividades. Um outro aspecto é que o jornalista pode ser um intelectual generalista, o que me atraía na época.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Hoje? Quase nada. O jornalismo apenas me ajudou a escrever melhor e a organizar melhor a informação. E me deu um diploma.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Foram frustradas. A formação intelectual é muito tendenciosa, era muito fácil passar nas matérias, os professores não eram interessantes e o curso não me preparou para o mercado.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Fracos. Havia pouco contato com colegas e professores.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, mas não como jornalista. Fiz webwriting para uma agência de publicidade digital e ajudei a organizar o conteúdo de um site de um professor da UnB. Infelizmente, o site do professor nunca foi ao ar.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Acho que ser jornalista é uma das carreiras mais sem futuro que existem. Hoje sou oficial de chancelaria, e sei que os jornalistas falam sem conhecimento de muita coisa sobre política externa. São mal preparados, trabalham muito, recebem muito pouco e o mercado de trabalho, além de pequeno, é extremamente sensível a crises. Além disso, os melhores colunistas são formados em outra área. Não há nada de especial no diploma de Jornalismo: profissionais de outras áreas podem fazer o mesmo que nós, e com muito mais competência, quando se trata da área de formação deles.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Depois que virei editor-executivo e continuava ganhando o mesmo que repórter. Quando eu comecei a ver pessoas saindo da CBN para irem trabalhar na Radiobrás (atual EBC), onde trabalhava. Ali eu vi que meu trabalho era extremamente desvalorizado, e que poderia, perfeitamente, me realizar pessoalmente em outras atividades.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Ninguém queria que eu fosse jornalista. Todo mundo dizia que eu estava fazendo uma escolha estúpida.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim. Sou oficial de chancelaria. Escolhi porque o concurso me dava vantagens (um peso muito grande para Português, Redação e Inglês) e porque, nesta profissão, poderia viajar e conhecer outro país.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Feliz por ter saído do Jornalismo, triste por ter perdido tempo com este curso. Tentaria migrar para uma profissão em que pudesse emigrar e sair do Brasil.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Estude bem o mercado, tenha certeza de que você vai ser muito bom...ou não faça. O mercado é extremamente competitivo, pequeno e pouco recompensador, do ponto de vista material ou social. A sociedade valoriza muito mais quem é entrevistado do que quem entrevista, salvo raras exceções, como os globais do JN. Se você não sente um prazer enorme no que faz, não comece.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não.

- Nome? Idade?

Marcondes Bé, 35 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Objetivo 913 sul, Brasília.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim, jornalista.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18 anos. Sem dúvida, é cedo.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Fiz Comunicação com habilitação em Jornalismo pela UnB, entrei pelo vestibular

- Por que Jornalismo?

Porque eu me identificava com a profissão desde criança e gostava dos aspectos do ofício (produção de textos, pesquisa, investigação etc. etc.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Acho importante a formação que eu tive e muito provavelmente só não segui na carreira devido às outras oportunidades que surgiram.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Eu imaginava que o curso seria mais prático (na realidade, ele foi mais teórico); passei por muitas greves (isso sim foi frustrante).

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Em geral, tinha um bom relacionamento.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, fiz estágio em assessoria de imprensa (CDT) e em redação (Agência Brasil).

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Acho a profissão valorizada sim, principalmente, vindo de fora da área. As oportunidades existem e elas são super 'rotativas'.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Houve a oportunidade de trabalhar na empresa dos meus pais, ganhando muito mais que qualquer profissional em início de carreira.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim, tive apoio.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim, sou empresário.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim. Não teria me mantido tanto tempo afastado dos estudos.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Persista! Estude! Acredite! Seja paciente no início de carreira - as oportunidades aparecem para os que se dedicam mais.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Sim, meus pais apoiaram e incentivaram minha escolha.

- Nome? Idade?

Marilia Endriukaitis, 31 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Singular.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Alguma, mas não estava muito preocupada com isso.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Eu tinha 18/19 anos e acredito que deveria ter feito a faculdade alguns anos depois. Eu não tinha maturidade emocional para muito do que veio a acontecer. E algumas disciplinas eu acredito que precisaria um pouco mais de vivência de mundo para poder absorver com mais consistência.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Universidade Metodista de São Paulo. Passei pelo vestibular.

- Por que Jornalismo?

--

- O que significa jornalismo na minha vida?

--

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Eu saí da faculdade realizada, amava as disciplinas de Comunicação Visual e de História. Eu me frustrei na vida real com os salários muito baixos e com a dificuldade em conseguir ao menos chegar no trabalho, morando em Santo André e indo para o centro de São Paulo com trem, metro - naquela época era ruim, hoje sei que melhorou, mas está longe de ser o ideal

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Maravilhoso, fiz grandes amigos que ainda tenho contato até hoje, tanto colegas de classe como professores. Eu conheci pessoas de outro curso na época também, de Rádio e Televisão, pois meu namorado na época estudava esta disciplina.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Eu fiz estagio na faculdade com a professora Maria Cristina Gobbi, no núcleo de pesquisa científica, acho que durou uns 6 meses, não me lembro muito bem. Foi muito legal, ter meu primeiro trabalho. E eu também estagiei em um Canal Local de Televisão de Santo André e fiz algumas reportagens de música e cultura. Foi tudo muito bom, nunca vou me esquecer! No Canal de TV eu estagiei em torno de 6 meses a 1 ano.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Eu já ouvia disserem que era uma profissão difícil de pagar as contas e que muitos não puderam construir família, pois é uma profissão na qual você se dedica muito. Eu tive muitas oportunidades, disso não posso reclamar, mas a remuneração foi boa no último trabalho, mas eu já não aguentava mais o estilo de vida de São Paulo, estava saturada.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

--

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Fui apoiada por todos sem nenhum problema.

- Hoje, atua em outra profissão?

Não atuo no Jornalismo há seis anos e tive diversas outras profissões. Eu brinco que eu vivencio muito do chamado Gonzo Jornalismo, onde vivencio outras realidades, a diferença é que eu tenho uma qualidade de vida excelente, não dependo de carro como em São Paulo e falo outra língua fluentemente.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Eu sou muito feliz pelas minhas escolhas, mas tudo tem um preço e eu pago o preço alto de estar longe da minha família e isso é o que mais me dói. Eu amo onde eu moro, Londres, eu tenho um bom emprego e aqui, gari de rua é reconhecido, toda profissão tem seu valor. Mesmo na época que trabalhei em bar eu me sentia reconhecida e aprendi muito sobre diferentes tipos de cerveja, pagava minhas contas e ninguém ficava me julgando se eu tinha um carro ou uma casa própria como no Brasil. Eu não mudaria nada, eu sou muito aliviada com as escolhas que eu fiz, vendo o meu País na situação em se encontra hoje, eu não poderia ter saído daí em um momento melhor.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Eu estou afastada do mercado e não sei se meus conselhos seriam uteis, mas vendo de fora, muitos amigos meus saíram da profissão e vejo que, como o crescimento das midas sociais - na minha época só tinha o Orkut, a dinâmica de comunicação é bastante diferente, mas a necessidade de informar as pessoas sempre vai existir. Por outro lado, portais grandes de comunicação como o Terra que eu vi recentemente, mandaram muitas pessoas embora - triste reflexo do mercado de trabalho. Eu vivo na dúvida se hoje cursar uma faculdade ainda é importante, se talvez o futuro sejam cursos mais técnicos e profissionalizantes, porém, mesmo morando na Europa, os melhores trabalhos te exigem um diploma e notas boas. E para mim, ter me formado em Jornalismo mostra ao mercado de trabalho que sou uma pessoa com um embasamento cultural e ético.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Acho que essa história da obrigação ou não do diploma, sei que é um assunto velho e batido, mas eu fico revoltada quando vejo pessoas sem noção alguma de como reportar fatos dizendo que são jornalistas. Mas até aí a pessoa dizer que é jornalista e ser boa no que faz é outra história....

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Eu decidi sozinha o que queria e meus pais me apoiaram sem hesitar na minha escolha.

- Nome? Idade?

Lidianne, 22.

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio da Polícia Militar de Goiás.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Eu dizia que iria fazer jornalismo, mas antes fiz audiovisual.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Entrei no 1 curso com 17 anos, agora no jornalismo com 22. Sim, acho uma entrada precoce e ainda sem maturidade.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Fiz Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás e estou fazendo Jornalismo na Universidade Federal de Goiás. O primeiro curso foi por sistema de avaliação seriado (SAS) e o segundo pelo Enem, chamada pública.

- Por que Jornalismo?

Sempre gostei de comunicação, de me informar e informar os outros. Gosto de me relacionar e achei que era algo ideal como profissão.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Jornalismo na minha vida significa formar cidadãos através da opinião pública.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

No curso de Jornalismo foram frustradas. Esperava muito do curso por ser de uma instituição federal, mas por já ter tido o contato em uma universidade estadual me vi comparando ambas e encontrando problemas na atual. Ainda assim, o curso possui mais nome e consequentemente possui mais oportunidades e incentivos.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Me relaciono até hoje muito bem.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Tive a oportunidade no outro curso de fazer o estágio em um programa de Tv. Agora, enquanto estudante de jornalismo, ainda não.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Sei que não vai ser nada fácil, principalmente em Goiás. São poucas as oportunidades e as que tem ainda pagam pouco. Tenho interesse em conciliar o audiovisual e o jornalismo, talvez trabalhar em TV ou rádio. Porém, não tenho interesse em jornalismo impresso.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Quando entrei no curso de audiovisual e achei que poderia ser mais feliz não sendo jornalista, mas utilizando do aperfeiçoamento do curso para a minha formação.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim. Todos me apoiaram a continuar estudando.

- Hoje, atua em outra profissão?

Por enquanto sou estudante, mas já fiz freelancer.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Ainda não, mas creio que terei oportunidades. Nada. Prefiro acreditar que tudo acontece com um propósito.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Se for o que quer fazer, faça de corpo e alma. Não existe profissão ruim, apenas ruins profissionais.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

--

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Houve apoio familiar, pois meus pais não opinam nas minhas escolhas.

-
- Nome? Idade?

Nurian, 27 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

--

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Tinha sim, sempre tive vontade de fazer o curso de direito, depois, não sei explicar bem o porquê, tive muita vontade de cursar jornalismo.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

21, é uma idade ótima, na verdade já é considerada, por muitos, tarde. Meu cunhado tem 25 e ano que vem já se forma em medicina.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Vestibular.

- Por que Jornalismo?

Escolhi fazer o curso porque a ideia de informar às pessoas me encantava, sentia que poderia ajudar, através da informação, a educar também, ajudar abrir a mente das pessoas, além da oportunidade de ajudar as pessoas a resolver problemas simples do cotidiano. Depois de formada, percebi que era melhor ser a estudante cheia de sonhos e planos, e que ser estagiária era muito melhor. Me revoltei um pouco com esses jornalistas que, talvez com o tempo de profissão, viraram pessoas egoístas e sem o mínimo de vontade de fazer um jornalismo sério, além de outras decepções, em relação a remuneração mesmo. Continuo admirando a profissão e os bons jornalistas, conheço muitos. Admiro esses profissionais que estão na labuta, tentando sobreviver um jornalismo digno.

- O que significa jornalismo na minha vida?

É uma paixão. Admiro muito o bom jornalismo, aquele feito com qualidade.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Elas foram atendidas parcialmente, tive muitos professores bons, mas também tive como professor, alunos recém-formados, ou seja, sem muita experiência. Outra coisa ruim, foram as várias mudanças de grade durante o curso.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Muito bom. Era prazeroso ir para o curso, fiz grandes amigos.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Fiz estágio desde o primeiro ano do curso, numa filial do globo aqui no estado, TV morena, como produtora, e também na Receita Federal, na assessoria. Na TV, fiquei dois anos, na Receita um ano e meio. Adorei os dois estágios.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

--

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

O principal motivo é em relação a remuneração mesmo, apesar de ser apaixonada pela profissão, com o tempo as prioridades vão mudando. Ainda não larguei totalmente a profissão, colaboro com um site de notícias aqui da região onde moro, porém, o objetivo agora é focar nos estudos para passar no concurso que almejo.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Meus pais não dão muitos palpites, meu noivo achou adorou minha decisão de estudar para concurso, talvez porque ele já tenha passado em um muito bom, agora a pressão é grande para que eu mantenha o foco.

- Hoje, atua em outra profissão?

--

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Acho muito cedo para afirmar se estou feliz ou não com minha escolha. É uma aposta que estou fazendo, visando uma melhor remuneração e estabilidade. Eu mudaria sim, com certeza minha primeira graduação teria sido outra, gostaria de ter "acordado" mais cedo para começar a estudar para concurso, mas com certeza eu faria jornalismo um dia, o curso é maravilhoso.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Para que faça, o curso é maravilhoso. Mas que reflita, que pesquise bastante, que, se tiver oportunidade, conheça o dia a dia de um jornalista. O mercado de trabalho é muito competitivo, como para qualquer outra profissão, mas se tiver certeza que quer ser um jornalista, então faça de tudo para ser o melhor, leia muito, estude sempre, aprenda tudo que puder fazer de você um jornalista diferenciado. E claro, tire da cabeça que você ficará rico, pois dificilmente isso vai acontecer, se você quiser apenas "aparecer" vá fazer outro curso, de moda por exemplo. Se tiver dúvida, não faça. O jornalismo não deve ser tratado como uma opção porque você não sabia o que queria, não seja mais um peso para a sociedade sendo um péssimo profissional, já estamos cheios deles.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Espero ter ajudado. Peço desculpas se cometi algum erro.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não houve nenhuma influência. Todos respeitaram minha escolha.

- Nome? Idade?

Anna Luiza Lopes Felix 22

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Notre Dame.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

19. Na época, acreditava que tinha entrado tarde, já que todos meus colegas já haviam entrado antes de mim. Hoje acredito que não há idade certa para fazer um curso de graduação. Mas a escolha do curso não deve limitar possibilidades futuras.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Curso jornalismo na UnB. Entrei pelo vestibular, após 1 ano e meio de cursinho preparatório.

- Por que Jornalismo?

Eu sempre quis estudar na UnB e limitei minha escolha de curso pelos cursos oferecidos pela UnB. Escolhi Com. Social, porque achava a área interessante e rica em possibilidades. Escolhi jornalismo e dentre as três oferecidas pela UnB no curso diurno, jornalismo era a que mais poderia me dar opções de mercado no futuro.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Um curso a ser concluído e nada mais. Não gostei da minha experiência de estágio na área.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Que tivéssemos mais matérias gerais da área de Comunicação. Elas foram frustradas.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Acredito que os professores são pouco humildes e não sabem debater ideias. Mais de uma vez tive problemas com professores por ainda estar aprendendo e eles não respeitarem meu tempo de aprendizado. Com os colegas não tenho problemas e fiz amizades no curso.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim. 6 meses na área de Comunicação da PGFN e 2 meses e meio no Correio Braziliense. Não gostei. Meus chefes eram bons, mas a rotina de trabalho era escrava no Correio. Tinha dias que eu chegava a trabalhar duas ou três horas a mais.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Nunca tive muitas expectativas positivas. Eu pensava em trabalhar na área de comunicação de alguma empresa ou órgão público, mas acabei desgostando da área depois do tempo no Correio Braziliense. Acredito que as empresas de jornalismo estão quebrando e demitindo mais que contratando. A área está perigosa para quem tem outros sonhos na vida, além de ser jornalista.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Após meu estágio no Correio Braziliense. Eu pude conhecer pessoas que trabalham na área e descobri que todas elas fazem muitas horas extras sem receber por isso. Concluí que eu não teria tempo nem energia para cuidar da família que desejo construir.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Meus pais não me impediram de fazer o curso, nem me impediram de desistir da área. Mas também não me incentivaram a escolher jornalismo. Meus pais, irmã e namorado viram o meu sofrimento no estágio e o quanto eu estava infeliz, por isso, me apoiaram quando eu decidi que não trabalharia mais na área.

- Hoje, atua em outra profissão?

Faço estágio em pedagogia, curso que iniciei este ano.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim. Muito! Adiantaria a minha conclusão de curso em jornalismo. Eu não gosto da área, mas não quero jogar fora 7 semestres do curso. Falta pouco para concluir.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Curse. Cada um deve construir seu próprio percurso de vida. Escolher jornalismo e vivenciar a universidade me fez conhecer as pessoas que me apresentaram a pedagogia. E hoje acredito que encontrei um rumo para minha vida.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não houve apoio, nem influência.

- Nome? Idade?

Yasmin, 18.

- Onde você estudava no ensino médio?

CEM 03 Tag Sul

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17, sofro um pouco ainda para me adaptar.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Estudo na UCB, entrei pelo vestibular.

- Por que Jornalismo?

Me interesse pelos meios de comunicação, por escrever e informar pessoas sobre os fatos ocorridos.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Mais do que eu consiga explicar.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Sinto que dentro de uma Universidade ainda falta um pouco a parte prática do jornalismo. Deviam realmente treinar o estudante para o mercado.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

No geral, tudo bem.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Já tentei, mas por estar no segundo semestre ainda não consegui.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Gostaria de atuar no impresso, mas sei que não é bem assim que funciona. Eu penso em me aventurar em outras áreas, mas sem perder meu foco.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

--

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

--

- Hoje, atua em outra profissão?

--

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

--

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Vá em frente!

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

--

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

Gostaria sim que entrasse em contato para eu saber também da sua experiência.

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Total apoio.

-
- Nome? Idade?

Juliana, 26 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola particular.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Pensava que seria psicóloga e somente no 3º ano pensei em jornalismo.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17; acho cedo sim, mas não interferiu.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

UFRN; entrei por vestibular, primeiro no curso de Radialismo, e ao concluir entrei por reingresso automático em Jornalismo.

- Por que Jornalismo?

Achei que eu tinha o perfil.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Algo natural.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Achava que ia aprender Comunicação de forma mais ampla, mas houve um foco em mídias; foi melhor do que eu esperava, mesmo assim.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Tive ótimos relacionamentos com todos.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, estagiei em vários lugares, desde rádio a assessorias de imprensa. Foram 8 estágios, de 2007 a 2011. Foram variadas experiências, no fim das contas todas me auxiliaram na formação.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Sempre ouvia falar que não havia empregos, então procurei me profissionalizar ao máximo; acabou que tive boas oportunidades ao fim do curso, mas preferi entrar no mestrado.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Preferi seguir a carreira acadêmica por ser mais meu perfil, no fim das contas.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Foi algo muito natural.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sou professora universitária e pesquisadora; acho que é mais meu perfil, mas o Jornalismo/Rádialismo/Comunicação permanecem.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim; não mudaria nada.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Procure se informar se você tem perfil e se é isso que quer para sua vida.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

No momento não :D

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não houve influência, e sim, houve apoio.

- Nome? Idade?

Renato Souza - 23 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Centro Educacional 03 de Planaltina.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18 anos. É a idade ideal.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

No Instituto de Ensino Superior e Pesquisa - Icesp, no Guará. Entrei pelo Enem.

- Por que Jornalismo?

Porque nos dá a oportunidade de causar transformações sociais e denunciar injustiças.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Um estilo de vida.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

De um profissional que tivesse influência na sociedade. Pessoas honestas e preocupadas com o próximo. Uma profissão conhecida por sua qualidade técnica. As expectativas foram atendidas.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Ótimo.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, em rádio, TV, portal de notícias, jornal impresso e assessoria de comunicação. Além de trabalho voluntário em ONG's.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Pensava que o mercado seria pouco concorrido e o salário seria maior. Essas expectativas não se mostraram reais.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Eu não decidi. Ainda atuo no jornalismo.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Não.

- Hoje, atua em outra profissão?

Atuo em Tecnologia da Informação e Direito. Mas as duas aliadas ao jornalismo.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim. Não mudaria nada na minha vida profissional.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Se realmente gostar vá em frente.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

O jornalismo necessita de mentes novas, com novas ideias e muita criatividade.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não.

- Nome? Idade?

Kássia, 25

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Militar.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18. Acho muito cedo. Acredito que todo mundo deveria ter uns dois anos de matérias gerais na universidade antes de escolher a profissão.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Únb, entrei pelo vestibular

- Por que Jornalismo?

Eu queria ser escritora, mas não queria fazer letras porque acabaria tendo que dar aulas. No jornalismo a gente também escreve, ou pelo menos eu achava que escrevia, e a área é bem ampla. Se eu não gostasse de uma coisa específica na comunicação, eu poderia fazer outra.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Uma má escolha.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

No começo até que me empolguei, mas depois fui vendo que não era para mim.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Bom.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Fiz dois estágios em TV, um na TV Justiça e um na TV Senado, ambos na produção. Mas cheguei a fechar vt, fazer roteiros, etc., porque sou boa com português. Gostavam muito do meu trabalho, sempre. Mas eu nunca fui trabalhar feliz hahaha

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

No começo eu não sabia nada do mercado. Escolhi o curso por ser o menos pior, não por ser o melhor. Hoje, acho que a profissão tem uma grande importância social, mas que hoje é muito desvalorizada. Qualquer um pode ser jornalista, quem é está explorado, tem que fazer jornada dupla para garantir um salário decente, tem que ser bom em tudo (tirar foto, redigir, montar site, assovar, chupar cana), etc. Atuar na TV, pela minha experiência, é o mais difícil, principalmente quando vc está numa TV sem recursos. Na TV Justiça eu tinha que pedir para as pessoas pagarem as passagens delas para virem a BSB dar entrevista para a gente. Ridículo.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Eu não decidi não atuar na área. Estou estudando para concurso, tanto na área administrativa quanto para comunicação. Quero um emprego estável, e isso não encontrarei na área na iniciativa privada.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

--

- Hoje, atua em outra profissão?

Hoje estudo para concursos e iniciei uma tímida carreira de escritora. Tenho pensado em atuar com sustentabilidade, acho que é uma área que realmente me toca e acho importante.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Acho que foram as menos piores que pude fazer no momento. Nasceria de pais ricos hahah Se pudesse mudar algo acho que estudaria pra concursos primeiro, pra garantir o ganha pão, e depois de um tempo de vida escolheria a que área eu realmente gostaria de me dedicar, sem ter a pressão de escolher meu futuro todo aos 18 anos.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Se não estiver 100% certo de que nasceu para isso, FUJA. E se quer ser escritor, FUJA DUAS VEZES.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Já fui guia de turismo por um mês e professora de inglês na Colômbia por 2 meses (alunos de 5 a 18 anos)

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não muito.

-
- Nome? Idade?

Michelle neves.

- Onde você estudava no ensino médio?

Professor Alberto conte.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Entrei com 18. Acho uma idade ideal.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Unisa. Entrei através do vestibular.

- Por que Jornalismo?

Porque sempre quis expor as minhas ideias.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Significa tudo...

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Eram ótimas.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Muito bom.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Não fiz estágio.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Achava que fosse um mercado competitivo e sem chances para os novatos.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Sempre quis e fui atrás.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Foi meio complicado...a princípio os meus pais não gostaram da ideia

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Me sinto muito feliz e não mudaria nada.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

é uma linda profissão e eu dou muita força aos profissionais que estão ingressando na carreira...desistir jamais!

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

--

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não.

- Nome? Idade?

Alexandre Cairo - 21 anos

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Adventista da Liberdade.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Ainda não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17 anos. Acredito que o quanto antes melhor, pois as matérias pra prestar o vestibular estão mais fresquinhas.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Entrei pelo vestibular. FiamFaam (FMU).

- Por que Jornalismo?

Sonho de ser locutor esportivo, narrar jogos de futebol estilo rádio.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Excelente carreira, como diria um ex professor que estudei, um contador de belas histórias.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Com o tempo portas se abrem e se fecham. É normal nosso sonho virar realidade ou muitas vezes se decepcionarmos.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Tranquilo, carismático.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Assessoria de Imprensa. Durou por 1 ano. Foi uma experiência fantástica.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Tenho a voz um pouco grossa, gostaria de atuar na rádio. Toda profissão tem seus pós e contras, mas no jornalismo existe um brilho a mais.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Impresso, pois com a fama de que irá acabar.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sempre existe, até hoje às vezes. De meus pais para atuar em alguma área da saúde com medo de falta de trabalho em comunicação.

- Hoje, atua em outra profissão?

No momento não.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Talvez, deixar a ansiedade de lado e deixar fluir naturalmente.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Leia sempre, qualquer conteúdo que caia em suas mãos de valor. E busque fontes desde o primeiro semestre para que as portas fiquem abertas para o resto de sua carreira.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

--

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não.

- Nome? Idade?

Jeneffer 20 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

E.E. Prof. Ataliba de Oliveira

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

19 anos. Acredito que eu até poderia ter ingressado antes, pois quanto mais cedo ingressasse, mais cedo me formaria.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Estudo na Universidade Metodista de São Paulo. Entrei lá com a nota do ENEM.

- Por que Jornalismo?

Sempre fui comunicativa e sempre admirei os âncoras de telejornais. Informar o público sobre um assunto é de extrema importância para instigar o debate. A sociedade precisa estar informada e expressar sua opinião. O Jornalismo é de extrema importância para as pessoas e, atualmente, se evidencia em diferentes plataformas o que faz com que o exercício jornalístico ganhe mais adeptos.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Significa a formação da opinião pública. Manter a sociedade informada daquilo que as interessa e que interfere diretamente na vida delas.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Na verdade, eu não tinha nenhuma expectativa, no entanto, a cada dia que passa, tenho mais certeza que é exatamente esta a profissão que quero seguir.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

É bom relacionamento, porém na minha sala o debate é bastante estimulado, fazendo com que às vezes aconteça algum conflito.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Ainda não, mas estou em busca.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Ainda não entrei para o mercado de trabalho.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Pretendo atuar ainda o mais breve possível.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Todos ao meu redor me incentivam e falam que "tenho jeito para a coisa".

- Hoje, atua em outra profissão?

Por enquanto sou recepcionista.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Pretendo mudar de emprego e atuar na área jornalística.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Faça porque gosta. Quando se faz o que gosta, a paixão pela profissão só cresce.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Tenho muitas aulas práticas na faculdade. Acho interessante, pois já sou capaz de produzir matérias, a universidade me prepara para o mercado. Inclusive já tive matérias publicadas.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não.

- Nome? Idade?

Aline Cardoso Branco, 26 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Leão XIII, em Santos.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17. Completei 18 no primeiro ano da faculdade. Acho que quando você está certo do que quer fazer a idade não influencia.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

UniSantos. Fiz o vestibular só.

- Por que Jornalismo?

Sempre fui comunicativa e sempre gostei de escrever. Português e redação eram as minhas matérias preferidas. O jornalismo me fascinava na questão de contar histórias.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Hoje é a minha profissão. Por mais que eu não esteja trabalhando na minha área, eu tenho experiência suficiente para dizer que é de jornalismo que eu quero viver, é paixão.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

As melhores, mas sempre tem algo que não está bom. Tv na faculdade era fraco. Mas quando trabalhei de verdade em uma senti que era isso que eu queria.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

São as pessoas que eu levo na minha vida hoje depois de 5 anos formada. Todos. Amigos de sala q hoje são colegas de profissão e os professores também. Sinto saudades.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim. Fiz 2 anos de estágio em assessoria de imprensa de órgão público.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Quando sai da faculdade tinha mais esperança do que hoje. Hoje a frustração é grande pela não valorização. Gostaria de fazer assessoria ou voltar para a TV

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Quando eu vi que eu precisava de algo mais. Por isso fiz pós-graduação em marketing. Para abranger meu leque de opções em comunicação

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Eu não mudei de profissão. Só mudei a área. Meus pais me deram todo o apoio

- Hoje, atua em outra profissão?

Hoje estou desempregada.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Não mudaria nada.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Para se dedicar e fazer com que durante a faculdade já consiga um estágio com chance de efetivação. Conheça muita gente. Tenha um mailing atualizado. Networking hoje é tudo.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não

-
- Nome? Idade?

Gabriella, 18 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

--

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim, jornalismo.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

17 anos. No meu caso tinha o jornalismo como única opção de curso e o que seguir profissionalmente, foi essencial eu ter na prática a experiência para saber se é o que eu realmente quero seguir.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Fiz 1 semestre na FAAP e atualmente estou na Anhembi Morumbi. Entrei nas duas pelo vestibular.

- Por que Jornalismo?

Eu sempre tive a vontade de trabalhar em favor da sociedade, algo que eu pudesse escrever e ir atrás de qualquer coisa para manter o que eu acredito vivo. Somando minha personalidade, valores e o que eu quero e acredito resultou no jornalismo. Após iniciar o curso tudo o que eu desejava/desejo se reforçou com mais minha vontade de contribuir para o bom jornalismo.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Sem jornalismo impossível de viver, como sem comunicação. Jornalismo é aproximar o mundo, é registrar o tempo, histórias.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Foram atendidas, a não ser a não facilidade para conseguir um estágio.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

É bom.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Não, ainda estou cursando o segundo semestre, estou atrás de num estágio para ampliar o que aprendi na prática e ver se é realmente o que eu quero seguir, acho que só vou ter ideia concreta sobre o jornalismo quando eu ter uma experiência prática.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

O jornalismo não é valorizado como merece, observo que recém-formados ganham menos do que merecem, estágios para quem ainda está no curso é pouquíssimo e tem como requisito que você tenha pelo menos uma experiência na área o que é difícil. Gostaria de atuar em boa parte nas áreas que envolvem jornalismo.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Isso não aconteceu e espero hoje que não aconteça.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

--

- Hoje, atua em outra profissão?

--

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

--

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

--

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

--

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Sim, houve apoio.

- Nome? Idade?

Luane Tenório - 22 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola Elly de Almeida Campos - Limeira São Paulo.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim, desde o primeiro ano do ensino médio.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

Entrei na faculdade com 18 anos. Acredito que depende muito de cada um, uma decisão um pouco particular. A escolha de entrar cedo na faculdade foi minha e tive apoio da família.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Me formei no Instituto Superior de Ciências Aplicadas - entrei para a graduação por meio de avaliação da instituição particular - sem bolsa de estudos.

- Por que Jornalismo?

Escolhi a profissão por me identificar com a humanidade. Meu feeling é o jornalismo humanitário - tenho prazer em ouvir histórias e ser um reprodutor delas - o que dá vida a um simples relato.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Jornalismo em minha vida significa ajudar ao próximo com as ferramentas que possuo: um bom ouvido.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Tinha expectativa a ser uma apresentadora de TV, porém tudo mudou no terceiro semestre do curso.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Tranquilo, um sempre ajudando o outro.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, desde o segundo semestre do curso. Fiz estágio em assessoria de imprensa, TV, produção de pautas e jornal impresso.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Muitas e confesso que positivas. Entretanto, na prática é outra história. Encontrei um mercado de trabalho egoísta e vê com má olhos os novos profissionais - recém-formados.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

--

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim, houve. Receberam de forma positiva e incentivadora.

- Hoje, atua em outra profissão?

Sim, paralelamente ao jornalismo a publicidade tomou um espaço.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sim, me sinto extremamente feliz em ter me graduado em jornalismo. Mudaria a área que estou, para atuar no que definitivamente me motiva.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

A realidade não é aquilo que aprendemos na faculdade. Muitas coisas mudam. Leia e pesquise muito sobre a comunicação social e o mercado de trabalho, afim de não se frustrar ao escolher o curso.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Perguntas suficientes.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Sim, houve.

- Nome? Idade?

Gustavo, 26.

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola Estadual Major Arcy.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18, acho ideal.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Unip

- Por que Jornalismo?

Paixão pelo futebol e pelo rádio.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Significou, principalmente, uma mudança de postura e visão sobre o mundo. Não só com as coisas boas que o curso de jornalismo pode trazer (saber interpretar, formular pautas, matérias, artigos), mas também nas ruins (competição de mercado, falta de oportunidades, politicagem e falta de comprometimento com o que é notícia, e o que é "notícia de dinheiro")

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

De encontrar um mundo bem diferente do que eu achava que era antes.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Tranquilo, ainda tenho contato com muitos amigos, e sigo acompanhando a carreira de alguns professores.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Trabalhei 5 anos em diferentes rádios comunitárias. Com esporte e política. Fizemos diversos jornais esportivos e também de cotidiano, trabalhando principalmente em praças menores como Franco da Rocha, Taboão da Serra, Santana e até no sul de Minas Gerais, na cidade de São Sebastião do Paraíso. Todas, sempre encontrando problemas de ordem política. Pois, em sua maioria, as rádios espalhadas pelo Brasil são financiadas por coronéis da política local. Mandam e desmandam.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Sabia que seria difícil e de pouco retorno financeiro. Me orgulho do retorno intelectual, mas é uma decepção (ainda sem volta) entender como perdemos qualidade pela necessidade do capital.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Quando a vida exigiu que procurasse por algo de maior retorno financeiro, sabendo que nunca levei jeito para fazer lobby, ou ter as "condições" necessárias para atuar em assessoria, que costuma render mais.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim. Sem grandes emoções.

- Hoje, atua em outra profissão?

Trabalho com Marketing Digital, estudando Direito.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Não mudaria. Não acredito em caminhos errados, mas em constante aprendizagem, uns mais objetivos, outros com mais sucesso financeiro. O importante é sentir-se dando o máximo.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Esteja ciente de que é uma profissão complicada, e que se dedique a entender mais o mundo que o cerca. O jornalismo é para a gente insistente...

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Pouco.

- Nome? Idade?

Larissa, 30.

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola particular.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

20

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Unimep

- Por que Jornalismo?

Porque unia minha realização pessoal e profissional.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Tudo, uma plataforma para o acesso a diversos conhecimentos contínuos.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Parcialmente, o mercado às vezes é limitador.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Ótimo.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, tive uma experiência ruim em redação de jornal, tive uma experiência marcante como redatora de revista e também na área audiovisual e multimídia.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

O mercado desvaloriza bastante, principalmente na área textual. É bem lamentável, principalmente salários, e também é muito forte as vagas por indicação.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Na verdade, migrei para a área audiovisual, por questões financeiras.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim.

- Hoje, atua em outra profissão?

Não.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Mudaria, teria deixado um pouco de lado o fato de me dedicar tanto à área textual e teria me capacitado mais na área em que atuo hoje.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Que leve muito em conta as questões de mercado.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Sim.

- Nome? Idade?

Áurea Costa, 28.

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola Técnica de Formação Gerencial (ETFG - SEBRAE).

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

No final do ensino médio já sabia que queria o Jornalismo ou as Relações Internacionais.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

19. Não achei cedo porque foi minha escolha, era o que eu queria. Acredito que a idade ideal é aquela em que a pessoa acredita estar preparada para isso.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Centro Universitário UNA. Entrei pelo Enem (bolsista integral Prouni).

- Por que Jornalismo?

Eu sempre gostei muito de ver TV. E morava numa cidade pequena, só via os canais abertos. Acho a TV uma mídia sensacional e sempre tive muita vontade de trabalhar com televisão, como jornalista ou produtora de um jornal.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Hoje significa um pouco de decepção e descrença. Mas no passado significou verdade, credibilidade, utilidade, informação de qualidade.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Entrei decidida a trabalhar em TV, então ansiava pelas aulas de telejornalismo. Esperava um curso cheio de informação e aprendizado, com muitas oportunidades de estágio em TV, rádio, jornais... nas grandes empresas de comunicação. As oportunidades não eram tantas (aliás eram bem poucas), desde a faculdade as grandes empresas já eram bem fechadas, mas o curso em si atendeu minha expectativa sim.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Meu relacionamento era ótimo, principalmente com os professores. Minha turma era pequena e em geral todos se davam bem, apesar de alguns serem mais dispersos que outros.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Fiz 2 anos de estágio no jornal da faculdade e 3 meses em um jornal impresso de grande circulação. No jornal da faculdade era ótimo, fiz várias atividades e aprendi muito. Mas o estágio no impresso foi horrível, totalmente diferente do que eu esperava, me decepcionei muito com o jornalismo "profissional" nesse estágio.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Eu esperava colegas mais unidos, um ambiente descontraído sem ser hostil, profissionais animados e realmente inspirados pela profissão. Oportunidades eu já percebi na faculdade que eram poucas, mas passei o curso todo acreditando que se eu desse o meu melhor conseguiria as melhores oportunidades. Infelizmente não é bem assim. Eu era louca para fazer TV e mesmo sendo talentosa e estudando com dois cinegrafistas da Globo (que eram meus amigos e colegas de grupo na faculdade), não consegui uma oportunidade lá, nem de estágio, nem de emprego. Era um sonho que não realizei, trabalhar em TV, mas hoje em dia nem quero, pois vejo os amigos que trabalharam falando que é um ambiente muito competitivo, onde as pessoas só querem subir sem se preocupar com os outros. A profissão de jornalista em geral não acho

valorizada, independente do meio de comunicação que a pessoa atua. Paga-se muito mal, exige-se muito e na maioria das vezes o conteúdo que o profissional cria é cortado ou engavetado por interesses editoriais e econômicos. Isso é ainda mais desanimador do que os baixos salários.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Desde a faculdade fui percebendo que o mercado era fechado, tanto que a maioria das oportunidades de estágio que surgiam era na área de Assessoria de Comunicação, que eu odiava antes de conhecer. Entrei para a faculdade jurando que nunca faria Assessoria, mas meu primeiro estágio foi nessa área e foi maravilhoso, então me apaixonei pela Comunicação Organizacional. Estagiei nessa área em dois locais diferentes, ambos do setor público, e gostei muito. Mas ainda tinha o sonho de experimentar TV, só com o passar do tempo esse sonho foi morrendo. Como as melhores oportunidades que surgiam era na área de Comunicação Organizacional, acabei indo naturalmente para esse lado depois que me formei. Depois, quando fiz uma pós-graduação em Comunicação Digital, acabei indo parar nas agências de publicidade, atuando como Analista de Redes Sociais. Ainda trabalho criando e gerenciando informação, mas não sou uma jornalista no estilo repórter. Acho que hoje me considero mais uma profissional de Comunicação do que uma Jornalista.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Bom, não mudei totalmente. Estou tentando concursos na área, tenho planos de abrir uma assessoria com uma amiga e paralelamente quero cursar Arquitetura. Todas essas minhas ideias recebem muito apoio da minha família, namorado etc, então fico bem tranquila para seguir o caminho que julgo melhor.

- Hoje, atua em outra profissão?

Como disse anteriormente, atuo como Analista de Redes Sociais e me considero hoje mais uma profissional de Comunicação do que uma Jornalista. Essa nova direção na minha carreira veio com minha decisão de fazer uma especialização na área de Comunicação Digital, onde vi muitas oportunidades por causa da expansão das comunicações via internet.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sou em geral uma pessoa feliz, mas minha trajetória profissional hoje não me agrada. Sempre acreditei que bastaria ser a melhor para conquistar as melhores oportunidades, mas no mercado de Jornalismo/Comunicação não é bem assim, pelo menos não aqui em Minas Gerais. Aqui para conseguir uma boa oportunidade você precisa mais de um bom contato do que de um bom currículo, já que na maioria das vezes ele nem é visto por quem contrata se você não tiver um conhecido para colocá-lo nas mãos da pessoa certa. Acho isso lamentável, para mim é a pior parte desse mercado, porque eu sou uma profissional talentosa e não consigo as oportunidades que quero porque não tenho o melhor contato, a indicação mais forte. E mesmo as oportunidades que tive até hoje foram quase sempre por indicação. Esse não deveria ser o principal critério para contratar alguém. Não me arrependo de ter feito Jornalismo, foi um sonho realizado, uma paixão que consegui concretizar. Mas hoje, olhando para trás, se pudesse voltar no tempo teria buscado uma profissão que me possibilitasse ganhar o suficiente para ter uma vida mais tranquila e só então iria realizar o sonho da faculdade. Acho que faria um concurso, para ter um salário mais certo e depois faria a faculdade de Jornalismo.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Se é seu sonho faça, mas mesmo que hoje você não se preocupe com grana já comece a pensar em como vai ganhar dinheiro, porque é uma carreira de poucas oportunidades e muitas vagas com salários baixos. Seja empreendedor. Uma professora da faculdade sempre dizia: na Comunicação há poucos empregos e muito trabalho. A realidade é exatamente essa, trabalho sempre tem, mas emprego é difícil e mesmo a remuneração de freelancer às vezes é muito baixa e injusta.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não, a decisão foi minha. Houve apoio quando eu já tinha decidido.

- Nome? Idade?

Edienari, 28 anos.

- Onde você estudava no ensino médio?

Escola estadual Liceu Piauiense.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Sim, desde os 10 anos.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

18 anos. Pouca idade e muitas confusões, com mais idade e maturidade faria o curso de forma mais proveitosa.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Faculdade Santo Agostinho, Teresina/Piauí. Bolsa PROUNI.

- Por que Jornalismo?

A ideia romântica de querer mudar o mundo. Contribuir de alguma forma. Sou aquariana e a convicção humanizada da coisa é regente em mim. Pensar no coletivo.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Tudo e nada. O tudo condiz a resposta a cima e nada e pouco se pode fazer com interesses empresariais impregnados na rotina produtiva dos profissionais.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

As melhores... trabalhar em grandes meios. Ser reconhecida. Ter grana...

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Os mantenho sempre "perto". Relação facilitada pelas redes sociais. Sempre trocamos ideias.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, em portal, rádio, TV universitária. Ganhei experiência no modo de tratar o acontecimento nestes veículos. Permaneci de 3 a 6 meses.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Mercado totalmente desvalorizado e afunilado. Quem tem o Quem Indica forte... Por mais vagabundo que tenha sido durante a formação, ganha espaço com facilidade. Mas quem labuta batendo de porta em porta com o currículo de baixo do braço encontra muitos obstáculos. Contar com ajuda divina é o que resta.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Ocorreu não por vontade própria, mas por circunstâncias da vida. Hoje moro em SP, local onde não me formei. Não conhecer pessoas que possam me ajudar e não conhecer o caminho das pedras me fizeram enveredar por outro caminho, que não do meu agrado, mas por sobrevivência. Sou bem frustrada quanto a isso. Hoje atuo como recepcionista num laboratório.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Não houve surpresa. Não discriminaram. Até porque tenho que ter um ganha pão e se não acontece de um jeito tem que ser de outro modo.

- Hoje, atua em outra profissão?

Recepcionista num laboratório. Não foi uma escolha voluntária.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Agradeço por ter um emprego, mas gostaria de estar atuando na área de minha formação. É uma sensação de frustração constante.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Profissão de muita luta e pouco reconhecimento. Se tiver a veia para coisa, vá em frente, mas se pensa em mudar o mundo e ganhar grana, cai fora.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Não houve apoio ou incentivo, mas interferiram.

-
- Nome? Idade?

Juliana, 23

- Onde você estudava no ensino médio?

CG – Gama.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

Não, nunca tive.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

19, acho que se você tem certeza do quer estudar e da profissão que vai seguir é uma idade ótima. Caso contrário é uma pressão muito grande a de escolher o que fazer correndo o risco de não ter 100% de certeza, e notar no meio, ou pior, no fim do curso que não era aquilo que você queria.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Universidade Católica de Brasília. ENEM.

- Por que Jornalismo?

Sempre gostei de escrever, tenho facilidade e escrevo bons textos. Tenho uma afeição muito grande pela língua portuguesa, gosto de saber o jeito certo de se construir uma oração, de conhecer o nosso idioma. Creio que isso me ajude a escrever bem. Também gosto de ler, mas a parte escrita me conquistou muito mais.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Ainda não sei.... Estou lutando para terminar o curso, tentando me convencer de que vou terminar sim! Não vale a pena parar agora, é uma reflexão diária.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Imaginava que haveriam... Subdivisões de acordo com a aptidão de cada um. Por exemplo: Eu gosto de escrever, daí em determinado semestre teríamos uma divisão da turma em áreas para que cada pessoa optasse por estudar mais profundamente aquilo que lhe agrada. E assim por diante.... Quem gosta de fotografia, de TV de assessoria...

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Bastante superficial. Nunca me senti inserida no universo que colegas e professores compartilhavam. Talvez por trabalhar enquanto estudava, nunca tive muita disponibilidade de tempo para conversar com o professor depois da aula, ou tomar suco com os colegas. Sim, colegas, porque não cheguei a fazer amigos. Acho q isso foi ruim, e não por indisposição minha, mas eu sentia que não tinha muito em comum com aquelas pessoas. Talvez se tivesse conseguido mais proximidade com algumas delas, eu tivesse tido ajuda em grandes dificuldades que tive ao longo do curso, dificuldades que inclusive me fizeram trancar o curso.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Não. Por causa da necessidade de trabalhar.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Não gostaria de atuar em nenhum dos meios citados. Não tenho a menor habilidade para trabalhar na correria de uma redação, nem aquela expertise de um repórter para salvar uma pauta que caiu 1 hora antes do de admite. Sou tímida, me aflige absurdamente a ideia de ficar "no pé" de uma fonte para conseguir uma fala. Penso em assessoria, ou comunicação empresarial, mas como disse, estou dando um passo de cada vez. Agora tentando apenas avançar mais um semestre

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Quando cheguei na parte das matérias práticas na faculdade. Não tenho habilidade em foto, em TV, em rádio ou entrevistas. Se conseguir trabalhar na área, certamente não será em nenhuma dessas funções.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Sim, houve. Mas pessoalmente eu não tenho certeza do que fazer. Sinto que não posso desistir agora porque foi muito tempo investido nisso. Eu tinha que terminar, mas ao mesmo tempo não sei se dou conta.

- Hoje, atua em outra profissão?

Não.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Estou fazendo as tais escolhas neste momento rrsrs (risos). Sou muito intuitiva, penso que devia tentar de novo e concluir o curso. Se dessa vez não conseguir, aí é porque realmente não é para mim. E aí já tenho um plano B.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Pesquise. Muito. Antes de começar. Faça pesquisas, se for possível converse com gente já formada, pergunte o que eles fazem, e pense se saberia fazer o mesmo. Não se baseie só em uma característica, como "gosto de ler e escrever" isso é muito superficial. Pesquise.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Sim, você fala sobre instituições onde estudamos, acho que isso de certa forma puxa a questão do estudante bolsista. Imagino que dependendo do caso, haja uma pressão familiar ao decidir mudar de carreira, mas quando se é bolsista, talvez essa pressão seja ainda maior, pois em muitos casos, está é a única oportunidade que o estudante tem de se formar num curso superior. É como se ele não pudesse errar. Claro que há oportunidades de permanência no curso em caso de reprovação ou de trancamento de matrícula, mas ainda assim, é como se o aluno não pudesse, não tivesse a opção de mudar de idéia, de dizer "eita, acho que descobri o que gosto de fazer, mas não é isso".

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar?

Apoio, influência não.

-
- Nome? Idade?

Mirna Tonus, 46.

- Onde você estudava no ensino médio?

Colégio Pentágono, Santo André, SP.

- Quando você estava no ensino médio você já tinha convicção de que profissão iria ter?

No fim do ensino médio, sim.

- Com quantos anos você entrou na faculdade? Acha muito cedo entrar com essa idade ou acredita que esta idade é a ideal para começar uma faculdade?

19, para mim, foi bom. Terminei o ensino médio com 17.

- Qual faculdade estudou? Entrou pelo vestibular? PAS? Enem? Outro sistema de avaliação?

Universidade Metodista de Piracicaba. Vestibular.

- Por que Jornalismo?

Tinha vontade de escrever, sempre gostei. Tentei ingressar em um jornal e me disseram que tinha de fazer faculdade antes. Fiz.

- O que significa jornalismo na minha vida?

Sou apaixonada pelo jornalismo até hoje. Acho importantíssimo o papel social que ele tem. Hoje, lido com jornalismo de outra forma, na formação universitária de novos jornalistas. O jornalismo me possibilitou exercer o desejo de escrever, permitiu que eu me aprimorasse na escrita e nas narrativas, foi com ele que consegui sustentar minha família e conquistar tudo que tenho hoje, material e pessoalmente.

- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso quando entrou na faculdade?

Queria escrever. Pude escrever bastante. Fiz um trabalho de conclusão que me permitiu conhecer o mercado local, no qual atuei por um bom tempo na área que pesquisei. Foram atendidas.

- Como era seu relacionamento com as pessoas do seu curso?

Muito bom. Há professores que se tornaram meus amigos e o são até hoje. Da mesma forma alguns colegas.

- Chegou a fazer estágio em jornalismo?

Sim, em jornal impresso. A experiência foi ótima e me permitiu conhecer a realidade de uma redação muito cedo.

- Quais eram suas expectativas em relação ao mercado de trabalho?

Minhas expectativas eram poder fazer o que gostava. E pude. Atuei em várias áreas: jornal, rádio, assessoria de imprensa, internet. Menos TV, da qual só gostava dos bastidores, da edição. Sempre tive oportunidades e não desperdicei.

- Em que ponto da sua vida você decidiu não atuar na área do jornalismo?

Comigo foi o contrário, estudei processamento de dados e trabalhei como digitadora antes da faculdade. Então, parti para o jornalismo. Se bem que teve um momento em que me deu vontade de parar tudo e plantar ervas aromáticas (rssss). No dia seguinte à decisão, fui convidada a lecionar em um curso de jornalismo e publicidade. Mudei de forma, mas não de área.

- Houve apoio das pessoas ao seu redor? (Família, namorado(a), marido/esposa, amigos)
Como foi contar a eles sua decisão sobre o Jornalismo?

Tive apoio mesmo quando disse que iria desistir do jornalismo e iria plantar ervas.

- Hoje, atua em outra profissão?

De certa forma, sim. Creio que expliquei anteriormente.

- Você se sente feliz com as suas escolhas? Se pudesse mudar algo em sua vida, o que mudaria?

Sinto-me muito feliz. Gostaria de ter participado mais de eventos enquanto estudante, e mesmo enquanto docente, enquanto atuava em instituição privada, que não apoia os docentes para isso. Tive de priorizar o sustento da família em diversas ocasiões.

- Que conselho você daria para quem pensa em cursar Comunicação Social - Jornalismo?

Leia, leia, leia. E se entregue.

- Gostaria de compartilhar algo que não perguntei?

Não.

- Gostaria de deixar telefone, e-mail ou Facebook, para que eu possa entrar em contato?

--

- Na escolha da sua profissão, houve influência ou apoio familiar? Apoio
-